

**Mestres e mistérios  
do  
magnetismo**

*Giovanni Sciuto*



*Título original*

LES MAÎTRES ET LES MYSTÈRES DU MAGNÉTISME

© Éditions Balland, 1979

*Tradução de*

Domingos Mascarenhas

*Capa de*

Luiz Duran

Direitos de tradução  
para a língua portuguesa  
reservados pela Editora Ulisseia, Limitada

Composto e impresso  
na Tipografia Lousanense

*Giovanni Sciuto*

**Mestres e mistérios  
do magnetismo**

CCSP  
Divisão de Bibliotecas



EDITORA ULISSEIA



CCSP-01045966

Sistema Alexandria  
A.L. : 1171247  
Tombo : 1739518



134.0162  
5419m

T. 1739518  
NA. 1171247



MESMER E OS SEUS  
DISCÍPULOS



THE HISTORY OF THE  
CITY OF BOSTON



## MESMER, «O COMETA»

Durante a sua vida, Franz-Anton Mesmer (1734-1815) ora é considerado génio, ora charlatão. Primeiro, aplaudido e venerado, depois, desacreditado e desprezado, Mesmer atravessa o firmamento médico com o brilho de um cometa destinado ao esquecimento. Raros dos seus contemporâneos adivinharam que chegaria o dia em que a própria medicina oficial utilizaria terapêuticas (sofrologia, hipnose, electromagnetismo) directamente derivadas das ideias daquele «visionário».

### **O impacte da Natureza**

Filho de um guarda florestal da Suábia, Mesmer cresceu nas margens do lago Constança. Os fenómenos da Natureza intrigam-no, marcam-no para sempre. Os anos universitários não apagarão a lembrança da infância e da adolescência passadas em contacto com as «forças secretas que animam o universo». Pelo contrário.

Mesmer vive depois na capital austríaca. Os seus diplomas permitem-lhe ensinar filosofia ou tornar-se advogado. Não faz nada disso. Numa idade em que outros o abandonam, retoma o estudo. Escolhe, desta vez, um caminho em conformidade com as suas aspirações da juventude, e, em 1766, obtém o seu terceiro doutoramento... o de medicina!

Tem trinta e dois anos. A sua tese assevera que os planetas influenciam o estado de saúde dos humanos. Por outras palavras, acaba de lançar as bases da cosmobiologia moderna...

### **Primeiros êxitos**

Por ter casado rico, Mesmer pode consagrar-se mais às suas pesquisas do que propriamente ao exercício da medicina. É assim que redescobre uma terapêutica já conhecida na Idade Média, e depois praticada no século XVII por Paracelso: a que recorre aos predicados curativos do íman. Vai mais longe: na sua opinião, o homem possui um «fluido magnético» que é possível utilizar com fins curativos. Aristocratas conhecidos e sábios reputados contam-se entre as suas primeiras «cobaias», em experiências que resultam em curas espectaculares.

Célebre, eleito membro da Academia das Ciências de Munique, Mesmer começa a abalar seriamente os princípios da medicina tradicional, quando um imprevisto detém a sua rápida ascensão: o amor.

Entre outros pacientes cujo estado necessita de tratamento magnético seguido, encontra-se, na casa vienense de Mesmer, uma jovem música que sofre de cegueira psicossomática. Cura-a. E ela apaixonou-se por ele e não mais quer deixá-lo. O caso provoca escândalo. Todos os inimigos de Mesmer aproveitam a oportunidade para redobram os seus ataques. Cansado de resistir, o «médico sedutor» decide deixar a cena.

### **A conquista de Paris**

Mesmer chega à capital francesa em Fevereiro de 1778. Tem quarenta e quatro anos e sabe o que faz: os círculos científicos de Paris mostram-se muito abertos, os Parisien-

ses parecem gulosos de novidades médicas e Luís XVI não poderá deixar de manifestar certa simpatia por um inovador vindo directamente da cidade natal da sua mulher...

Este cálculo revela-se em parte justificado. A maioria dos sábios oficiais encolhe os ombros ao ouvir as exposições de Mesmer ou ao observar os seus trabalhos práticos, mas os cavalheiros e damas da corte empenham-se em querer experimentar os «cuidados miraculosos» de que tanto se fala. O rei começou por fazer-se rogado, mas acabou por ceder... Mesmer obtém de Luís XVI vinte mil libras de renda e uma gratificação de dez mil libras para a formação de facultativos.

Mesmer torna-se rapidamente o pólo de atracção da vida mundana parisiense. A alta burguesia segue o exemplo da aristocracia: ser tratado pelo magnetismo é de bom tom, tanto mais que, segundo o rumor público, a própria rainha Maria Antonieta consulta esse médico que não é como os outros.

Mesmer vê-se afogado em clientela. Para fazer face à maré de pedidos, põe em prática um sistema que lhe permite tratar trinta pessoas simultaneamente.

### O «rito» mesmeriano

Os pacientes são introduzidos no enorme salão elegantemente mobilado do luxuoso apartamento que Mesmer alugou quando chegou a Paris<sup>1</sup>. Alinham-se em torno de uma enorme dorna de madeira, inteiramente tapada, de onde saem hastes de ferro, e também cordas...

Os assistentes do doutor explicam:

«Coloquem a parte doente do vosso corpo em contacto com a extremidade de uma destas hastes ou destas

---

<sup>1</sup> Actualmente, n.º 16 da Praça Vendôme.

cordas. Como vêem, estão ligadas entre si por esta corda mais grossa, que dá uma volta completa. Vamos colocá-la em torno de todos vós, a fim de ficarem apertados uns contra os outros. Trata-se de um imperativo exigido pelo doutor Mesmer. Devem ficar igualmente de mãos dadas, para assegurar a passagem mais potente do fluido magnético...»

Mas que esconde a misteriosa selha que ocupa o centro do aposento? Mesmer revela-o num dos seus escritos:

«Uma selha é uma espécie de dorna redonda, quadrada ou oval, de diâmetro proporcionado ao número de doentes que se quer tratar. Aduelas espessas, ligadas, pintadas e juntas de maneira a vedar a água, com cerca de um pé de profundidade, e com a parte superior mais larga uma ou duas polegadas que a inferior, são recobertas por uma tampa em duas partes, cuja articulação é encaixada na dorna, ficando o seu rebordo apoiado imediatamente no rebordo da dorna, à qual a tampa é presa por parafusos; no interior, alinham-se garrafas em raios convergentes da circunferência para o centro, colocam-se outras camadas em torno, com o fundo apoiado à dorna, com a altura de uma só, deixando entre elas o espaço necessário para receber o gargalo de outra; feita esta primeira disposição, coloca-se no meio do recipiente uma garrafa em pé ou deitada, da qual partem todos os raios, que se formam primeiro com meias garrafas, e depois com garrafas grandes, quando a divergência o permite; o fundo da primeira fica ao centro, com o gargalo entre o fundo da seguinte, de maneira que o gargalo da última vá até à circunferência. Estas garrafas devem ser cheias de água, rolhadas e magnetizadas<sup>2</sup> da

---

<sup>2</sup> Ainda nos nossos dias, certos curandeiros magnetizam a água com fins curativos, nela descarregando o seu fluido, directamente ou a distância.

mesma maneira; é desejável que o sejam pela mesma pessoa. Para dar mais actividade à dorna, põe-se uma segunda e uma terceira camadas de garrafas sobre a primeira; mas, geralmente, faz-se uma segunda que, partindo do centro, recobre o terço, a metade e os três quartos da primeira. Enche-se em seguida a dorna com água até certa altura; mas sempre em quantidade suficiente para cobrir todas as garrafas; pode juntar-se limalha de ferro, vidro pilado e outros corpos semelhantes, a respeito dos quais tenho sentimentos diversos.»

Faz-se silêncio. Os privilegiados que dispõem de meios financeiros para serem tratados pelo Dr. Mesmer formam a cadeia (tal como numa loja maçónica) dando-se as mãos.

Em passo lento e cerimonioso, um dos assistentes do mestre avança para a dorna, toca-lhe com uma varinha de ferro e depois magnetiza pela mesma forma cada um dos pacientes, aflorando esta ou aquela parte do respectivo corpo, conforme as doenças de que sofrem... ou pretendem sofrer.

Faz-se ouvir um piano. As notas de música realçam o aspecto quase religioso da cura, mas contribuem também, segundo parece, para a melhor propagação do fluido magnético. Depois, só falta esperar...

Ao fim de algum tempo, os primeiros sintomas aparecem. Os magnetizados sentem sensações de calor local ou generalizado. Alguns começam a transpirar, outros escarram ou tosse. Há também os que não sentem absolutamente nada.

Depois, eis que uma dama dá a impressão de estar possessa: de olhos esbugalhados, torce-se, grita, baba-se e range os dentes...

Chegou o grande momento. O Dr. Mesmer entra no aposento. Serenidade quase sobrenatural parece desprender-se da sua fisionomia. Alto e forte, com uma testa

muito grande, inspira respeito e confiança; nos lábios sensuais, um sorriso benévolo. Aproxima-se da dama em convulsões, toca-a com a sua varinha de ferro e diz-lhe alguma coisa. A mulher agita-se ainda mais. Ri, chora, e acabaria por cair se Mesmer não a fizesse transportar para o aposento contíguo, que tem as paredes e o soalho acolchoados. A paciente poderá suportar aí a salutar «crise magnética» sem se ferir.

O exemplo é contagioso. Outras mulheres contorcem-se, sendo igualmente conduzidas para a «sala das crises».

Sempre calmo, Mesmer completa a ronda. Para desencadear reacções magnéticas, fala a uns, dá toques em outros, por vezes contenta-se com um olhar. Se o paciente se mostra insensível aos seus processos, magnetiza-o directamente com os dedos.

### Autêntica moda

Não comparecem às sessões da dorna unicamente doentes ou pessoas que querem seguir um tratamento preventivo (Mesmer afirma, com efeito, que o magnetismo permite «a preservação das doenças»). Poder alguém gabar-se de ter passado pelo gabinete do Dr. Mesmer prova que se interessa pelo progresso da medicina. Não faltam, igualmente, homens e mulheres que vão por outros motivos. Não é acaso agradável experimentar prazerezinhos «inocentes»? Encostar-se, durante horas, a pessoas do sexo oposto, trocar olhares, suspiros e suaves toques seguidos ou não por um encontro galante — em nenhuma outra parte isso é possível a pretexto de tratamento médico...

Alguns tanoeiros especializam-se no fabrico de dornas mesmerianas. Fornecem-nas ao inventor — que abre gabinetes complementares —, a antigos discípulos de Mesmer,

decididos a fazer-lhe concorrência, bem como a particulares desejosos de se tratarem em casa<sup>3</sup>.

A gente do povo escuta maravilhada o relato daquelas curas prodigiosas que saram sem necessidade de sofrer sangrias, clisteres e outras «torturas». Querendo beneficiar mais gente com o seu método, Mesmer instala uma dorna para uso dos pobres, que serão tratados gratuitamente. O afluxo é tão grande que depressa tem de magnetizar uma árvore, no fim da Rua Bondy, conforme anota Jean Douven<sup>4</sup>, acrescentando: «Atando-se à árvore com cordas, milhares de doentes procuraram ali a sua cura.»

### Demasiadas ambições

Também em Paris, Mesmer pode orgulhar-se não só pela satisfação total dos doentes que nele confiaram, mas igualmente pela cura de numerosos cépticos, que dele se aproximaram para o pôr à prova. Nesse número figuram alguns cientistas eminentes. Mesmer decide então exigir o reconhecimento oficial dos seus méritos, bem como a atribuição de fundos ainda mais importantes. Não será digno de poder continuar as suas pesquisas em condições verdadeiramente ideais?

Mas o rei hesita em abrir ainda mais os cordões à sua bolsa. Mesmer zanga-se e parte para a Flandres, dando a entender que só voltará a França no dia em que o magnetismo aí for incondicionalmente apoiado.

Durante a ausência do mestre, um dos seus antigos alunos, o Dr. Deslon, sonha em tornar-se o «grande senhor» do magnetismo em França. Se bem que baseando-se no

---

<sup>3</sup> Uma dorna mesmeriana fabricada para três pessoas é ainda hoje conservada no Museu de Medicina de Lyon.

<sup>4</sup> *Les pouvoirs de l'Hypnose*, Ed. Dangles.

ensino recebido, elabora o seu método curativo pessoal. Considera-o melhor do que o do seu mestre. A vaidade leva-o, então, a cobiçar o reconhecimento oficial que o fundador do magnetismo não conseguira obter...

Mesmer regressa a Paris, mas demasiado tarde. As diligências do Dr. Deslon logram êxito: em 1784, dois comissários são designados para informar o rei sobre as virtudes do magnetismo. Não são os trabalhos do próprio Mesmer, mas os desse Dr. Deslon e de outro pretenso magnetizador que serão apreciados...

O célebre Benjamin Franklin, Lavoisier e outros sábios ilustres compõem as duas comissões reais, que contam catorze membros no total. Físicos, químicos ou médicos, todos desfrutam da mais elevada consideração. O seu veredicto não poderá deixar de ter consequências decisivas, num sentido ou noutro.

As experiências realizam-se e as sumidades científicas e médicas elaboram os seus relatórios. Neles se lê, entre outras coisas:

«...Todos são submetidos àquele que magnetiza; mesmo que se encontrem numa modorra aparente, a sua voz, um olhar, um sinal, retira-os dessa situação. Não se pode deixar de reconhecer nesses efeitos constantes um grande poder que agita os doentes, os domina, e cujo depositário parece ser aquele que magnetiza...»

Mas, mais adiante, aparece a condenação que vai travar o desenvolvimento do magnetismo durante dois séculos:

«...Nada prova a existência do fluido magnético [...] os toques, a acção repetida da imaginação, para produzir crises, podem ser nocivos [...] o espectáculo dessas crises é perigoso, impele à imitação e, por conseguinte, qualquer tratamento público em que os meios do magnetismo sejam utilizados apenas pode ter, a longo prazo, efeitos funestos.»

Além disto, sublinha-se o papel da auto-sugestão:

«...ficou demonstrado por experiências decisivas que a imaginação sem magnetismo produz convulsões e que o magnetismo sem a imaginação não produz nada...»

Somente o botânico Antoine-Laurent Jussieu não se associa à «tentativa de assassinio» do magnetismo. Em lugar de assinar o acto de acusação que exprime o parecer unânime dos outros inquiridores, redige o seu próprio relatório, assinalando:

«a eficácia dos tratamentos magnéticos ou, por outras palavras, o facto de que garantem curas;

«a necessidade de se prosseguirem pesquisas no quadro da 'medicina por toques'.»

### **O carvalho fulminado**

Pouco importa que os malogros tenham sido verificados com os seus concorrentes e não consigo: Mesmer perde a popularidade. O magnetismo estava associado ao seu nome. O raio que queimou «as ervas loucas» da sua disciplina pôs termo, no mesmo momento, à evolução das suas próprias actividades em solo francês. Sem prosseguir nas consultas regulares, limita-se, doravante, a curtas estadas em Paris. Vai à Inglaterra e à Prússia.

1789. A França é abalada pela Revolução e depois perturbada por uma série de guerras. Apesar das preocupações de toda a ordem que afligem o país, a lição de Mesmer fica gravada na memória de alguns. Espíritos esclarecidos como o marquês de Puységur, por exemplo, continuam a fazer experiências magnéticas...

Volta a paz. Alguns antigos alunos de Mesmer e certas pessoas de alta condição que não esqueceram que ele as curara intercedem a seu favor. Napoleão Bonaparte concede-lhe uma pensão. Mesmer não a aproveita para tornar a instalar-se em Paris. De preferência a expor-se a novas decepções, retira-se para a sua terra natal, na margem do

lago Constança. É lá que recebe, em 1812, três anos antes da sua morte, a mais lisonjeira das propostas: o rei da Prússia convida-o a ocupar uma cadeira da Faculdade de Medicina de Berlim.

Tal reconhecimento concreto — mas tardio — do interesse do seu método alegra Mesmer. Mas já está cansado, sobretudo moralmente. Em Viena, e depois em Paris, obteve apenas triunfos efêmeros. Irá tentar, aos setenta e oito anos, nova ascensão? Não. Prefere que o ensino oficial da sua ciência seja assegurado por um dos seus discípulos. Quanto a ele, e é esse o paradoxo moral da sua vida, termina os seus dias curando não já aristocratas e sábios ilustres, mas miseráveis, que trata benevolamente.

## A SEMENTE GERMINA

Mesmer não semeou ao vento. É certo que as suas teorias têm lacunas. Não assentam ainda em explicações científicas convincentes, sem dúvida alguma. Mas, e ainda no século XIX, até aqueles que têm boas razões para combater um método médico diametralmente oposto ao seu são obrigados, no seu íntimo, a inclinar-se perante os resultados obtidos pelo tratamento magnético. Por maioria de razão, a lição mesmeriana é retida por homens que se preocupam, acima de tudo, com a cura dos seus semelhantes. É assim que, paralelamente à abertura de um hospital mesmeriano em Berlim, onde numerosas centenas de doentes são tratados todos os meses, o magnetismo progride em França, na Inglaterra, e até na Índia...

### A contribuição do marquês de Puységur

O marquês de Puységur (1751-1825) não usa dornas ou tinas, mas segue o método de Mesmer, convidando os seus pacientes, simples camponeses, a segurarem as extremidades das cordas atadas a uma árvore que previamente magnetizou. Os doentes amodorraram-se e depois afirmam que se sentem melhor ou que estão completamente curados.

Depois desta primeira fase, o marquês de Puységur experimenta a magnetização directa. É assim que um dos

seus criados, um certo Vítor, cai num sono especial: embora adormecido, exprime-se subitamente em termos sábios, explica a sua doença, indica que tratamento lhe faria bem... Seguidamente, sempre em estado de magnetização, é capaz — ele que é analfabeto — de formular diagnósticos precisos sobre os outros doentes. O marquês poderá escrever: «Qualquer doente neste estado, bem dirigido por um magnetizador experimentado, não só conhece a causa, ajuíza os sintomas e anuncia o termo dos seus males, como ainda indica os meios que podem ajudar a Natureza a cumprir o trabalho da cura.»

Trata-se de uma descoberta importante: o «sonambulismo provocado». Constitui, também, a primeira observação dos fenómenos de clarividência susceptíveis de serem desencadeados pela magnetização.

### **O papel de Deleuze**

O naturalista Deleuze (1753-1835) também não retoma a técnica da dorna. Os seus trabalhos orientam-se, pelo contrário, na direcção oposta. Para ele, o magnetismo deve ser uma terapêutica individualizada e acompanhada. As suas experiências revelam as virtualidades curativas dos «passes magnéticos», mas confirmam igualmente as conclusões do marquês de Puységur quanto aos efeitos do sonambulismo magnético.

### **As realizações do barão do Potet**

Apaixonado pelas ciências, o barão do Potet (1786-1881) estuda demoradamente o magnetismo, aperfeiçoa-se na matéria e manifesta depois capacidades magnéticas tão convincentes que os médicos parisienses patenteiam-lhe a sua confiança, convidando-o a tornar-se seu colaborador.

Graças aos seus tratamentos, dispensados no recinto «sagrado» dos hospitais, doentes considerados incuráveis recuperam a saúde. Pratica frequentemente anestésias magnéticas no Hôtel-Dieu de Paris e noutros estabelecimentos hospitalares da capital francesa, antes de seguir para Inglaterra...

Em Londres, o barão do Potet converteu o eminente cirurgião Elliotson ao magnetismo. Elliotson explorará depois sistematicamente a anestesia magnética. No seu Mesmeric Hospital londrino, inaugurado em 1846, impressionante número de doentes beneficiará assim de intervenções cirúrgicas indolores. Este exemplo será seguido em todo o país.

Mais tarde, em Calcutá, o Dr. James Esdaile aplica também o método aperfeiçoado pelo barão do Potet e «lançado» por Elliotson. Esdaile cria, na segunda metade do século XIX, um hospital mesmeriano calcado sobre o modelo dos que já existiam na Grã-Bretanha. Aí anestesia pelo magnetismo mais de dois mil doentes, antes de os operar com o maior êxito.

### **Lafontaine, «embaixador» do magnetismo**

O suíço Charles-Léonard Lafontaine (1803-1892) contribui, por sua vez, para a elaboração das teorias mesmerianas. Prova, de maneira diferente, o bom fundamento do ensino do Dr. Mesmer, em digressões pela Europa. Uma dessas múltiplas demonstrações públicas, a que efectua em Manchester, está na origem dos trabalhos do Dr. James Braid, que vai aperfeiçoar uma técnica muito próxima do magnetismo e, na realidade, dele derivada: a hipnose. Até os círculos médicos franceses se interessam seriamente pelo assunto (Broca, Velpéau, Liébault, Bernheim, Charcot...), que acabará por obter «direito de cidade» nos hospitais do

mundo inteiro, quer na sua forma original, na qual o doente tem papel passivo, quer na sua nova versão, a sofrologia, que implica a participação activa do paciente.

### **Reconhecimentos oficiais abortados**

Escassos dez anos depois da morte de Mesmer, a corrente de simpatia em relação ao magnetismo assume subitamente tal amplitude em França que, a 28 de Fevereiro de 1826, doze membros da Academia de Medicina são nomeados para formar nova comissão de inquérito. Durante cinco anos, os inquiridores observam curas magnéticas. Nos hospitais, em estabelecimentos particulares ou até no domicílio de pacientes magnetizados, registam meticolosamente os métodos dos seus confrades médicos ou de magnetizadores desprovidos de diploma médico. Verificam malogros, mas também curas que os surpreendem, curas que os processos clássicos não deixariam esperar.

Volumoso relatório é redigido e depositado no serviço competente da Academia de Medicina, em 1831. Nele, os factos são relatados objectivamente. Por unanimidade, os signatários exprimem parecer favorável. Sugerem até que a Academia encoraje as pesquisas sobre o magnetismo.

Os raros magnetizadores que têm o privilégio de tomar conhecimento desta conclusão rejubilam. Imaginam que a sua profissão poderá ser doravante exercida com pleno apoio da medicina oficial. Era não levar em conta as «forças reaccionárias»...

Um dos académicos chamados a examinar o relatório, o Dr. Castel, estima que o seu conteúdo faz correr o risco de comprometer os «conhecimentos psicológicos» adquiridos, e insurge-se contra a sua publicação: «...seria perigoso propagar estes factos por meio da impressão», pretende. Este grito de alarme sensibiliza a honorífica assembleia,

que decide não publicar o texto do relatório. A opinião pública ficará na ignorância total dos resultados do inquérito. Os detractores do magnetismo poderão continuar a sua obra.

A tentativa de dar a conhecer o magnetismo como meio de suprimir a dor operatória será também condenada a malogro em França. Um médico de espírito aberto, o Dr. Cloquet, opera, em 1826, uma doente com um tumor canceroso. A anestesia é efectuada por magnetismo. A paciente não revela qualquer sinal de sofrimento durante a intervenção cirúrgica. Ao despertar, confirma nada ter sentido. Encorajado por este resultado, Cloquet continua a operar com o concurso de magnetizadores-anestesistas. Durante uma dezena de anos não é inquietado. Depois, em 1837, é objecto de admoestações académicas. Mais uma vez, é ordenado um inquérito. O relator, um certo Dr. Dubois, aproveita a ocasião para arrastar o magnetismo na lama. Certo cronista<sup>1</sup> escreverá que nesse relatório «não há uma frase, uma palavra que não tenha o objectivo de manter o leitor em estado de desconfiança e o magnetismo em estado de contínua suspeição. Todos os meios parecem igualmente bons ao autor para chegar aos seus fins, as expressões mais malignas, as insinuações mais ofensivas e os subterfúgios mais indignos».

Mas a maioria dos académicos ouve o relatório com complacência. Somente os Drs. Husson e Cloquet se mostram escandalizados pela má fé do seu confrade Dubois. Outros permanecem em silêncio durante a leitura do relatório, sem se deixarem lograr: tanta vituperação apenas pode esconder uma verdade prejudicial aos elementos da medicina oficial.

---

<sup>1</sup> Abade J. B. Loubert.

## As razões da hostilidade

Mas por que razão os médicos contemporâneos de Mesmer e os das gerações seguintes se opõem tão ferozmente, no seu conjunto, à terapêutica magnética? Para o compreender, é necessário recuar até às origens da medicina ocidental.

Nos tempos mais recuados, a medicina encontra-se estreitamente ligada à superstição e à religião. As orações, os amuletos, os sacrifícios, são considerados como produzindo a cura. Nasce, paralelamente, o hábito de seleccionar remédios entre os recursos do mundo vegetal e mineral. Virtudes curativas são também atribuídas a certas substâncias de origem animal ou até humana (excrementos, pêlos, unhas, etc.). Se o alívio provocado pela imposição das mãos é reconhecido, não é todavia generalizado, e ninguém pensa em lhe conceder posição privilegiada.

Com Hipócrates abre-se nova era. As causas das doenças são sistematicamente procuradas, enquanto toma corpo a doutrina segundo a qual o ar, os alimentos e as bebidas absorvidas pelo corpo humano realizam uma fusão constante. Qualquer perturbação deste processo engendraria a doença. O termo de qualquer doença seria a *crise*, estádio final e decisivo... A medicina hipocrática esforça-se, por conseguinte, em precipitar a crise, para que o organismo possa libertar-se do mal no momento em que este não o mina ainda por completo.

A partir do século II da nossa era, a medicina deixa de ter por único fundamento os sinais externos. A anatomia e a fisiologia entram em linha de conta. O médico romano Galieno torna-se o defensor mais ilustre de nova teoria, a boa saúde não é fruto da fusão ar-alimentos-bebidas, mas da perfeita harmonia de quatro humores primordiais: o sangue, a pituíta (linfa), a bÍlis e a atrabÍlis.

No século XVI esboça-se uma revolução médica, graças a Paracelso (1493-1551), médico «despadrado» que denuncia as terapêuticas galianas e introduz o uso generalizado dos medicamentos químicos.

Quando Mesmer tenta alterar a medicina da sua época, existe já uma espécie de entendimento cordial entre os adeptos de Galiano e os herdeiros espirituais de Paracelso. Os dois métodos já constituem um só. A prática de sangrias, purgas e outros remédios arcaicos é acompanhada pela ministração de produtos farmacêuticos cada vez mais numerosos; o objectivo perseguido é o *de abafar ou de evitar* a crise, estágio fatídico descoberto por Hipócrates.

Visto que o magnetismo proporciona os seus efeitos benéficos pela *precipitação* da crise (patenteada por transpirações, convulsões, etc.), é fácil exprobrar a Mesmer o facto de o seu método renegar os progressos realizados desde Hipócrates.

Os seus inimigos objectam também ao «pai» do magnetismo que a sua famosa descoberta é impossível de controlar cientificamente, que nada demonstra a existência real do fluido magnético a que ele se refere com tanta convicção.

Mas não será tudo isto simples pretexto?...

Como não imaginar os gritos de indignação dos detentores do poder médico:

«Para onde vamos?!... Será falsa a nossa ciência? Bastaria, para curar, proceder a alguns gestos assimiláveis por toda a gente?... Como diabo apoiar um método que quer pôr o destino dos doentes entre as mãos — é realmente caso para o dizer — de uma multidão de charlatães inteiramente desprovidos de conhecimentos médicos?... Seria o maior dos absurdos! Dar crédito ao magnetismo significa cavar a tumba da nossa venerada profissão!...»

Alguns médicos são suficientemente lúcidos não só para compreenderem a razão de ser do magnetismo, mas

ainda para encararem um compromisso. Assim, por exemplo, os signatários do já citado relatório médico de 1831 propõem: «...Recurso terapêutico, o magnetismo deveria ter o seu lugar no quadro dos conhecimentos médicos, e por consequência apenas os médicos deveriam usá-lo ou vigiar o seu emprego, como é prática nos países do Norte.»

Os países do Norte estão longe. Em França, a mentalidade é diferente, os círculos da medicina oficial preferem não correr riscos. É mais prudente ignorar, ou até negar, a eficácia dos tratamentos magnéticos, e combatê-los por todas as formas, do que favorecer a sua prática corrente. Proferem-se ameaças e tomam-se sanções em relação aos médicos que têm a coragem de defender o magnetismo. E a Academia pode punir com autoridade tanto maior quanto a sua luta é incondicionalmente apoiada por aliados sempre mais poderosos. Como poderia ser de outra maneira? Que seria de numerosos químicos, da indústria farmacêutica e até dos próprios farmacêuticos, se o grande público pudesse livremente escolher entre as terapêuticas já bem implantadas e a nova, a que cura sem medicamentos?...

### **Um médico iluminado**

Perseguido, o magnetismo entra na clandestinidade na segunda metade do século XIX. Os seus adeptos têm de prosseguir as pesquisas solitariamente e de contentar-se com curar às escondidas. O sonambulismo provocado, a hipnose e até os fenómenos de clarividência magnética proporcionam agora experiências devidamente subvencionadas. Mas o magnetismo propriamente dito permanece banido dos hospitais franceses. Os médicos que ousam fazer frente abertamente à hostilidade da Academia tor-

nam-se cada vez mais raros. Um desses corajosos facultativos, o Dr. Tony Moilin, publica, em 1869, um *Tratado Elementar Teórico e Prático do Magnetismo*, a fim de tentar atrair a atenção dos seus confrades e da opinião pública para a terapêutica magnética, destinada a tornar-se, no seu entender, a arma principal da medicina do futuro.

O Dr. Moilin apreende a mecânica dos efeitos curativos magnéticos. Descobre que as curas operadas pelo magnetismo se explicam pela acção directa que o fluido magnético exerce sobre as células...

Até então, os inimigos do magnetismo podiam insinuar que apenas a sugestão e a auto-sugestão estavam na origem dos fenómenos magnéticos verificados. Moilin responde-lhes: «Atribuir essas curas à imaginação é zombar de uma palavra e, na minha opinião, é exactamente como se se dissesse que os doentes se curam porque têm horror à doença, tal como outrora se dizia que a água subia na bomba porque a Natureza tinha horror ao vácuo.»

Baseado em experiências, Moilin prova que o fluido magnético fortifica e até regenera as células de todo e qualquer órgão. É, portanto, inteiramente nas características específicas do magnetismo, e não na psique do paciente, que está a chave das curas «milagrosas» realizadas por Mesmer e pelos seus discípulos.

A cruzada lançada por Moilin choca com a feroz resistência dos que velam pelos seus privilégios. É compreensível. Pois não diz Moilin que «o magnetismo é não tanto uma ciência quanto uma arte»? «Para o praticar frutuosamente, não é de forma alguma necessário ter feito demorados estudos médicos nem conhecer a fundo a estrutura e as doenças do corpo humano, mas basta ser bem dotado pela Natureza e poder desprender fluido magnético com energia suficiente para impressionar as células afectadas e curar as suas doenças.»



## A CHAVE DO MISTÉRIO

Ao Dr. Tony Moilin pertence o mérito de ter esclarecido a razão profunda de uma cura obtida por intermédio do magnetismo. As suas conclusões serão confirmadas pelos pesquisadores do século XX: as células do organismo humano — da mesma forma que as células dos animais e das diferentes espécies vegetais — extraem das irradiações magnéticas a compensação para o desaparecimento parcial ou total da sua energia vital habitual.

### As células

É um anatomista alemão, o Dr. Theodor Schwann (1810-1882), que abre o caminho à exploração do universo das células, até então ignorado. Servindo-se de microscópios cada vez mais aperfeiçoados e assegurando-se a colaboração de numerosos outros sábios, empreende a dissipação progressiva das erróneas concepções do passado. Conclui, nomeadamente, que qualquer ser vivo é composto por uma infinidade de células. Não sem espanto, o homem do século XIX aprende que o seu nascimento e o seu crescimento correspondem, na realidade, à multiplicação progressiva de uma única célula contida no ovo materno...

Protegida por uma membrana exterior, a célula «completa» abriga duas espécies de células menores: os núcleos — que escondem, por seu turno, uma ou numerosas células, os nucléolos — e as granulações moleculares. Todos estes elementos se desenvolvem e tornam-se células «completas». Os constituintes destas últimas obedecerão às mesmas leis de proliferação ou, por outras palavras, uma primeira célula provoca obrigatoriamente o nascimento de uma infinidade de outras.

O carbono (os alimentos) e o oxigénio (o ar) fornecem à célula *correntes eléctricas* que asseguram a sua nutrição e todas as suas funções vitais em dois períodos: um de «corrente directa», outro de «corrente inversa».

*Quando as correntes eléctricas que atravessam a célula enfraquecem, a doença declara-se.* Se é a «corrente directa» que é enfraquecida ou suprimida, a célula fica *paralisada*, não se alimenta, as suas actividades procriadoras cessam. Acaba por se atrofiar, depois por desaparecer. Se é a «corrente inversa» que é enfraquecida ou suprimida, a célula fica «excitada», deixa de queimar os materiais assimilados, antes os conserva intactos, servindo-se deles para aumentar em consistência e volume. Seguem-se empastamentos, tumefacções, tumores... Se, finalmente, a célula sofre de enfraquecimento simultâneo das duas correntes — a directa e a inversa —, desaparecem todas as suas propriedades vitais. Produzem-se então os acidentes reunidos da paralisia e da excitação, quer dizer, a célula «vive morrendo», como exprime o termo *necrobiose*, originado do grego.

As células estão, portanto, segundo Moilin, expostas a três grandes classes de doenças: a paralisia, a excitação e a necrobiose. Acrescenta: «Conforme estas doenças interessam a esta ou àquela variedade de células, são acompanhadas por sintomas diferentes, sem que por isso mudem

de natureza, e dão origem a todas as afecções do corpo humano...»

Quanto às causas das doenças das células, Moilin alinha-as em seis categorias:

1. As agressões físicas ou químicas externas (fricções, golpes, compressões, feridas de toda a espécie, correntes eléctricas intensas, ácidos corrosivos, etc.).

2. As agressões da temperatura (calor, frio, humidade ou seca excessivas, electricidade atmosférica).

3. As agressões da nutrição (excessos alimentares, abuso do álcool, etc.).

4. «Todas as causas debilitadoras que empobrecem o sangue, fatigam os músculos, esgotam o sistema nervoso e prejudicam assim directa ou indirectamente a nutrição de todos os tecidos» (subalimentação, ambiente insalubre, falta de exercício, excesso de trabalho, traumatismos psíquicos, terapêuticas debilitantes).

5. As agressões que derivam da absorção involuntária ou voluntária de produtos químicos tóxicos, nomeadamente dos «ministrados expressamente, a título de medicamentos». Moilin precisa a este respeito: «Estes venenos alteram a saúde, perturbando por vários modos as reacções químicas efectuadas nas células, o que provoca perturbação equivalente nas correntes eléctricas e nas propriedades vitais dos elementos microscópicos.»

6. As agressões atribuídas, em conformidade aos princípios estabelecidos por Raspail, aos «parasitas de toda a espécie vivendo na superfície do corpo ou na intimidade dos nossos tecidos» (insectos, fungos microscópicos ou até simples partículas provenientes de seres vivos e dotadas de um resto de vida).

Moilin salienta o facto de as terapêuticas magnéticas convirem perfeitamente para o tratamento directo e *natural* (logo inofensivo) das doenças contraídas pelas células.

Assim, estabelece, como os seus antecessores, nítida distinção entre os recursos curativos do magnetismo humano (ou «animal») revelado por Mesmer e os do magnetismo mineral, já utilizado na medicina durante a Idade Média...

### **As células e o magnetismo mineral**

Os remédios do magnetismo mineral foram outrora muito populares. Tratavam-se numerosas doenças pela aplicação externa de ímanes ou de substâncias magnetizadas (ferro, etc.). Seguidamente, expandiu-se o uso de receitar a ministração interna de medicamentos com propriedades magnéticas. A eficácia principal do magnetismo humano, e sobretudo a concorrência crescente dos produtos farmacêuticos químicos, contribuíram para o progressivo declínio dessa terapêutica...

Nos nossos dias, poucos médicos, e ainda menos curandeiros, se interessam pelo magnetismo mineral, considerado como «ultrapassado» ou «complicado de mais», já no século XIX. Nada mais normal. Embora prestando justiça aos benefícios do magnetismo mineral, o próprio Moilin reconhece que esse tipo de magnetismo exige «conhecimentos múltiplos, grande experiência, contínua observação dos doentes. O seu emprego é muito mais difícil do que o da medicina comum. Com efeito, para aplicar bem o magnetismo mineral, é necessário antes do mais diagnosticar as doenças com precisão ignorada pela maior parte dos médicos... Por outro lado, para empregar as substâncias magnéticas sólidas, é preciso conhecer a anatomia do corpo humano como poucos a conhecem... Somente então se possuirão todos os elementos necessários para a escolha da preparação magnética conveniente e para a dispor sobre a pele de maneira a obter a difusão do magnetismo nos pontos onde a sua absorção será útil... Em suma, o magne-

tismo mineral é, portanto, uma ciência extremamente complexa, que só pode ser praticada convenientemente por médicos, e que sempre permanecerá inabordável a todos quantos não tenham feito dela a sua profissão exclusiva e não lhe tenham consagrado todas as suas faculdades e todo o seu tempo...»

### As células e o magnetismo humano

O fluido magnético emanado do ser humano desencadeia fenómenos de natureza diversa. Tudo depende da distância que separa o magnetizador da pessoa magnetizada.

Se o magnetizador se coloca pelo menos a 1 m do paciente, o fluido magnético propaga-se por ondulação, não podendo nunca ser dirigido exclusivamente sobre um único órgão, antes se espalhando em todos os tecidos da pessoa magnetizada. (É a técnica empregada para desencadear o sonambulismo e a clarividência magnética. Esta técnica explicaria, por outro lado, os fenómenos ditos de «telequinisia»<sup>1</sup>.) Segundo Moilin, este processo convém mal à terapêutica, porque «provoca algum alívio, mas de curta duração, e quando por acaso a cura se mantém, é porque se operou acidentalmente uma difusão magnética que actuou sobre as células alteradas e lhes restituiu as suas propriedades vitais».

Desta citação deriva que a «difusão magnética» pode vencer as doenças das células. Como é isso obtido? O magnetismo humano propaga-se por difusão, sempre que o magnetizador actua na proximidade imediata da pessoa magnetizada, quando as suas mãos (as «superfícies magnetizantes») se encontram perto da pele do paciente. As ondas magnéticas coincidem então em ângulo recto no próprio

---

<sup>1</sup> Manipulação dos objectos a distância.

interior do corpo, espalham-se na trama dos tecidos, onde são imediatamente absorvidas, o que as impede de se propagarem mais profundamente e limita a sua acção somente aos pontos que se pretende tratar.

Graças a esta segunda técnica, o fluido magnético pode portanto ser dirigido com precisão sobre o órgão doente, e actuará unicamente sobre as células alteradas, modificará a sua textura e a sua nutrição, fortalecerá as suas correntes eléctricas, restituindo assim aos tecidos as famosas «propriedades vitais» que tinham perdido. Tudo isto garante, como afirma Moilin, «curas completas, sólidas e persistentes»!

## EVOLUÇÃO DAS TÉCNICAS MAGNÉTICAS

Mesmer curava essencialmente de três maneiras:

1. Por intermédio de materiais previamente magnetizados (dorna, haste, árvore).
2. Tocando directamente o paciente (com os dedos juntos).
3. Fazendo intervir a fascinação e a sugestão (olhar e voz).

Todas estas técnicas vieram a ser ou abandonadas ou aperfeiçoadas pelos seus discípulos.

### Os processos do marquês de Puységur

Fiel, a princípio, ao ensino do seu mestre, o marquês de Puységur não tarda a apurar o seu próprio método: o magnetizador concentra-se, depois pousa uma das mãos na cabeça e a outra no epigastro do doente, que adormece então mais ou menos profundamente.

Experiências ulteriores permitem ao marquês de Puységur a observação dos efeitos do «magnetismo ondulado»: sempre em estado de concentração, e com os dedos em ponta, o magnetizador estende os braços para o paciente, que se encontra a alguns metros de distância.

## O método do Abade de Faria

Precursor do hipnotismo moderno, o Abade de Faria, nascido em Goa em 1746 e falecido em Paris em 1819, atribui importância primordial à sugestão verbal. Se aplica as mãos, durante alguns instantes, na cabeça e nas espáduas do paciente, é para o «pôr em condições». Desde que a pessoa está suficientemente descontraída, o abade ordena-lhe com voz imperiosa que adormeça. E o curativo sono «magnético» (na realidade hipnótico) chega...

## Os processos de Deleuze

Jean-Philippe-François Deleuze considera o magnetismo como um sacerdócio. Certamente nunca se exibiria em salas de conferência, e ainda menos em palcos. Sozinho com o paciente a magnetizar ou, quando muito, com a presença de uma testemunha (que tem de se manter em absoluto silêncio), vela, antes do mais, para que a magnetização possa ocorrer em boas condições: «... fazei de forma a não terdes nem calor de mais, nem frio de mais, a que nada impeça a liberdade dos vossos movimentos, e tomai precauções para não serdes interrompido durante a sessão», aconselha, antes de prosseguir:

«A seguir, sentai o vosso doente o mais comodamente possível, e colocai-vos em frente dele, num assento um pouco mais alto e de maneira que os seus joelhos fiquem entre os vossos e que os vossos pés fiquem ao lado dos dele. Pedi-lhe que se abandone, que não pense em nada, que não se distraia para examinar os efeitos que experimentarás, que afaste qualquer receio, que se entregue à esperança e que não se inquiete nem se desencoraje se a acção do magnetismo lhe produzir dores momentâneas.

«Depois de vos haverdes recolhido, tomai os seus polegares entre os vossos dedos de maneira que a parte interna dos vosso polegares toque a parte interna dos seus, e fixai os vossos olhos nele. Permanecereis dois a cinco minutos nesta situação ou até sentirdes que se estabeleceu igual calor entre os vossos polegares e os dele.

«Feito isto, retirai as vossas mãos afastando-as para a direita e para a esquerda, e virando-as de modo que as superfícies internas fiquem para fora, elevando-as até à altura da cabeça; então, pousá-las-eis nas duas espáduas, aí as deixareis um minuto e percorrereis os seus braços até à extremidade dos dedos, tocando ligeiramente. Recomeçareis este passe cinco ou seis vezes, sempre virando as vossas mãos e afastando-as um pouco do corpo ao elevá-las. Colocareis em seguida as vossas mãos por cima da cabeça, aí as mantereis um momento e baixá-las-eis passando-as em frente do rosto, a distância de uma ou duas polegadas, até à altura do estômago. Aí, parareis um momento, cerca de dois minutos, tocando com os polegares o centro do estômago e pondo os outros dedos por cima das costelas, depois descereis lentamente ao longo do corpo até aos joelhos. Repetireis os mesmos processos durante a maior parte da sessão. Aproximar-vos-eis algumas vezes do doente, de maneira a pousar as vossas mãos atrás das suas espáduas, para descer lentamente ao longo da espinha dorsal, e, daí, sobre as ancas e ao longo das coxas, até aos joelhos ou até aos pés.

«Quando quiserdes terminar a sessão, tereis o cuidado de *atrair* para a extremidade das mãos e para a extremidade dos pés, prolongando os vossos passes para lá dessas extremidades, sacudindo os vossos dedos em cada passe. Enfim, fareis diante do rosto e até diante do peito alguns passes de um lado para o outro, à distância de três ou quatro polegadas.

É essencial magnetizar sempre descendo da cabeça para as extremidades, e nunca subindo das extremidades à cabeça...»

### O barão do Potet

Um dos defensores mais encarniçados do mesmerismo, Jules-Denis de Sennevoy, barão do Potet (1796-1881), consagra a sua vida ao magnetismo, desde os vinte anos. Se empreende estudos médicos é para poder assimilar melhor e aperfeiçoar as técnicas magnéticas existentes. Os seus resultados acabam por lhe assegurar celebridade internacional. Qual é o seu segredo? Passemos-lhe a palavra:

«Quando o paciente pode sentar-se, colocamo-lo num assento e pomo-nos à sua frente sem lhe tocar. Permanecemos de pé, tanto quanto possível, e quando nos sentamos tratamos sempre de estar num assento um pouco mais elevado que o seu, de maneira que os movimentos dos braços não se nos tornem demasiado cansativos.

«Quando o doente está deitado, pomo-nos de pé junto do seu leito e convencemo-lo a aproximar-se de nós o mais possível. Preenchidas estas condições, recolhemo-nos um instante e consideramos o doente com atenção. Quando julgamos que temos a tranquilidade e a calma de espírito desejáveis, levamos uma das nossas mãos, com os dedos ligeiramente afastados, nem estendidos nem rígidos, em direcção à cabeça do doente; depois, seguimos mais ou menos uma linha recta, descemo-la assim até à bacia, repetindo estes movimentos (passes) de maneira uniforme durante cerca de um quarto de hora, examinando com cuidado os fenómenos que se desenvolvem.

«O nosso pensamento está activo, mas só tem ainda um objectivo, o de penetrar o conjunto dos órgãos, sobretudo a região onde está o mal que queremos atacar e des-

truir. Quando um braço está fatigado por este exercício, servimo-nos do outro... Temos sempre a intenção de que as emissões magnéticas sejam regulares e nunca os nossos braços, as nossas mãos, estão em estado de contracção; devem ter toda a flexibilidade para desempenhar sem fadiga a sua função de condutor do agente.

«Se os efeitos que resultam ordinariamente desta prática não ocorrem prontamente, repousamo-nos um pouco, porque notamos que a máquina magnética humana não fornece de forma contínua, e segundo o nosso desejo ou a nossa vontade, o potencial que dela exigimos. Depois de cinco ou dez minutos de descanso, recomeçamos os movimentos das nossas mãos (passes) como anteriormente durante novo quarto de hora e paramos completamente, pensando que o corpo do paciente está saturado do fluido que supomos ter emitido.»

### O «sono magnético» de Lafontaine

Outro magnetizador de primeiro plano do século XIX, Charles-Léonard Lafontaine, revela como obtém o *sono magnético*:

«... O paciente e o magnetizador sentar-se-ão em frente um do outro, ficando os joelhos do doente entre os do magnetizador, mas sem os tocar, e o magnetizador num assento mais elevado, a fim de poder alcançar facilmente e sem fadiga o alto da cabeça do doente; depois tocará a extremidade dos polegares do paciente com a extremidade dos seus, sem os apertar; este contacto dos polegares colocará o cérebro do magnetizador em relação directa com o do doente; os seus fios nervosos, formando um prolongamento aos nervos do magnetizador, servirão de condutor ao fluido e tornarão mais rápida e mais completa a invasão do sistema nervoso do paciente.

«O magnetizador fixará os seus olhos nos do doente que, por seu lado, fará todo o possível para o olhar; continuará assim durante quinze ou vinte minutos. É provável que, durante este tempo, a pupila dos olhos do paciente se contraia ou se dilate por forma desmedida, e que as suas pálpebras se baixem, não voltando a levantar-se, apesar dos seus esforços.

«Depois da oclusão dos olhos, o magnetizador continuará a segurar os polegares até ao momento em que os olhos deixarão de girar sob as pálpebras e em que não haverá mais deglutição; então poderá largar os polegares e, afastando lentamente as mãos, fechando-as simultaneamente, erguê-las-á de cada lado do paciente até ao alto da cabeça; imporá depois as mãos por cima do cérebro do paciente, mantendo-as assim de dez a quinze segundos; em seguida, descê-las-á lentamente para as orelhas e ao longo dos braços até à ponta dos dedos.

«Fará oito a dez passes semelhantes, devendo cada um durar mais ou menos um minuto.

«Depois de ter imposto as mãos da mesma maneira, baixá-las-á diante do rosto, do peito e de todo o busto, parando de tempos a tempos na altura do epigastro, com a ponta dos dedos. Continuará assim durante cerca de meia hora, uma hora.

«As imposições e os passes serão efectuados a algumas polegadas de distância, sem toque. De cada vez que o magnetizador levantar as mãos, fechá-las-á; fá-lo-á lentamente, de lado e não em frente do paciente, e isto para não produzir na circulação um vaivém que poderia provocar congestão no cérebro, caso actuasse de frente.

«O magnetizador fará também alguns passes impondo as mãos por cima do cerebêlo, e descendo-as atrás das orelhas e das espáduas, prosseguindo ao longo dos braços.

«Desde o começo até ao fim da operação, apenas se

ocupará do que quer produzir, a fim de, pela concentração da sua vontade, provocar a emissão do fluido e transmiti-lo ao paciente...»

### A terapêutica do Dr. Moilin

Antes de tudo, Moilin recomenda que não se tome nenhum medicamento durante todo o período de uma cura magnética. Apenas os tratamentos parasiticidas e cirúrgicos constituem, no seu entender, excepções.

O magnetizador pode actuar por:

*Poses* (aplicação directa de uma só mão sobre a pele se o órgão a tratar se situa a profundidade inferior a 5 cm ou 7 cm; com as duas mãos nos outros casos);

*Fricções* (a mão magnetizante toca a pele, esfregando-a com mais ou menos força);

*Passes* (a mão actua por cima da pele, a distância variável, mas não ultrapassando, como regra geral, os 30 cm);

*Massagens* (combinação de fricções e passes);

*Ondulações* (o fluido é libertado graças às mãos e aos olhos, a distância que varia entre 1 m e 2 m).

As *fricções* podem ser ascendentes (dirigidas dos pés para a cabeça), descendentes (da cabeça para os pés), alternativas (sequência ininterrompida de fricções ascendentes e descendentes), circulares (sem interrupção, a mão descreve círculos ou ovais), centrífugas (as mãos são pousadas sobre o centro do órgão doente e depois afastadas uma da outra, até chegar às extremidades do órgão assim magnetizado), centrípetas (as mãos colocam-se na circunferência do órgão doente e movimentam-se para o centro deste) e, finalmente, mistas (sequência ininterrompida de fricções centrípetas e centrífugas, mas com uma só mão).

Os *passes* são quer atractivos (colocada sobre a pele,

a mão emite magnetismo, e depois afasta-se lentamente), quer repulsivos (ligeiramente afastada do corpo, a mão emite fluido magnético, antes de pousar na pele), quer ainda alternativos (série contínua de passes atractivos e repulsivos).

Moilin preconiza um ou o outro (ou a combinação) destes vários processos, conforme a natureza da doença.

Ao contrário do que se fará no século XX, Moilin aconselha, na maioria dos casos, tratamentos magnéticos diários ou até duas vezes por dia.

### A técnica de Hector Durville

O mais célebre magnetizador profissional do começo do nosso século, Hector Durville (1849-1923), criou uma autêntica síntese das práticas magnéticas elaboradas pelos seus antecessores, simplificando e aperfeiçoando uma técnica destinada a sobreviver-lhe. Todos os magnetizadores franceses de hoje consideram-no como seu pai espiritual e inspiram-se nos seus ensinamentos.

Hector Durville põe em evidência a importância primordial de um «pormenor» já observado antes: a existência de duas espécies de magnetismo, um positivo, outro negativo. As suas experiências confirmam-no: a mão direita emite magnetismo positivo e a mão esquerda magnetismo negativo. (Segundo alguns, esta regra não se aplica aos canhotos, nos quais a inversa é que seria verdadeira...)

Tal distinção não tem valor puramente teórico, afirma com autoridade Hector Durville. No plano prático, quando se trata de cuidar de um doente, é necessário saber empregar, conforme os casos, ora o magnetismo positivo, ora o magnetismo negativo.

Se se quer *acalmar* um órgão situado na parte direita do corpo humano, é preciso servir-se da mão esquerda,

e utilizar a mão direita se o órgão a acalmar está na parte esquerda do corpo do paciente.

Para *excitar* determinado órgão, é o contrário: a mão direita para as partes que se encontram à direita, e a mão esquerda para as que estão à esquerda.

E se o órgão a tratar está na linha mediana do corpo? Pois bem, a mão direita servirá para excitar e a esquerda para acalmar.

Independentemente da vulgarização destas *leis da polaridade*, Hector Durville chama também a atenção para a possibilidade de utilizar o *sopro*. Em numerosos casos, o magnetizador deve transmitir o seu fluido não só pelos processos manuais habituais, mas também soprando sobre determinada parte do corpo do paciente. Faz-se distinção entre sopro frio e quente. O primeiro consiste em soprar directamente sobre a pele, ao passo que o segundo implica a prévia aplicação de um bocado de tecido (de lã, preferentemente), interposto entre a boca do magnetizador e a pele do paciente.

Hector Durville operou numerosas curas espectaculares. A imprensa referiu-se a elas, sensibilizando a opinião pública; alguns médicos interessam-se por estas questões e acabam por sua vez por praticar o magnetismo.

### O processo neuroscópico do Dr. Moutin

Ao passo que os livros de Hector Durville se tornam autênticos *best-sellers* e que os magnetizadores autodidactas deles extraem as suas técnicas, nos anos 20 uma obra escrita por um médico: *Le Magnétisme Humain*<sup>1</sup> obtém também grande êxito. O seu autor, L. Moutin, concorda com a opinião do Dr. Tony Moilin, escrevendo: «Não

---

<sup>1</sup> Librairie Académique Perrin & Cie.

é necessário ser médico e ter feito demorados estudos para aliviar o seu semelhante: qualquer pessoa pode desempenhar esta tarefa; basta empregar os processos que indicamos.»

Moutin dá à sua técnica fundamental o nome de «processo neuroscópico». Acrescenta que o termo «neuroxiocopia» conviria melhor para a descrever com maior exactidão (em grego, *neuron*=nervo, *exis*=maneira de ser habitual, *scopein*=examinar). Este método pode descrever-se como segue:

O magnetizador aplica ligeiramente as duas mãos abertas sobre as omoplatas do paciente, o mais perto possível da respectiva borda espinhal, levando os dedos até ao terço interno da fossa subvertebral, ou então contenta-se com apresentar as mãos em frente das omoplatas, a uma distância que pode variar de alguns centímetros a vários metros (em ambos os casos, se for imediatamente receptivo ao magnetismo, o paciente experimenta sensações de calor ou de frio e tem tendência para cair para trás desde que o magnetizador retire as mãos).

Se o paciente «opõe consciente ou inconscientemente certa resistência, então é bom, para desenvolver a sua sensibilidade, titilar rapidamente com a ponta dos dedos e malaxar em seguida os músculos do trapézio e sobrevertebrais...»

Se um e outro destes processos não derem resultado, é necessário «praticar uma espécie de massagem nos músculos das nádegas, comprimindo ligeiramente os nervos ciáticos nos seus pontos de emergência».

Segundo Moutin, comparado a certas técnicas de magnetizadores sem formação médica, o método neuroscópico possui duas vantagens principais. Primeiramente, permite determinar com maior exactidão o grau de reactividade do paciente. Em segundo lugar, produz rapidamente os efeitos

magnéticos clássicos (contrações, paralisias, movimentos involuntários, anestesia, hiperestesia, etc.), sob condição de «continuar a aplicação da mão mais ou menos nas mesmas condições, prolongando simplesmente a duração e variando os pontos de aplicação».

Paralelamente, Moutin elabora outros processos, mais particularmente destinados à terapêutica, e afirma: «Não são somente as doenças nervosas as susceptíveis de tratamento magnético, hipnótico ou sugestivo, como muitos médicos crêem ainda: todas as afecções refractárias aos agentes comuns podem beneficiar deste modo de tratamento.» Para o provar, cita, entre muitos outros, o caso seguinte:

«M. S., cabeleireiro, morador em Avinhão, na Rua Philo-narde, com 53 anos de idade, perdera a vista totalmente. Os médicos que o examinaram hesitavam sobre o diagnóstico exacto. Uns atribuíam a cegueira a uma irido-coroídite, outros à atrofia dos nervos ópticos: quanto a nós, não estávamos então aptos a diagnosticar o seu caso. Como quer que fosse, e como os diversos tratamentos tentados não tivessem melhorado o seu estado — encontrava-se cego há quatro meses —, procurou-nos em desespero de causa.

«Tentámos o nosso processo pela primeira vez a 10 de Maio de 1879. Na primeira sessão, o paciente pôde distinguir vagamente a cor das cortinas que ornavam as janelas do nosso gabinete. Continuámos as nossas operações nos dias seguintes, e a melhora manifestava-se de cada vez. Oito dias depois, podia vir a nossa casa sem guia, e três semanas bastaram-nos para o curar inteiramente. O doente pôde então retomar o seu ofício e, quando voltámos a vê-lo cinco anos depois, encontrámo-lo em tão bom estado como aquele em que o havíamos deixado.»

Quer sejam benignas ou graves, Moutin trata as doenças agudas aplicando as mãos, uma sobre a nuca e a outra

sobre o estômago do paciente, durante quinze a vinte minutos. Faz seguidamente ligeiras fricções sobre todo o corpo do doente, durante o mesmo lapso de tempo, insistindo na parte mais dolorosa. Nos casos particularmente graves, repete a operação numerosas vezes por dia. Trata as afecções crónicas pelo mesmo processo, mas com uma só sessão por dia.

### Os métodos de Saint-Yves, Cassac e Giraud

Em actividade no decurso da primeira metade do nosso século, Saint-Yves, Cassac e Giraud elaboraram um método magnético que põe em relevo o papel da *vontade* do magnetizador. Esta vontade imperiosa de curar deveria manifestar-se durante todo o tempo da intervenção. Seria ela a chave do êxito.

Antes de proceder aos passes ou imposições magnéticas adequadas, é necessário, dizem, segurar os punhos do doente e mantê-los (sem os apertar) de cada lado do corpo. (Em caso de nevralgias ciáticas, é necessário segurar, não os punhos, mas os tornozelos.) Durante esta «tomada de contacto» de cerca de vinte segundos, o fluido magnético é emitido pelo olhar. O magnetizador deve fixar ou o ponto situado entre os olhos do paciente (em casos de síncope, nevralgias dentárias ou faciais e de cefalgia), ou os olhos (insónias), a testa (reumatismos), o peito (bronquite), o plexo solar (perturbações digestivas, dispepsia, astenia, anemia, neurastenia), o cócix (ciática), o ponto doloroso (nevralgias intercostais); ou deverá ainda, muito simplesmente, percorrer com o olhar todo o corpo do doente (ansiedade).

Note-se que já Hector Durville assinalava a necessidade de estabelecer a «relação», dizia (e não o «contacto»), entre o magnetizador e o paciente. Para tanto, em caso de asma,

por exemplo, aconselhava a pousar as mãos sobre as espáduas do paciente, apertando ao mesmo tempo os pés e os joelhos contra os seus. Para outras doenças, Hector Durville preconizava por vezes fazer intervir também o olhar, aquando do estabelecimento da relação magnetizador-paciente, isto é, antes de começar a magnetização. No seu livro intitulado *Para Combater a Tosse*, escreveu, a propósito do tratamento da bronquite:

«... O doente está na cama. O magnetizador colocar-se-á aos pés da cama, aplicando as mãos sobre os pés, ou sobre a parte baixa das pernas, por cima dos cobertores, e deixará cair docemente o olhar sobre o peito, durante dez a quinze minutos, para estabelecer a relação.»

### Processos de Jagot

Paul-Clément Jagot (1889-1962) é partidário da aproximação entre sugestão verbal e técnica magnética. Em caso de perturbações cardíacas, por exemplo, preconiza, como complemento dos passes e da acção do sopro, a seguinte contribuição oral:

«V. está calmo, entorpecido, sonoiento, o seu coração bate normalmente sem lhe causar mal-estar, e irá bater de dia para dia de maneira mais satisfatória... experimentará verdadeira transformação... V. vai sentir-se menos facilmente perturbado... menos nervoso... os ruídos surgidos imprevistamente dar-lhe-ão cada vez menos comoção... e ser-lhes-á cada vez menos sensível ...suportá-los-á sem qualquer mal-estar... a sua respiração será regular... a sua cabeça bem desobstruída... não tardará a recobrar bem-estar muito apreciável e daqui a algum tempo verificará que o seu coração está mais robusto... que bate suficientemente mas sem se animar de mais... dormirá todas as noites um sono calmo e profundo, acordará bem repou-

sado... dormirá cada vez que se estender com a intenção de dormir... dentro de pouco tempo há-de registar grandes melhoras... Voltará a ser como antes das perturbações... não experimentará nenhum receio de as ver voltar... ver-se-á sem qualquer mal-estar, sentir-se-á per-fei-ta-men-te-bem.»

Experimentador e curandeiro, Jagot consigna os seus processos e observações numa série de livros que lhe asseguram notoriedade internacional e contribuem em larga escala para a formação de magnetizadores e hipnotizadores autodidactas. Eis como ele descreve algumas noções fundamentais indispensáveis para a assimilação das técnicas magnéticas modernas<sup>2</sup>:

«*Magnetizar* é projectar sistematicamente a ondulação magnética. As acções exercidas por esta projecção podem resumir-se em quatro:

1. *Carregar* todo ou parte do organismo do magnetizado de maneira a acelerar-lhe o tom do movimento, por projecção intensiva dos eflúvios do magnetizador.

2. *Desobstruir* todo ou parte de um organismo previamente carregado.

3. *Fixar* num ponto, condensar numa pequena superfície, a maior quantidade de energia magnética possível.

4. *Dispersar* a superactividade, espontânea ou provocada, de um dado ponto.

«A acção de *carregar* efectua-se por *passes* executados muito lentamente de cima para baixo. Esses *passes* compreendem três tempos: 1. Deixar cair os braços ao longo do corpo e fechar as mãos. 2. Levar os punhos fechados à altura do nascimento dos cabelos do paciente. 3. Abrir as mãos e dirigir os dedos para a superfície da pele, mais ou menos perpendicularmente, e descer muito lentamente

---

<sup>2</sup> *Méthode Pratique de Magnétisme, Hypnotisme, Suggestion*, Éd. Dangles.

até ao epigastro, mantendo a extremidade dos dedos a 3 cm da epiderme. Ter o cuidado de manter as articulações da mão, do cotovelo e da espádua muito flexíveis durante estes três movimentos. (Acabamos de indicar, para fixar as ideias, a execução de um passe da cabeça ao epigastro, mas é escusado dizer que o trajecto de um passe varia segundo o efeito pretendido.)

«A acção de *desobstruir* efectua-se por passes análogos aos precedentes, mas rápidos em vez de lentos e distantes 7 cm a 10 cm da pele.

«A acção de *fixar* efectua-se apresentando todos os dedos da mão, reunidos em ponta, em frente do ponto sobre o qual se pretende actuar. Chama-se a isto na linguagem dos magnetizadores 'imposição digital'.

«Enfim, a acção de *dispersar* efectua-se por movimento simultâneo das duas mãos, no sentido transversal. Este movimento decompõe-se assim:

1. Deixar cair os braços ao longo do corpo e fechar as mãos.

2. Levar os punhos fechados, um à direita e o outro à esquerda do ponto que é objecto da dispersão a realizar.

3. Abrir os punhos e afastá-los lateralmente com bastante rapidez numa única linha horizontal, com os dedos dirigidos mais ou menos perpendicularmente para a superfície do corpo. Este passe transversal deve, bem entendido, reiterar-se um certo número de vezes antes de obter o seu efeito...»

### Charles de Saint-Savin

Menos célebre que o seu confrade Paul-C. Jagot, mas tão dedicado como ele à causa do magnetismo, Charles de Saint-Savin (1892-1976) consagra mais de quarenta anos da sua vida à prática da terapêutica magnética. Vota grande

respeito a Hector Durville, o que não significa que o siga à letra...

Para estabelecer o *contacto* (a relação), por exemplo, Saint-Savin chega à conclusão de que basta tocar com os seus próprios polegares os do paciente. Ao fim de certo tempo, que pode variar de um a cinco ou seis minutos, o magnetizador deveria experimentar uma vibração quase imperceptível, localizada na superfície de contacto. (Método já preconizado por Deleuze, que aconselhava no entanto que se esperasse um «calor igual» entre os polegares do paciente e do magnetizador.)

Quanto às *leis da polaridade* — defendidas com tanto brilho por Hector Durville e depois também propagadas por Henri Durville (1888-1963), continuador dedicado e apaixonado da obra de seu pai —, Saint-Savin atribui-lhes valor essencialmente teórico. Segundo as suas experiências, calma ou excitação dependem muito mais da maneira de magnetizar do que da mão (umas vezes a esquerda, outras a direita) que opera. Afirma nunca ter verificado diferenças sensíveis entre os efeitos (magnetismo positivo ou negativo) produzidos pelas duas mãos...

Saint-Savin nega, noutro lado, o princípio segundo o qual o desprendimento fluidico mais intenso seria obrigatoriamente obtido por intermédio dos *dedos* reunidos em ponta. Segundo a natureza da doença e a reactividade do paciente (ou ainda as aptidões do magnetizador), a palma pode revelar-se mais eficaz, diz. Logicamente, o magnetizador deveria actuar pelos dedos em ponta para tratar uma superfície limitada (furúnculo, antraz, etc.) e pela *palma* nos outros casos.

Insistindo no papel da palma, Saint-Savin insiste, também, na necessidade imperiosa de nunca tocar o paciente no decurso da magnetização propriamente dita. Quer se trate de *passes* (deles dá a mesma definição que os seus

antecessores), ou então de *imposições* (aberta, a mão fica suspensa, durante certo lapso de tempo, por cima do órgão doente), a palma do magnetizador deveria estar sempre a alguns centímetros da epiderme.

Embora reconhecendo a utilidade e até a extrema eficácia do *sopro* magnético, Saint-Savin emite algumas reservas. Por causa da potência (brutal, diz ele) desse processo, deverá ser limitado a cinco ou, quando muito, a dez insuflações *quentes* sucessivas. E, estando constipado, o magnetizador teria interesse em não praticar nenhuma (risco de sinusite). Enfim, como todos os outros especialistas das técnicas magnéticas, Saint-Savin sublinha que a prática do *sopro quente* é de banir se o paciente sofre do coração (risco de acidentes graves).

A opinião de Saint-Savin sobre a possibilidade de *detectar* o «foco incendiário» de uma doença com o auxílio do magnetismo é do maior interesse. As suas experiências e a sua longa prática de curandeiro provaram-lhe, efectivamente, que um método já utilizado por Hector Durville permite localizar a sede exacta do mal quase instantaneamente. Se o magnetizador passeia lentamente a mão aberta a cerca de 2 cm ou 5 cm da região suspeita, o fígado, por exemplo, sentirá a dado momento, se é suficientemente sensível e experimentado, uma espécie de *sopro* por vezes quente, por vezes frio, vindo do órgão doente, a vesícula biliar, por exemplo. Isso permitir-lhe-á «bombardear» directamente, por passes ou *imposições* magnéticas, o próprio local onde a doença surgiu. Por outras palavras, poderá curá-la mais rapidamente.

### As tendências actuais

Que retêm os magnetizadores de hoje dos ensinamentos dos seus mestres?

Deriva directamente do processo de Mesmer o uso de magnetizar um *suporte* (água, metal, tecido, etc.) que o paciente aplicará sobre a parte doente do seu corpo. Os efeitos deste método foram reconhecidos como concludentes pelos grandes magnetizadores dos tempos modernos, mas deram lugar recentemente a alguns abusos (venda de medalhas «magnetizadas»).

A *sugestão verbal*, uma das armas de Mesmer, explorada pelo Abade de Faria e depois recomendada por Jagot, continua a ser empregada por certos magnetizadores, quer de modo simplificado, quer no quadro de autênticas técnicas hipnóticas.

Os processos de Puységur, Lafontaine, etc., destinados a garantir o *sono magnético*, ainda servem, mas muito raramente.

Os *passes* mesmerianos, aperfeiçoados sobretudo pelo barão do Potet, e depois codificados, entre outros, pelo Dr. Moilin, Hector Durville, Jagot, etc., constituem, com as *imposições* tão louvadas por Saint-Savin, os principais meios de acção actuais.

As *fricções e massagens magnéticas* recomendadas por Moilin e Moutin só muito raramente servem agora.

As *leis da polaridade* postas em relevo por Hector Durville, bem como por Paul-C. Jagot, são, nos nossos dias, observadas pela maior parte dos magnetizadores.

A técnica do *sopro* quente ou frio sobrevive e é empregada com perfeito conhecimento de causa, mas o seu uso parece menos frequente do que outrora.

Em conformidade com a opinião de Saint-Savin, os *dedos* reunidos em ponta servem unicamente para concentrar o fluido magnético sobre um ponto preciso, enquanto a *palma* produz a descarga magnética destinada a tratar uma superfície maior.

A *deteção* magnética é utilizada com êxito espantoso por certos magnetizadores que têm boas noções de anatomia.

O estabelecimento do *contacto* (relação), praticado já por Lafontaine e depois considerado importante por Hector Durville, continua a ter adeptos.

### Diferença fundamental

Conforme a natureza da doença, o magnetizador de hoje procede por passes, imposições, etc. Em certos casos um só, e, noutros, numerosos processos intervêm paralelamente. Em regra, seguem-se as indicações de Hector Durville ou doutros mestres, mas alguns elaboram o seu próprio método curativo, que abrevia ou modifica as práticas anteriores.

Em comparação com as terapêuticas magnéticas antigas ou menos antigas, o que se afigura hoje particularmente surpreendente é a extrema rapidez dos tratamentos.

Jagot dizia: «Três a vinte e uma sessões de *uma hora ou de hora e meia* por semana são necessárias, conforme os casos, para reagir suficientemente sobre o organismo doente.»

Nos nossos dias, a duração de uma sessão é raramente superior a *cinco ou, quando muito, dez minutos*. Que se deve deduzir desta diferença?

Já nos anos 50, um médico considerado como sumidade da terapêutica magnética, o Dr. Oudinot, pensava que era supérfluo magnetizar demoradamente. «Nunca se deve ultrapassar dez minutos, o que é um máximo raramente necessário», afirmou. Fruto de longa experiência pessoal, a sua opinião constitui, simultaneamente, o reconhecimento dos méritos de alguns magnetizadores especialmente brilhantes. O célebre curandeiro Alalouf, por exemplo, não

consegue aliviar, ou até curar definitivamente, em escassos minutos apenas, quando não em menos de sessenta segundos?

E no entanto, na mesma época, um terapeuta tão qualificado como Charles de Saint-Savin não está inteiramente de acordo a este respeito. Seguindo embora a corrente geral, no sentido de que uma magnetização de uma hora ou mais lhe parece excessiva, prolonga as suas sessões para além de dez minutos e dedica até vinte minutos, por vezes, ao tratamento do seu paciente. Porquê? Porque parte do princípio seguinte: embora se trate da mesma doença, é preciso insistir mais ou menos demoradamente, conforme a receptividade do doente e em função do seu próprio «potencial fluídico». Leva portanto em conta dois factores. E, antes de mais, o facto de que todas as pessoas magnetizadas não reagem com a mesma rapidez. Depois, a verificação de que todos os magnetizadores não têm o mesmo potencial fluídico, muito pelo contrário... Eis porque, de preferência a tentar rivalizar com o seu ilustre confrade Alalouf, trata menos doentes, a fim de poder curá-los igualmente.

Hoje, alguns curandeiros da «velha guarda» ainda recorrem a sessões de duração igual, ou até superior, à que Saint-Savin preconizava, mas constituem apenas minoria.

A esmagadora maioria dos magnetizadores franceses segue agora a linha de conduta fixada por Oudinot: não mais de dez minutos. Na prática, isto significa uma *média de cerca de cinco minutos*. O que não quer evidentemente dizer que estes «magnetizadores-relâmpago» sejam todos eles detentores de capacidade magnética superior à dos seus confrades partidários de magnetização demorada. Muitos deles podem ser classificados na categoria dos charlatães. Outros obtêm reacções positivas em certos casos (doenças especialmente susceptíveis de ser tratadas por magnetismo,

pacientes particularmente receptivos, «forma excepcional» do magnetizador no dia em que o tratamento é aplicado), mas não podem garantir a satisfação total e seguida de todos os seus clientes.

Qual o número de sessões necessárias? O mínimo de três previsto por Jagot já não é imperativo. Em certos casos, bastam uma ou duas sessões. Se muitas são as doenças que se curam em quatro, cinco ou dez sessões, outras exigem, em contrapartida, tratamentos prolongados. É de notar, a este propósito, que as consultas são espaçadas. Algumas semanas separam por vezes uma sessão da seguinte. Certos tratamentos duram, assim, muitos meses. Na realidade, não há regra. Tudo depende da doença, do doente... e do magnetizador, claro está.

### Respostas aos cépticos

Mais de duzentos anos decorreram desde as primeiras curas obtidas por Mesmer. Entretanto, as técnicas evoluíram muito.

Mas, em dois pontos, a situação não mudou.

Em primeiro lugar, tal como no tempo de Mesmer, o magnetismo deve a sua popularidade sobretudo ao facto de curar doentes rebeldes aos tratamentos clássicos.

Depois, os benefícios do magnetismo permanecem tão contestados por alguns como há dois séculos.

Os círculos oficiais da medicina francesa continuam a não reconhecer a terapêutica magnética. Os médicos que praticam o magnetismo expõem-se constantemente ao risco de serem expulsos da Ordem. Mas os facultativos adeptos dos recursos curativos directa ou indirectamente derivados do mesmerismo (hipnose, sofrologia, electromagnetismo) podem exercer a sua actividade em completa tranquilidade.

Os magnetizadores que não dispõem de diploma médico pagam patente (por outras palavras, o Estado reconhece-os oficialmente). O seu ofício já passou a figurar no anuário oficial, por profissões, dos assinantes de telefone, e no entanto nunca estão livres de procedimento judicial... «por exercício ilegal de medicina».

Para negar a realidade de uma acção curativa magnética, os cépticos agarram-se, ainda nos nossos dias, ao argumento caro aos detractores de Mesmer e dos seus discípulos: «Não foi o magnetismo que curou, mas a imaginação», com a única diferença de que falam agora em sugestão ou auto-sugestão.

A resposta dos magnetizadores mantém-se, também, sensivelmente a mesma: «É falso, visto que podemos curar bebês, adultos inconscientes e animais!»

Muitos magnetizadores possuem *dossiers* comprobatórios. Neles se encontram atestados médicos passados antes e depois da cura magnética, os quais confirmam a cura de crianças de pouca idade ou de adultos em estado de alienação mental, de coma, etc. Trata-se, portanto, nos dois casos, de doentes que não puderam ser sugestionados e incapazes de se auto-sugestionarem.

O Dr. Liébault, pai da Escola de Nancy, grande apóstolo da sugestão, não hesitou em reconhecer que os magnetizadores podiam curar «sem nenhuma intervenção consciente do doente submetido a experimentação». Numa obra intitulada *Étude sur le Zoomagnétisme* (publicada em 1883), escreveu:

«... Uma pequena, chamada Louise Meyer, com a idade de um ano, foi-nos apresentada na condição que desejaríamos. Há quatro semanas que essa criança chorava dia e noite, e apesar dos cuidados de um médico muito bom, não registava quaisquer melhoras. Pareceu-nos que tinha cólicas contínuas, por efeito de renitente prisão de ventre.

Acontecia raramente dormir de tempos a tempos cinco a seis minutos de seguida. Durante um desses curtos sonos, e por conseguinte *sem que desse por isso*, prolongámos esse estado e mantivemo-la vinte minutos sob as nossas mãos, até que houve sinal de despertar. Desde esse momento, *como por encanto*, não chorou mais, dormiu até grande parte da noite, e voltou no dia seguinte tranquila e começando a expelir fezes. Três sessões feitas nos dias seguintes, mas sem que dormisse, terminaram a sua cura.»

Depois de citar quarenta e cinco observações semelhantes, o Dr. Liébault chegou à conclusão seguinte:

«Em consequência dos efeitos curativos que acabamos de relatar, somos levados a admitir a *acção directa da neurilidade transmitindo-se de homem a homem*, e a este carácter essencial, irreductível e *sui generis*, o de *restabelecer o funcionamento fisiológico dos órgãos*. Um abalo nervoso, em todos os nossos doentes, transmitiu-se de nós aos seus sistemas nervosos e, em seguida, sem que saibamos de que maneira, *excitou os órgãos lesados, em sentido benéfico...*»

E, o que é muito significativo, esse eminente «céptico convertido» acrescentou: «... durante muito tempo adversário da teoria do fluido por externalização, *não me é mais possível sustentar que certos fenómenos não sejam devidos à acção de um organismo sobre outro...*»

Quanto aos animais, são frequentes os casos de veterinários que são levados a verificar a cura de um animal magnetizado, depois de o terem julgado incurável. A possibilidade de utilizar o magnetismo humano para actuar sobre os animais fora posta em evidência por Charles-Léonard Lafontaine:

«Fiz ensaios em numerosos animais e obtive pleno êxito. O público de Paris recorda-se sem dúvida do cão que apresentei, a 20 de Janeiro de 1843, num sessão pública, na Sala Valentino.

«Era um pequeno galgo que me fora dado oito dias antes; estavam na sala 1500 pessoas, entre as quais muitos incrédulos e malévolos.

«Desde os primeiros passes que fiz para adormecer o cão, houve uma explosão de escárnio e de assobios. Chamavam o animal, procuravam desviar a sua atenção e impedir que se produzisse o efeito pretendido.

«Tinha-o sobre os meus joelhos: com uma das mãos segurava-lhe uma pata, e com a outra fazia passes da cabeça até ao meio do corpo. Depois de alguns minutos, reinava na sala o mais profundo silêncio; tinham visto a cabeça do cão pender de lado: adormecera profundamente. Cataleptizei-lhe as patas, piquei-o, e o cão não deu qualquer sinal de sensação. Ergui-o e atirei-o para uma poltrona; ficou sem fazer o menor movimento: para todos era um cão morto. Disparou-se-lhe um tiro de pistola junto às orelhas: nada indicou que tivesse ouvido.

«Muitas pessoas foram espetar-lhe alfinetes em todo o corpo: era um verdadeiro cadáver.

«Despertei-o, e logo se tornou cheio de vida, alegre, como era antes, com o focinho no ar, virando a cabeça a cada ruído, a cada chamamento.

«Já não era possível duvidar, não era possível crer em falcaturia; era preciso admitir o facto, o facto físico, a acção sobre os animais.»

Os dois textos citados parecem suficientemente explícitos. Deveriam, por si sós, dissipar as dúvidas: é efectivamente o fluido do magnetizador, e não «a imaginação» do paciente, em consequência de sugestão ou de auto-sugestão, que explica os resultados quase sempre concludentes da terapêutica magnética.

Independentemente das teorias e das experiências complexas susceptíveis de corroborar tal conclusão, os adeptos

do magnetismo valorizam o bom fundamento da sua argumentação apoiando-se nalguns métodos simples, eficazes e ao alcance de toda a gente.

### Verificação da existência do fluido magnético

Meios extremamente simples permitem verificar que uma «potência fluidica invisível» se escapa dos dedos do ser humano.

Moutin, por exemplo, aconselhava o método seguinte:

«Basta simplesmente ter à mão uma folha de mortalha para tabaco, uma agulha de 3 cm ou 4 cm de comprimento e uma rolha de cortiça.

«Espeta-se a agulha, pelo lado do buraco, na parte média da rolha, e sobre a ponta dessa agulha coloca-se delicadamente a folha de papel dobrada em ângulo mais ou menos obtuso, evitando furá-la, e de maneira que não penda nem para um lado nem para o outro...

«Estando este aparelho colocado no meio de uma mesa, o operador avançará lentamente a sua mão, direita ou esquerda, com os dedos dobrados, de modo que a mão fique curvada em arco, e aproximá-la-á até 2 cm ou 3 cm da folha de papel, que não tardará a virar-se na direcção da ponta dos dedos.

«Se, com as mesmas precauções, se mudar de mão, a folha vira-se no sentido oposto...»

Com honestidade e lógica, acrescentava:

«Atribui-se este fenómeno ao calor das mãos e à diferença de temperatura do ar ambiente. Mas os que puseram esta hipótese, que defenderam esta teoria, esqueceram-se de explicar a mudança de rotação que sempre se efectua no sentido das pontas, e como sabemos que em todo o lugar onde há calor há desprendimento de electricidade, é

permitido admitir cientificamente a força nêurica irradiante.»

Por «força nêurica irradiante» deve entender-se, evidentemente, o fluido magnético.

Muito antes de Moutin, o magnetizador Charles-Léonard Lafontaine aperfeiçoara uma espécie de «magnetómetro», cuja descrição é a seguinte:

Um disco de papel, dividido em quatro ângulos rectos, forma o quadrante que é colado sobre uma prancheta. Coloca-se por cima um bocal de vidro fino, invertido, no fundo do qual foi fixado, com um pouco de cera de selar, um fio de seda não torcido, dotado, na sua extremidade inferior, de uma «agulha indicadora» de 5 cm a 6 cm de comprimento, feita com um pedacinho de palha.

O experimentador só tinha de apresentar os dedos juntos em direcção a uma das pontas dessa agulha. Depois de algum tempo (cinco a vinte minutos), a agulha deslocava-se vários graus.

Um pouco mais complexo, mas tecnicamente similar, é um aparelho inventado pelo abade Fortin, no final do século XIX, que confirmou a presença do magnetismo no corpo humano, medindo-lhe a força. O quadrante era dividido em 360 graus.

Sempre segundo os mesmos princípios, elaboraram-se posteriormente sistemas mais aperfeiçoados, ao passo que se multiplicavam os meios de controle sofisticados (radiobímetro, osciloclasto, etc.), destinados a detectar quer o fluido magnético propriamente dito, quer as emanações patológicas do organismo humano. Os aparelhos desta segunda categoria têm como objectivo a localização exacta de um órgão doente, e fazem sorrir os magnetizadores experimentados, que se gabam de poder descobrir a sede de uma doença com igual eficácia e muito mais depressa.

Desde há alguns anos que um processo fotográfico especial, o de Kirlian, contribui, por outro lado, para a explicação dos efeitos do magnetismo humano. Já em 1927, tomando o testemunho das mãos de outros sábios (Darget, Luys, Chaigneau, Colomès, Majewski, etc.), o Dr. Bertholet fotografou as mãos de uma magnetizadora (a Sra. Issaëff) e pôde fixar na película não só «vagas auréolas rodeando a imagem das extremidades digitais, mas o sistema completo figurado de *linhas de força* emanadas de um ou de numerosos centros e irradiando dos dedos como uma cabeleira luminosa», conforme assinalou o Dr. Octave Béliard numa obra consagrada ao magnetismo e ao espiritualismo em 1933. Recentemente, pesquisadores soviéticos fotografaram numerosos curandeiros antes, durante e depois das sessões de magnetização. As fotos assim obtidas deixavam aparecer claramente «chamas» (invisíveis a olho nu) emanando das mãos de cada magnetizador. A respectiva intensidade variava de indivíduo para indivíduo e parecia ser igualmente função das fases de cada operação. Isto é, confirmava-se não só a existência do fluido magnético, mas também o facto de que o potencial fluídico de um magnetizador pode ser maior ou menor e que as emissões se manifestam em graus diferentes, conforme o estágio específico da magnetização: as «chamas» eram mais intensas no decurso da «descarga fluídica» do que antes ou depois.

### E os malogros?

Se bem que o designem comumente como «milagroso», o tratamento magnético pode não dar resultado. Porquê?

Um magnetizador insuficientemente dotado de fluido magnético ou que não saiba empregá-lo convenientemente não pode curar; é normal.

Um magnetizador digno de ser considerado como (bom) curandeiro é no entanto susceptível também de falhar. Como explicá-lo?

Nunca é a própria doença que é posta em causa, mas o doente.

«Se as pessoas não esperassem pelo último minuto para apelarem para nós, poderíamos curá-las quase todas», declararam os magnetizadores mais reputados.

E censura-se a maior parte dos doentes por ver no curandeiro a «última tábua de salvação» e por só o procurar depois de ter esgotado todos os outros recursos. Entretanto, a doença progrediu e o organismo do paciente enfraqueceu irremediavelmente, ou pelo menos consideravelmente...

Mas o magnetizador pode também não triunfar do mal por outras razões. Com efeito, certos pacientes serão insensíveis ao tratamento magnético. Já Mesmer o admitia. Um especialista moderno do magnetismo, Moutin, dizia que se existe um «equilíbrio molecular nervoso e cerebral» entre o magnetizador e o paciente, a influência magnética não pode manifestar-se. Não é frequente mas ocorre.

Se se lhes pergunta qual é a percentagem dos malogros, os magnetizadores franceses «de primeiro plano» (aqueles cuja cifra de rendimentos é mais elevada) pretendem que falham somente em 10% a 20% dos casos.

MAGNETIZADORES  
DE HOJE



MAINTENANCE  
DE LA



Em França, quantas pessoas praticam o magnetismo com fins terapêuticos? Aparentemente, cerca de três mil. Este número não inclui os terapeutas ocasionais e, frequentemente, gratuitos.

Os magnetizadores «em tempo inteiro» estão disseminados um pouco por toda a parte no país. Os seus consultórios estão instalados nas cidades, mas também há os que vão a domicílio, em aldeias por vezes distantes dos grandes centros.

Certo número desses curandeiros «em tempo inteiro» fazem parte de uma associação profissional. Uma das mais importantes é o G.N.O.M.A. (Groupement National pour l'Organisation de la Médecine Auxiliaire — Agrupamento Nacional para a Organização da Medicina Auxiliar), fundada por Charles de Saint-Savin e com sede em Paris<sup>1</sup>.

Independentemente das acções comuns, alguns magnetizadores têm tentado obter a «legalização» do seu ofício. Louis Clair, de Montluçon, por exemplo, escreveu recentemente um livro<sup>2</sup> em que expõe os problemas da corporação e solicita que as autoridades competentes os examinem com objectividade. Na sua opinião, é tempo de a França seguir

---

<sup>1</sup> 12, Rue de la Grange-Batelière, IX°.

<sup>2</sup> *Naturopathie*, Ed. Pensée Universelle.

o exemplo da Alemanha, da Inglaterra, dos Estados Unidos, etc., países onde os curandeiros desfrutam já de situação sem equívoco. Orgulhoso de trinta anos de prática, antigo discípulo do Dr. Léon Vannier (fundador da Homeopatia francesa), titular do Primeiro Prémio de Honra H. Durville, fez chegar a sua obra ao presidente Giscard d'Estaing, ao primeiro-ministro Raymond Barre, à senhora Veil, bem como a outros membros do governo e do parlamento, juntando-lhe uma proposta de lei «para a tolerância e o reconhecimento da Naturoterapia». Até hoje a sua iniciativa não produziu frutos. Como, aliás, tentativas semelhantes de alguns dos seus confrades.

Podendo orgulhar-se também do demorado exercício da sua arte, alguns magnetizadores acabam por consagrar-se unicamente à formação dos seus sucessores. Assim, Paul Allafort, outrora instalado em Paris, retirou-se para o Périgord, onde criou um Centro de Pesquisas Parapsicológicas. Nele são estudados o magnetismo, a hipnose, a sofrologia, bem como os fenómenos de vidência, de mediunidade, de desdobraimento, de telepatia, de telequinesia, etc.

Chegado à idade da aposentação, outro adepto do magnetismo, Henri Carau, de Stella-Plage, continua a exercer a sua actividade, mas preocupa-se paralelamente com a continuação de pesquisas, e não apenas no domínio da terapêutica magnética: radiostesia, aromaterapia e acupuntura apaixonam-no igualmente.

Jean Giroux, de Annecy, continua a ser solicitado pelos seus pacientes, depois de quarenta anos de prática. Com 72 anos, não se resolve a fechar as portas dos seus três gabinetes de consulta, e prossegue o seu «apostolado», como dizem os que curou.

Muito mais jovem, Gérard Duez, de Nice, pertence à World Federation of Healing (Federação Mundial da Cura) e contribui para o desenvolvimento da medicina natural,

colaborando com cinco hospitais franceses e doze estrangeiros, bem como com uns trinta médicos da Côte d'Azur.

Para continuarmos nas margens do Mediterrâneo, cite-se o marseilhês Jean Raillon, de notoriedade internacional, um magnetizador «que não é como os outros», quanto mais não seja porque não faz intervir o seu fluido magnético senão para preparar bálsamos aromaterápicos, de surpreendente eficácia (reumatismos, artrites, eczemas, sinusite, asma, etc.). Apoiado em atestados, pode declarar: «Sem gabarolice, sou o único a curar a psoríase e a artrose; nenhuma terapêutica o consegue no mundo inteiro.»

Deve notar-se, no entanto, que os taumaturgos, forças excepcionais da Natureza, tornam-se cada vez menos numerosos. Um deles, Marcel Bisson, de Paris, herdou os dons dos seus pais.

«Tanto meu pai com minha mãe faziam tratamentos, mas gratuitamente», recorda. «Enquanto jovem, nunca procurei seguir o seu exemplo. Depois, na época em que exercia ainda o mister de merceeiro e em que me sentia permanentemente doente, um magnetizador afirmou-me que era porque eu possuía uma 'sobrecarga magnética'. Aconselhou-me a tratar por meio das mãos para reencontrar o meu equilíbrio. Foi o que fiz. E verifiquei que ele tinha razão...»

Grande e imponente, em que apenas os cabelos brancos traem os seus 60 anos, Marcel Bisson faz assim magnetismo há mais de trinta anos. A princípio, contentava-se em tocar os doentes, mas depois, como autodidacta, assimilou as diversas técnicas. Aprendeu a detectar os órgãos doentes e a aplicar os processos em conformidade com o tratamento magnético desta ou daquela doença.

«A zona, por exemplo, curo-a numa só sessão, se o doente vem ver-me suficientemente cedo», diz. «Quanto ao cancro, não pretendo curá-lo, mas consigo aliviar o sofrimento».

mento. Para as outras doenças, é sempre a mesma história: os resultados podem ser excelentes, sob condição de não se começar demasiado tarde.»

Se é já difícil encontrar magnetizadores que, como Marcel Bisson, correspondem à imagem tradicional que as pessoas têm dos curandeiros, surge em contrapartida nova raça de terapeutas. Uns servem-se do seu dom depois de terem estudado demoradamente a anatomia e a patologia. Outros, apaixonados pela medicina natural no seu conjunto e iniciados nas suas disciplinas, praticam o magnetismo como tratamento de base...

## GILBERT CRÉOLA

### O magnetismo, só o magnetismo

É próximo do obelisco de Vienne (Isère) que se encontra o gabinete de consulta de Gilbert Créola, no rés-do-chão de um edifício moderno. Uma sala de espera sóbria dá acesso ao pequeno aposento sem mobília onde são recebidos os pacientes.

Robusto, forte, musculado, Gilbert Créola confessa:

«O desporto é a minha grande paixão. Fui campeão de pólo aquático e de ténis de mesa, depois recordista de França num domínio muito especial, o lançamento da bóia de salvação. Aos dezanove anos, era mestre-nadador, portanto aí está a explicação... Aconteceu-me até salvar um rapaz que estava a afogar-se. Em seguida, ele disse-se que eu nascera para lutar contra a morte. Para falar verdade, nessa altura nunca me passou pela cabeça que se tratava de uma profecia...»

### Acaso ou destino?

Tudo começou no dia em que a sua mulher lhe pediu que a acompanhasse a um curandeiro. O casal aguarda na sala de espera. A porta abre-se, o magnetizador aparece e dirige-se, sem hesitar, ao marido da doente.

«O senhor não tem nada a fazer aqui», disse-lhe. «Peço-lhe que saia...»

Gilbert Créola sai do gabinete de consulta e espera a mulher defronte do edifício.

«Veio ter comigo pouco depois», conta ele, «e disse-me que o curandeiro queria falar-me, mas à noite, depois de ter terminado as suas consultas. Vexado por ter sido corrido tão bruscamente, não fazia tenção de lá voltar. Depois, a curiosidade levou a melhor...

«Pois bem, para minha grande surpresa, o excelente homem pediu-me desculpa e revelou-me que fora perturbado pelo excesso do meu fluido magnético, que o impedia de trabalhar. Acrescentou que devia servir-me do meu fluido para espalhar o bem à minha volta, e aconselhou-me a entrar em contacto com um especialista na questão, Jean-Pol de Kersain.

«Até então, apenas tinha noções extremamente vagas do magnetismo. Era normal...»

#### **Operário, patrão, depois magnetizador**

Nascido em 1942, em Vienne, numa família de operários, Gilbert Créola não foi encorajado a prosseguir nos estudos. Na posse do seu cartão de aprendiz de ladrilhador, começa a trabalhar aos catorze anos. O começo foi difícil, mas depois a sorte sorri-lhe e consegue dar um grande passo em frente.

«Graças ao apoio de um cliente influente que apreciara o meu trabalho, e também porque pudera pôr de lado algum dinheiro, foi-me possível tornar-me empreiteiro de ladrilhagem, aos vinte e dois anos», confessa. «Recebia encomendas da Câmara e de particulares, os negócios iam cada vez melhor, nada me obrigava a mudar de ofício e, se o fiz, foi um pouco por força das circunstâncias.

«Intrigado pelas palavras do curandeiro, que não caíram em cesto roto, pus-me efectivamente em contacto com

o Sr. de Kersain, o qual veio a indicar-me os testes a efectuar para saber se realmente tinha fluido magnético superior à média. Tratava-se da prova da mumificação. Em conformidade com as suas instruções, magnetizei carne fresca: secou a uma velocidade espantosa.

«Teria talvez ficado por este primeiro estado de amador se um dos meus amigos não tivesse insistido para que fizesse um ensaio nele. Era um agricultor. Vítima de acidente de trabalho, fora tratado num hospital durante oito meses, mas a sua ferida na perna esquerda, perto do joelho, ainda não cicatrizara. A chaga era larga e profunda. Tendo-lhe falado nas minhas 'experiências magnéticas' com a carne, pediu-me que tentasse curá-lo. Na primeira sessão, que durou alguns minutos apenas, não me recordo exactamente quantos, nada me deixou supor que o meu magnetismo actuasse. Não desencorajámos. Na segunda sessão, tivemos a impressão de ligeira melhoria. Depois, na quarta ou quinta sessão, aquela chaga rebelde a todos os tratamentos clássicos começou a fechar-se. Ficou completamente curada depois da décima segunda — para grande espanto do médico que o tratava.»

A notícia espalha-se depressa. Doentes de toda a espécie dirigem-se ao homem que «faz milagres». Não querendo correr riscos, Créola recusa proceder aos tratamentos pedidos. Julga indispensável adquirir noções aprofundadas. Seguem-se assim anos em que, à noite, depois do seu trabalho habitual, mergulha na leitura de obras especializadas, as de Hector Durville especialmente. Aprende assim, progressivamente, as técnicas fundamentais, e depois os processos preconizados de acordo com a natureza da doença.

«Todo este saber armazenado parecia-me insuficiente», diz. «Pensei que para curar bem, quero dizer, definitivamente, era preciso ir ainda mais longe. Quando estudava, por exemplo, o método que permite detectar a origem exacta

de uma doença, verifiquei que necessitava de conhecer a fundo a anatomia. Igualmente, ao assimilar os meios de acção magnéticos sobre esta ou aquela doença, tinha vontade de estar ao corrente de todos os seus sintomas.

«Foi por isso que, depois de ter lido bastantes livros sobre magnetismo, me confiei a um amigo médico, o qual me aconselhou as obras médicas que deveria procurar. Ajudou-me também a compreendê-las.»

É assim que, iniciado não só no magnetismo, mas também nos aspectos primordiais da medicina clássica, Gilbert Créola empreende a sua carreira de curandeiro. Limita-se, de entrada, ao círculo familiar, profissional e de amizades. Nem um só malogro. Este facto primacial, bem como o pormenor de tratar gratuitamente, torna-o conhecido em Vienne e na região. Mais uma vez é solicitado de todos os lados, muito mais do que na época da sua primeira cura.

«As pessoas vinham ver-me à minha oficina e depois, à noite, quando regressava a casa, formavam bicha à minha porta», recorda ele. «Os vizinhos acabaram por se queixar. Foi então que o meu amigo médico me sugeriu a abertura de um gabinete. Disse-me: 'Os empreiteiros de ladrilhagem não faltam, mas um bom curandeiro é raro.' Explicou-me até quais as diligências a que devia proceder para poder instalar-me como curandeiro profissional.»

Os seus amigos e os membros da sua família formam autêntica coligação para o convencer. Finalmente, procura e encontra um local, liquida o seu negócio de ladrilhagem e abre o seu consultório, em 1975.

### **Resultados espectaculares**

Quando começa as consultas regulares, Gilbert Créola tem apenas 33 anos. E não tarda a alcançar uma notorie-

dade de longe superior à de muitos dos seus confrades que exercem há decénios.

A imprensa escrita e falada contribui amplamente para esta súbita popularidade. As reportagens realizadas pelas equipas de Antenne 2, France-Inter, RTL, Paris-Match, Nostalgia, etc., são motivadas pelo facto de que aquele jovem magnetizador, ainda ontem desconhecido, obtém resultados em casos considerados incuráveis.

Uma menina de três anos, Annie B., vítima de uma electrocussão, perde a fala e a mobilidade das pernas. Nenhum sinal de melhoras, apesar dos vários tratamentos clássicos escalonados ao longo de muitos anos: aos sete anos continua *muda e paralítica*. Os pais decidem então submetê-la a tratamento magnético ministrado por Gilbert Créola. Ao fim de três sessões apenas, o imprevisível acontece: a criança fala e anda!

A intervenção cirúrgica parece ser a única saída para o Sr. J., de Vienne (Isère), que sofre de um *cálculo na uretra*. Alguns dias antes da data prevista para a hospitalização, o doente dirige-se ao magnetizador. Alívio inesperado manifesta-se imediatamente. Graças a uma única sessão de magnetismo, a operação torna-se supérflua.

*Dilatação dos rins e ureteres* é diagnosticada a uma rapariguinha de Saint-Genest-Lerp, a menina V., de cinco anos. Submetida a tratamento magnético de dez sessões, fica curada. A comparação das radiografias feitas antes e depois do tratamento prova a eficácia incontestável do processo magnético empregado.

Submetida a múltiplos tratamentos clássicos por ter *psoríase*, a senhora R., de Sablons, não experimenta nenhuma melhoria sensível. Dez anos depois de ter contraído o seu mal, procura Gilbert Créola, em 1978. Duas sessões de magnetismo restituem-lhe a saúde.

Vítima de *fractura* da tibia direita, o Sr. J., de Marin-gues, tinha a perna engessada havia pento de cinco meses. O exame hospitalar revela a ausência de qualquer cicatri-zação. Três sessões magnéticas dão-lhe remédio, em 1978.

O Sr. G., de Châsse-sur-Rhône, sofre de *papiloma* na corda vocal direita. Será curado com cinco sessões de magnetismo, efectuadas em 1977.

*Diabético* havia muitos anos, o Sr. N., de Chuzelles, confia-se ao cuidado de Gilbert Créola. Quatro sessões bastam.

Tratada pelos métodos habituais por ter *vertigens* e *perturbações de Ménière*, durante cerca de dez anos, a senhora G., de Laneuville (Nancy), não consegue ver-se livre do seu mal. Cura-se depois de quatro sessões de magnetismo.

Impunha-se uma operação ao Sr. C., que sofria de *cálculos nos rins*. Alguns dias antes da data prevista para a hospitalização, quer atenuar as suas dores e submete-se à magnetização. Duas sessões consecutivas levam à elimi-nação natural dos cálculos.

Sofrendo de *úlceras duodenal*, o Sr. D., de Cotignac, faz-se magnetizar, depois de ter seguido em vão um trata-mento alopático. O mal desaparece ao cabo de quatro sessões.

A senhora O., de Eyzin-Pinet, tem violenta *hemorragia interna*. Chama imediatamente o magnetizador. Este cura-a com uma só sessão.

Três sessões de magnetismo vencem a *paralisia* do grande *óptico* esquerdo, de que sofria o Sr. R., de Saint-Rambert-d'Ablon. O oftalmologista que o tratava ficou estupefacto.

Ainda no domínio da oftalmologia, o Sr. Z., de Nîmes, queixa-se de *perda de vista*, bem como de hemorragias no olho direito. É-lhe preconizado um tratamento clássico,

que permitiria a recuperação de dois ou três décimos. Mas a terapêutica magnética melhora a vista do doente em cinco décimos e provoca simultaneamente o fim definitivo das hemorragias oculares.

Em consequência de uma comoção cerebral, o Sr. F., de Bragança (Portugal), de 53 anos, sofre de *hemiplegia* (do lado direito) e não pode falar. Aconselhado pela cunhada, que vive em França, deixa o seu país natal para se entregar aos cuidados de Gilbert Créola. É na sua cadeira de rodas que entra no gabinete de consulta. Logo na primeira sessão consegue levantar o braço direito, resultado definitivamente adquirido. No fim da segunda sessão, consegue levantar a perna direita. No decurso da terceira, chega a pôr-se de pé. Em seguida, graças à continuação do tratamento magnético, recupera o uso da fala e torna-se-lhe possível andar sem ser amparado.

Autenticados pela imprensa, estes casos citados entre os mais conhecidos constituem uma amostragem extremamente restrita. Bastam, no entanto, para atrair a atenção do público e dos inimigos do magnetismo sobre aquele que os seus pacientes e os jornalistas já cognominam «o homem das mãos de ouro»...

### Um processo épico

No seguimento da queixa apresentada pela Direcção Departamental do Isère da Acção Sanitária e Social, Gilbert Créola é citado em justiça, em Novembro de 1978, sob a acusação de exercício ilegal da medicina.

A sala de audiências do Tribunal de Vienne está à cunha. Mais de duzentas pessoas nela se acotovelam, decididas a provar a sua gratidão ao acusado que as curou.

O juiz pergunta a Gilbert Créola se se considera culpado ou não por ter infringido o artigo 372 do Código de Saúde

Pública, que proíbe a prática de actividades médicas a pessoas não munidas de diploma de licenciado em Medicina.

O advogado de defesa salienta que o seu cliente não se considera culpado, embora o seja...

O juiz cita alguns atestados assinados por pessoas que afirmam ter recuperado a saúde graças aos tratamentos do acusado. Lê também um texto em que uma senhora acusa Gilbert Créola de não ter estado presente quando quis que ele a tratasse, certa noite, cerca das 9 h...

A assistência grita em assuada.

«Senhor Créola, procure acalmar os seus admiradores», exclama o juiz.

Volta a reinar uma certa calma.

Para provar a extrema eficácia do magnetismo, Gilbert Créola exhibe ao juiz um bocado de carne completamente seca que magnetizou três anos antes. Esta iniciativa provoca gritos de entusiasmo na multidão.

O juiz, por seu turno, mostra ao acusado um semanário que gaba os seus méritos de curandeiro e pergunta-lhe:

«O senhor pagou para que este texto fosse publicado?»

«De modo algum, não tenho necessidade de publicidade, tenho clientes bastantes», responde.

Curiosamente, a primeira testemunha ouvida é um oficial de diligências, que declara:

«Vítima de um acidente de trânsito em Julho de 1977, fiquei com penosas dores na caixa torácica, por ter fracturado doze costelas. Ao fim de seis meses, fui ver o senhor Créola. No dia seguinte, e até hoje, deixei de sentir dores.»

O juiz inquire:

«O senhor tem a certeza de que não se curou a si mesmo por auto-sugestão?»

Esta pergunta dá lugar a violenta manifestação de hostilidade na sala. Aborrecido, o juiz vê-se na obrigação de

ordenar a evacuação da sala. Depois a audiência retoma o seu curso e a primeira testemunha pode responder:

«Não, senhor doutor juiz, não se tratou de auto-sugestão. Por mim mesmo, não teria conseguido curar-me.»

Seis outras testemunhas deporão a seguir. Uma é M. G., de Bron. Submetido, por motivo de diabetes, a tratamento de insulina, sofria de «males perfurantes nos dois pés, com complicação de *gangrena*». Três sessões de magnetismo permitiram-lhe evitar a amputação, afirma.

Outras ainda clamam a sua indignação, acusando não o magnetizador, mas os facultativos que queriam fazê-las operar, ao passo que Gilbert Créola conseguiu curá-las depois de uma ou de algumas sessões de magnetismo.

Quando uma das testemunhas conta que já não podia mexer um braço, demonstrando por gestos que o acusado a curou completamente, o juiz pergunta-lhe, sorrindo:

«Nunca se lembrou de ir a Lourdes, em vez de ir a Vienne?»

O advogado de defesa intervém:

«Aparentemente, Vienne parece mais seguro», diz.

Também faz sensação — e muita, até — o testemunho de um homem que estivera a tratar-se de um cancro num centro hospitalar especializado:

«Segundo os médicos, viveria apenas alguns meses», explica. «Depois de duas sessões de magnetismo, eu, que era considerado incurável pelos especialistas mais competentes, comecei a recalcificar-me e aqui estou, continuo vivo!...»

A última testemunha, o Sr. G., evoca o martírio do seu filho. A criança sofria de inchação inexplicável num dos joelhos. O médico assistente entendeu que era necessário operar. A intervenção cirúrgica não provocou quaisquer melhoras. Pouco depois, manifestou-se o mesmo mal no outro joelho. De sorte que a criança acabou por ficar com as duas pernas paralisadas. Pôs-se a hipótese de novas inter-

venções cirúrgicas. De preferência a aceitarem essa ideia, os pais socorreram-se de Gilbert Créola. Uma única sessão de magnetismo restituiu o uso das pernas ao doente, que já não andava havia quatro meses!...

O pai informa, depois deste relato, que o seu filho está na sala. Efectivamente, o pequeno Gabriel avança para o presidente, que lhe pergunta:

«Então agora estás melhor? É isso que interessa...»

Nessa altura o procurador toma a palavra:

«É certo que o senhor Créola obteve resultados convincentes. É bom que todas estas pessoas tenham sido aliviadas, e até curadas.

«É verdade também que os médicos oficiais não conseguem curar toda a gente. Os progressos da medicina paralela foram até admitidos quando das recentes palestras de Bichat.

«Mas, no exercício da minha missão, e levando em conta os textos, tenho de requerer a aplicação da lei — que prevê uma pena que vai até à prisão — por imposição de multa.»

A defesa tira o seu argumento principal do paradoxo existente entre a aplicação do artigo 372 e a atitude do Estado, que, no plano fiscal, reconhece a profissão de curandeiro. Também é posto em evidência o facto de Gilbert Créola desfrutar da estima dos médicos que o conhecem, a ponto de lhe enviarem os seus próprios clientes!...

Em conclusão, o Dr. La Phuong faz as seguintes ponderações:

«Nem a Direcção Departamental da Acção Sanitária e Social, nem o Conselho da Ordem dos Médicos, ambos ausentes deste debate, podem considerar responsável, no plano moral, este homem que, um dia, fez alguma coisa pelos outros. Quando muito, é-o no plano legal.

«Nunca incitou os seus clientes ao consumo; é um pouco o médico do desespero, o que se procura quando se tentou já tudo o mais. Em todo o caso, não é um charlatão!»

Uma semana depois, a 14 de Novembro de 1978, o Tribunal de Vienne condena Gilbert Créola a multa de dois mil francos, com a pena suspensa.

### Sim, até o cancro!

Hoje, relembrando o seu processo, que afinal lhe fez grande publicidade, Gilbert Créola mostra certa amargura:

«Lamento que os jornais não tenham chamado a atenção do público para um pormenor da maior importância, no meu entender. Porque fizeram silêncio a respeito da presença no tribunal desse homem que os cancerólogos julgavam condenado? Porque não assinalaram, em letras de cartaz, que o magnetismo pode desempenhar papel primordial na luta contra o cancro?..»

«Presto homenagem ao *Dauphiné Libéré*, que publicou um relato muito circunstanciado da audiência, mas parece-me surpreendente que só *Le Journal Quotidien Rhône-Alpes* tenha aludido, em quatro linhas, ao testemunho de um ser humano salvo da morte graças ao magnetismo.

«Pode ser, porém, que eu não tenha razão. Talvez seja melhor observar as regras da maior prudência. Reconheço que seria criminoso suscitar falsas esperanças, mas defendo também, ao mesmo tempo, que seria igualmente criminoso não dar a conhecer certas possibilidades dignas de ser objecto de pesquisas aprofundadas.

«Falo com conhecimento de causa. A pessoa que foi ao tribunal não está sozinha. Entre os meus pacientes, outros puderam verificar que o magnetismo pode suspender a evolução cancerosa, e até obrigá-la a retroceder. Não

é frequente, mas acontece. E não estou de acordo com os que pretendem que estes 'resultados excepcionais' são obtidos unicamente se o paciente é tratado desde o princípio. Admito que seja muito raro, mas o magnetismo pode fazer prodígios até em estados avançados.

«Dito isto, é certo que — como para todas as doenças — as possibilidades de cura são infinitamente maiores se o magnetismo pode lutar contra o cancro desde que aparece. Na prática, isso não sucede com frequência. Os doentes ignoram o que o magnetismo pode fazer por eles, ou então deixam-se influenciar pelos partidários de métodos mais conhecidos. Se estes falham, recorrem aos curandeiros. Entretanto, não só o cancro progrediu como as células próximas das células cancerosas foram deterioradas pelos recursos terapêuticos utilizados. Acontece também, nessa fase, todo o organismo estar minado por causa do tratamento, químico ou de outra espécie. O trabalho do magnetizador torna-se, por conseguinte, muito mais difícil. O que explica por que razão, apesar do seu poder pouco comum, o magnetismo falha, por sua vez, e quase sempre, se o cancro progrediu de mais.

«Se, em compensação, posso intervir suficientemente cedo, os problemas, a bem dizer, nem se põem. Uma das minhas clientes, a Sra. S., por exemplo, tinha uma formação cancerosa na amígdala direita. Era minúscula, não maior do que um quisto banal. Duas sessões permitiram-me fazê-la desaparecer definitivamente. No ano anterior, 1976, de preferência a fazer-se operar por causa de um tumor do tamanho de um ovo de pomba, localizado sobre a glândula tiróide, a doente, a Sra. C., de Vienne, quis confiar em mim. Uma única sessão de magnetismo foi suficiente. O tumor desapareceu e não voltou a manifestar-se.

«Cada vez que sucedem casos semelhantes, os pacientes falam em milagre, os médicos ficam mais do que surpresos,

mas tudo fica por aí. Creio que seria preciso, todavia, estudar mais a sério a acção do magnetismo sobre os cancros.»

Notemos, de passagem, que Gilbert Créola não é o único magnetizador que chega a esta conclusão.

Charles de Saint-Savin já dizia, há uns vinte anos atrás: «Creio que há pessoas, que nem sequer são médicos, que podem tratar e, em *certos* casos, sublinho, curar o cancro.»

Independentemente de todos os outros testemunhos compilados neste domínio, a homenagem prestada ao magnetismo por um dos mais eminentes médicos franceses do nosso tempo, o Dr. Jean Valnet, presidente da Sociedade Francesa de Fisioterapia e de Aromaterapia, é particularmente significativa. Num livro recente<sup>1</sup>, relata a seguinte observação:

«A senhora B., nascida em 1891, sofrendo desde 1958 de um cancro ulcerado num seio, de tipo cirroso, conseguiu beneficiar, no conjunto, de um estado geral satisfatório, graças sobretudo a curas de fito e aromaterapia, oligo-elementos, gloxinas, magnésio, carzodelan, sindrolisina, negatização eléctrica, etc.

«Em 1966 foi a um magnetizador. Algumas sessões de dois a três minutos. Verifica-se que, pela primeira vez desde a origem da afecção, o tumor regista certa diminuição no seu tamanho, ao passo que a impressão de mal-estar, acusada periodicamente pela doente havia dois ou três anos, quase desapareceu completamente. Confirmado em Outubro de 1969.»

### **A despistagem magnética do cancro**

Gilbert Créola entende, por outro lado, que existe um excelente processo magnético para descobrir o cancro.

---

<sup>1</sup> *Docteur Nature*, Ed. Fayard.

«Não fui eu quem o inventou», salienta. «Tomei conhecimento dele graças ao livro de Rosa Bailly *Comment Guérir le Cancer (Como Curar o Cancro)*. Pu-lo à prova e verifiquei que esse processo não mente. Desde então, utilizo-o sistematicamente em todos os meus pacientes. É necessário estender a mão direita para a pessoa. A mão dirigir-se-á por si mesma para o local mais doente. 'Se designa dois pontos situados entre a primeira e a quinta vértebra dorsal, há cancro', pretendia essa magnetizadora extraordinária que era Rosa Bailly. Repito: este método é tão eficaz como as análises e as radiografias, se não mais, mas devo acrescentar que não indica onde o cancro se encontra. É necessário procurar o local preciso pelo método proposto por Hector Durville.»

### Trabalhar com os médicos

Longe de negar a utilidade dos médicos, Gilbert Créola revela considerável estima a seu respeito.

«Em relação aos médicos, engenheiros especialistas do organismo humano, o magnetizador só pode ser um modesto mecânico», diz. «Admiro profundamente os médicos por mil razões, quanto mais não fosse pela sua resolução de curar os doentes, sem esquecer o facto de que têm a coragem de só viverem durante anos para os seus estudos, antes de se consagrarem ao exercício da sua arte. Mantenho excelentes relações com muitos deles. Se é necessário, aconselham aos seus doentes que venham ver-me. Pelo meu lado, dirijo aos médicos os meus clientes que têm necessidade de ser tratados por eles. Este sistema de colaboração deveria ser generalizado.»

«Desejaria acentuar aqui que me consideram especialista das afecções dos olhos, dos ouvidos e do nariz, das

perturbações psicossomáticas, da hemiplegia, bem como das afecções nervosas e das vísceras.»

**Curar, com certeza, mas também...**

Gilbert Créola figura entre os magnetizadores que lutam com determinação pelo reconhecimento oficial da sua profissão. Também ele fez chegar um *dossier* à Assembleia Nacional com esse objectivo.

A sua competência valeu-lhe, por outro lado, ser eleito presidente da Academia Magnética de França, com sede em Lyon. Dirige aí experiências magnéticas e telepáticas (porque também trata por telepatia, e ainda pelo recurso a «suportes magnetizados», como a água e o algodão), e contribui para a iniciação de pessoas interessadas no magnetismo.

A 20 de Janeiro de 1979, Christian Nucci, deputado e *maire* de Beauperaire, conselheiro geral do Isère, entregou a Gilbert Créola uma medalha de ouro pelos «... serviços prestados à causa do magnetismo humano pelas felizes aplicações que dele obtém para o bem dos nossos semelhantes».

[The text on this page is extremely faint and illegible. It appears to be a standard page of prose with multiple paragraphs.]

## PAUL ADAMS

### Magnetismo e cosmobiologia

Perto de La Châtre, ao fundo de uma aldeia que se chama Chassignoles, ergue-se uma casa de aspecto banal, mas em contacto directo com a Natureza: o pomar que a rodeia prolonga-se até à floresta muito próxima. É ali que mora e dá consulta Paul Adams. Tem 40 anos. Um olhar extremamente claro e um rosto sem rugas dão a impressão de que é muito mais novo; os cabelos grisalhos é que impõem a realidade...

Acolhe os seus visitantes com um aperto de mão franco, de camponês, que não deixa de modo algum supor as suas origens citadinas. E, no entanto, nasceu em Paris, onde viveu até 1977.

«Acabei por me fartar», confessa. «Com o meu temperamento e a minha filosofia, até me admiro de não me ter ido embora mais cedo. Nada é mais verdadeiro, mais salubre e mais salutar do que a vida no campo.»

Acariciando a cabeça de um dos seus numerosos cães, acrescenta:

«E depois, aqui, as noites são claras: posso sentir-me mais perto das 'minhas' estrelas...»

## Astros e saúde

No cartão de visita de Paul Adams pode ler-se: «Astrologia-Magnetismo.»

Aparentemente, estas duas ocupações não têm nada em comum. Como é possível conciliar o estudo dos astros e o alívio dos males pela utilização do fluido magnético?

«Utilizo a primeira ciência para a aplicação da segunda», responde. «Pratico uma forma de astrologia especial: a cosmobiologia, ou seja, o estudo dos movimentos planetários e as suas repercussões sobre o organismo humano. Na realidade, é uma astrologia que não tem nada a ver com os horóscopos tradicionais, visto que é essencialmente orientada no plano médico.

«Desde que a astrologia existe, os seus adeptos sempre procuraram uma relação entre os astros e as doenças do homem. Assim se estabeleceu, há séculos, a correspondência entre os signos do zodíaco e as partes do corpo humano, bem como uma correlação entre os planetas e os princípios mórbidos.

«Ora, apesar dos progressos da medicina e também da astrologia, estas correspondências continuam válidas. Os trabalhos recentes efectuados por médicos que se interessam por esta ciência fizeram evoluir o estudo do tema astral examinado pelo ângulo da saúde. Os prognósticos e os diagnósticos realizados pela astrologia tornaram-se assim mais precisos e permitem tratamentos de fundo mais apropriados ao estado do doente. É necessário, no entanto, deplorar que as pontes entre astrólogos e médicos não sejam mais numerosas, com o que uns e outros, e sobretudo os doentes, incontestavelmente beneficiariam...»

## O tema cosmobiológico

Paul Adams explica que um tema cosmobiológico deve ser estabelecido em função do instante preciso do nascimento da pessoa, o que implica a necessidade de conhecer não só a data e o lugar, mas também a hora exacta do nascimento. O seu objectivo não é o de descrever em pormenor o estado do paciente quando este vier consultá-lo, mas de revelar quais eram, em função da hereditariedade e das posições planetárias no momento do nascimento, as predisposições mórbidas, os órgãos vulneráveis, os sistemas que possam ser ou estar desregulados ao longo da existência.

Este tema permite, por vezes, prever a doença exacta de que mais tarde se arrisca a sofrer a pessoa em causa. Mas isso é raro. E não é esse o verdadeiro objectivo visado, repita-se.

Paul Adams entende:

«Na realidade, a doença não é muitas vezes senão o resultado final de um desregramento inicial. Na ocorrência, é mais útil conhecer esse desregramento, que nem sempre é aparente, a fim de tratar o doente 'em profundidade', e não somente em função deste ou daquele sintoma.

«Tomemos como exemplo o caso de um asmático. As causas da sua asma podem ser múltiplas. Se o tema deixa entrever efectivamente uma sensibilidade na altura dos brônquios, será mais útil demonstrar que a origem da asma se situa no nível dos intestinos do que enunciar simplesmente: *risco de problemas pulmonares, de asma ou de bronquite*, como se contentaria de dizer um astrólogo não especializado em cosmobiologia.

«É aqui que reside todo o interesse da astrologia médica, porque permite conhecer, à partida, *todas* as fraquezas orgânicas que, segundo as circunstâncias e o modo de

vida, correm o risco de se traduzir numa doença súbita ou crónica.

«Em resumo, quando um tema astrológico, digamos clássico, assinala o ponto mais vulnerável do indivíduo, o tema cosmobiológico oferece a possibilidade de passar em revista todas as eventualidades patológicas. É possível, portanto, se o tema cosmobiológico for estabelecido suficientemente cedo, dar conselhos preventivos para evitar, retardar ou minimizar as consequências de uma debilidade inicial e, se é estabelecido mais tarde, de atacar as raízes do mal sem se deixar iludir por sintomas ou dados astrológicos que não têm forçosamente relação evidente com esse mal.»

### Uma longa experiência

Esta concepção que leva a considerar o doente na sua globalidade, a procurar o ou os órgãos deficientes, vai no sentido inverso da medicina tradicional, que tende a ser cada vez mais «especializada». Por este facto, a astrologia médica interessa desde logo aos práticos da medicina natural: homeopata, acupunctur, fitoterapeuta, etc.

«Interessei-me pela cosmobiologia por impulso de meu irmão, que é naturopata», sublinha Paul Adams. «A princípio, servia-me da astrologia para estudos de caracteres e para formular predições gerais. Era, a esse título, responsável pela rubrica astrológica do semanário mais vendido em França. Os meus doze livrinhos consagrados aos diversos signos do zodíaco absorveram-me igualmente nessa época, nos anos 60...

«As pessoas que se dirigem a um astrólogo querem ser informadas, principalmente, sobre os seus problemas afectivos, profissionais, até financeiros. Pareceu-me, no entanto, que as inquietações primordiais podiam não ser relativas

ao amor ou ao dinheiro. Se muitos dos meus clientes me pediam que lhes indicasse o que os esperava depois de um desgosto sentimental, ou num período de desemprego, etc., alguns queriam sobretudo ser tranquilizados a respeito de fadiga ou de dores 'inexplicáveis'.

«Para lhes responder convenientemente, fui levado a considerar um estudo astrológico mais especificamente orientado. Isso implicava, obrigatoriamente, a familiarização com a anatomia, a patologia e a fisiologia, tendo sido iniciado nessas matérias pelo meu irmão.

«Há quinze anos, achando que estava suficientemente qualificado, o meu irmão propôs-me que examinasse o caso de uma das suas pacientes. O meu trabalho permitiu-lhe tratar a doente com o conhecimento real, astrológicamente localizado, da doença, cuja origem os processos tradicionais não haviam determinado. A cura pôde, por conseguinte, ser obtida com surpreendente rapidez.»

Depois deste primeiro êxito, Paul Adams é solicitado por um número incessantemente crescente de naturopatas. A sua competência valer-lhe-á também colaborar com alguns médicos que partilhavam a opinião do Dr. Michaud: «A astrologia é sem dúvida o conhecimento médico de terceiro grau, o que estuda as *causas das causas*, tentando compreender os laços que unem o homem ao Universo.»

«A cosmobiologia adquiriu a pouco e pouco um lugar tão importante nas minhas actividades que me absorveu completamente durante uns dez anos», acrescenta Paul Adams. «Depois, o magnetismo irrompeu na minha vida...»

### A associação magnetismo-cosmobiologia

Acontecia com frequência a Paul Adams, no quadro das suas consultas, aconselhar aos seus clientes a terapêutica natural mais conforme aos seus casos concretos. Paralelamente, vários dos seus amigos dirigiam-se a ele...

«Sabendo que me havia documentado sobre os diferentes métodos da medicina natural, pediam-me que os guiasse. Alguns queriam até que applicasse os meus conhecimentos puramente teóricos para os tratar. Foi assim que acabei por me resolver a tentar alguns ensaios, nomeadamente com as técnicas magnéticas. Para minha grande surpresa, essas experiências revelaram-se concludentes. 'Tens o dom', diziam-me os amigos, que me incitaram a explorá-lo sistematicamente.

«Devo dizer que, de entrada, apenas me arrisquei a tratar afecções benignas. Depois, progressivamente, consegui bons resultados até em casos mais graves. Foi assim que consegui tratar com êxito, em primeiro lugar, a acne e as enxaquecas, depois as perturbações do sistema digestivo, as anemias, as perturbações nervosas, nomeadamente as insónias, os estados depressivos, bem como casos de reumatismo.

«Cheguei a esse ponto depois de ter verificado que certas pessoas são mais receptivas ao magnetismo do que outras. Os resultados, que anotava meticulosamente, haviam-me indicado, com efeito, a necessidade de estabelecer com rigor tratamentos *por medida*.

«Verifiquei, e continuo a notar, que a duração e a eficácia de um tratamento magnético variam de paciente para paciente, ainda que sofram do mesmo mal. Assim, aprendi a determinar, por intermédio do estudo do tema cosmobiológico, quais eram as pessoas mais receptivas ao magnetismo. O que oferece a vantagem de poder programar sessões prolongadas e espaçadas para uns e sessões mais 'ligeiras', mas mais frequentes, para outros.

«Queria notar que é fácil descobrir, pela inquirição cosmobiológica, quais são as pessoas particularmente susceptíveis de exercer o seu magnetismo com fins curativos.

Os dados do meu próprio tema, por exemplo, confirmaram que eu tinha as aptidões requeridas.

«A prática revelou-me, por outro lado, que a minha mão esquerda dava melhores resultados do que a direita.

«O grande descobrimento foi o dos plexos nervosos dessas espécies de nós ferroviários, de estações de triagem do sistema nervoso, que se encontram escalonados no corpo e que, quando perturbados, provocam desregramentos orgânicos em cadeia.

«Foi o estudo do tema que me permitiu pôr em evidência, para cada indivíduo, o plexo mais vulnerável, aquele de que parece depender o equilíbrio interno.

«Adquiri portanto o hábito de tratar sistematicamente pelo magnetismo o plexo em causa nas pessoas que me consultavam. Era evidente que ainda fazia progressos na minha técnica de tratamento e compreendi então que a acção do magnetismo não era somente directa, pela imposição sobre os pontos sensíveis, mas que se exercia igualmente a distância por intermédio das redes nervosas. Digamos que, desta maneira, me juntava aos que praticam a auriculoterapia e que por simples estímulo de uma terminação nervosa na orelha podem estimular um órgão muito afastado.»

### **Um processo aperfeiçoado**

De momento, Paul Adams pensa ter adaptado convenientemente o seu método às suas possibilidades. E crê que é o essencial para um magnetizador: conhecer-se bem a si próprio, saber dominar, disciplinar e utilizar da melhor forma a força que detém.

Quando uma pessoa o consulta pela primeira vez, começa por interrogá-la e por lhe perguntar a data e o local do nascimento, a fim de realizar o estudo do seu tema de

saúde. O que lhe permitirá «situar» essa pessoa no seu contexto psicológico e orgânico e orientará o tratamento.

«Bem entendido, se dou alguns conselhos de dietética, de fitoterapia, etc., começo sempre por uma sessão de magnetismo na altura do plexo indicado pelo estudo do tema. Se é preciso tonificar, estimular, insuflar energia, utilizo a mão esquerda em imposição prolongada, inspirando rapidamente ar pelo nariz e expelindo-o muito lentamente, a fim de libertar o máximo de força magnética.

«Pelo contrário, se se trata de descontrair, de dispersar, de acalmar, utilizo a mão direita em passes lentos, inspirando muito lentamente pelo nariz e expirando rapidamente pela boca.

«Fico por aqui na primeira sessão. Quando revejo o paciente, em geral uma semana mais tarde, noto atentamente as suas reacções antes de recommençar uma sessão de magnetismo idêntica à anterior. Conforme os casos, prosigo essa sessão por passes ou imposições mais gerais se há perturbação dos sistemas, ou mais precisas conforme o ou os órgãos em causa.

«É muito raro que a terceira consulta desta espécie não produza um autêntico alívio graças ao reequilíbrio da energia em profundidade...»

### **O factor tempo**

Para Paul Adams, a determinação dos órgãos vulneráveis, dos plexos, dos sistemas enfraquecidos, não é o único interesse da astrologia para a realização de um tratamento por magnetismo. Outra vantagem dela decorre: a aplicação no tempo.

«É preciso não esquecer que a astrologia implica a possibilidade de previsão. Podemos saber, graças ao exame dos trânsitos planetários, ou seja, pelo deslocamento dos

planetas e pelas suas passagens sobre os pontos sensíveis do tema, se um período é ou não favorável no plano da saúde, e portanto o que podemos exactamente esperar de um tratamento no momento em que é prescrito, e ainda aprender igualmente em que momento futuro se produzirão novas ameaças que possam necessitar de sessões de apoio.

«Acontece-me, por exemplo, tratar um doente, registar com satisfação que vai melhorando e aconselhá-lo a voltar a ver-me seis meses ou um ano mais tarde, quando trânsitos planetários inquietadores o ameaçarão de novo.

«Para voltar ao tratamento propriamente dito, é certo que o facto de saber qual a posição exacta do paciente no plano astrológico constitui elemento não desprezível. Todos os terapeutas, quaisquer que sejam, verificam regularmente que, para dois casos semelhantes, dois tratamentos idênticos não darão os mesmos resultados. Num paciente, assistirão a espectacular melhoria, ao passo que no outro os seus esforços não têm nenhum êxito.

«Este fenómeno é inteiramente compreensível. Quando nos interessamos por um doente que, depois de um período astrológico negativo, entra numa fase mais tónica, os progressos são imediatos. Em contrapartida, um paciente que atravessa um período 'negro', com o horizonte planetário fechado, não se restabelecerá tão prontamente.

«E digo por vezes às pessoas que me consultam: na hora actual, é preciso lutar contra a corrente, não esperar por milagres, mas redobrar de esforços para compensar as influências astrais negativas.»

### **A contribuição da biorritmia**

Para fixar os seus futuros encontros, Paul Adams serve-se por vezes de uma pequena máquina que parece exactamente uma máquina de calcular. Explica ele:

«Verifiquei há muito — e muitos outros o fizeram antes de mim — que os ciclos lunares têm importância considerável para o tratamento e em especial para a terapêutica magnética. Quando se quer estimular um órgão, tonificar um organismo, dar de alguma maneira ‘uma chicotada’, é preferível actuar com a Lua em crescente. Pelo contrário, deve actuar-se com a Lua em minguante quando se pretende a eliminação e a descontração.

«Baseio-me assim nas fases lunares quando quero obter um resultado preciso num doente: por exemplo, a eliminação de um cálculo ou a retomada da actividade hepática.

«Mas levo em conta igualmente os ritmos biológicos, e daí a utilização da máquina em questão. Na realidade, é uma máquina de calcular, mas que permite conhecer instantaneamente os ritmos biológicos de um indivíduo.

«Como todos sabem, o nosso corpo obedece a ritmos precisos. Considero um deles particularmente importante, o de vinte e oito dias. Corresponde, aliás, às fases lunares. A partir do dia do nosso nascimento, e independentemente dos trânsitos planetários de que falei, o nosso organismo obedece à periodicidade de vinte e oito dias, com fase ascendente durante catorze dias e fase descendente durante os catorze dias seguintes. Saber em que momento do seu ciclo biorrímico está o doente oferece-me a possibilidade de modular as sessões de magnetismo para obter, mais uma vez, melhores resultados.»

### **Um denominador comum**

Tudo indica que Paul Adams é o único magnetizador em França — e verosimilmente no mundo — a associar estreitamente magnetismo e astrologia médica.

«Antes de mais é preciso considerar», explica, «que estas duas disciplinas têm um ponto comum: ambas se apoiam em ondas.

«Consideremos a astrologia. Entende-se que tudo o que vive no Universo — e *a fortiori* os corpos celestes: estrelas, planetas ou satélites — emite ondas electromagnéticas e que estas são recebidas por tudo o que gravita em torno. Ora se é pouco provável que ressentamos, na Terra, as radiações emitidas pelos corpos celestes situados a milhares de anos-luz, em compensação é evidente que a nossa existência é condicionada pelas ondas electromagnéticas que vêm dos nossos vizinhos mais próximos: o Sol, a Lua e os outros planetas do sistema solar actualmente conhecidos.

«Como os planetas rodam em torno do Sol, essas ondas estão sem cessar em movimento, compõem-se e recompõem-se. Vivemos na Terra num campo electromagnético variável que influencia o nosso psiquismo, o nosso físico, que condicionou os nossos pais e os nossos antepassados, e que fez que o momento exacto do nosso nascimento fosse um instante privilegiado, visto que situado na confluência de ondas especiais.

«Devo sublinhar que esse instante em que escapamos à órbita materna, em que ficamos em contacto directo com as radiações cósmicas, é capital. Somos então 'impressionados' por essas ondas tão seguramente como um papel fotográfico pela luz que atravessa um negativo.

«O princípio do magnetismo é, no meu entender, o mesmo. Como todo e qualquer corpo celeste, mas também como tudo o que existe, o ser humano é não apenas um receptor de ondas mas também um emissor. Para o verificar, basta o exemplo da telepatia. Ainda não há muito, os que praticavam esse meio de comunicação passavam ou por feiticeiros, ou por charlatães. Ora, como sabemos, as experiências realizadas, especialmente nos Estados Unidos e na URSS, evidenciaram de modo indiscutível essa 'estranha relação' que pode estabelecer-se entre dois indivíduos. A melhor prova é que hoje já ninguém sorri quando

se fala da influência psíquica exercida sobre um jogador no campeonato do mundo de xadrez.

«Os sábios já não põem em dúvida as potencialidades dessas ondas. Tanto assim, aliás, que um sábio declarou recentemente que essa descoberta seria pelo menos tão importante como a da energia nuclear.

«Essas transmissões entre dois seres não são somente limitadas ao envio de mensagens. Podem ser igualmente transmissões de energia: é o que se chama o magnetismo, termo vago, mas que cobre nomeadamente o fenómeno hoje incontestável da influência benéfica, curativa, que um indivíduo pode exercer noutro.»

#### Da teoria à prática

Eis alguns exemplos dos resultados obtidos por Paul Adams: Marc C., de 35 anos, sofria de *impotência* surgida progressivamente. Os tratamentos aconselhados por três médicos não haviam dado qualquer resultado. O exame do tema revelava um estado de intoxicação ligado a má eliminação renal, bem como a insuficiência hepática. Primeira sessão de magnetismo na região lombar, prescrição de uma preparação de plantas para melhorar a eliminação renal e conselhos de dietética... A partir da terceira sessão, o paciente retoma a actividade sexual, mas intermitente. Dois meses mais tarde, estava tudo em ordem.

Roger D., de 34 anos, sofria de *inchaço* nos joelhos e de *perturbações digestivas*. Segundo o tema: desregramento químico do estômago e fenómeno de desmineralização. Imposições magnéticas no plexo solar e nos joelhos, bem como contribuições minerais, garantem, ao cabo de quinze dias, a consolidação dos joelhos e o espaçamento das perturbações digestivas. Um mês depois do começo do tratamento, o paciente considera-se curado.

Jean-Claude T., de 28 anos, tinha *perturbações visuais e auditivas*. Os exames e as análises não haviam revelado a origem do mal. O tema deixava ver uma hipersimpatocotonia, assim como perturbações circulatórias ao nível da cabeça. Magnetismo sobre o plexo cervical, passes ao longo da coluna vertebral e uma solução à base de plantas fizeram desaparecer as perturbações.

François S., de 52 anos, veio consultar-me por motivo de problemas cutâneos e de crises de *asma*, persistentes havia anos. Segundo o seu tema cosmobiológico, o trânsito intestinal estava directamente incriminado: preguiça dos intestinos, fermentação, parasitose. Alguns conselhos de medicina natural, nomeadamente um regime apropriado, bem como magnetismo na altura dos intestinos e do plexo umbilical, revelam-se suficientes para garantir a cura em algumas semanas.

Michèle C., de 31 anos, queixa-se de *hipernervosismo* e de *gordura* que resistiu a todos os regimes. O tema indica instabilidade das glândulas supra-renais e má eliminação renal-urinária. Quatro sessões de magnetismo na altura dos rins, duas preparações de plantas para tomar alternadamente, desencadeiam um processo que terminará por um equilíbrio nervoso mais adequado e por queda de peso regular, e isto sem nenhum regime especial.

Alain L. de 36 anos, sofre de *depressão* e de *astenia* crónicas. Os remédios receitados pelo médico assistente teriam assegurado unicamente melhoras temporárias... O exame do tema cosmobiológico mostra perda de magnésio, parasitose amibiana e obstrução hepática. Uma análise confirma a presença de amibas e levará ao respectivo tratamento médico. Conselhos dietéticos, magnetismo na região do fígado bem como sobre o plexo solar permitem ao paciente recuperar a sua vitalidade normal, ao cabo de quatro meses. Resultado mantido catorze meses depois do começo do tratamento.



## JEAN-FRANÇOIS RIDON

### Magnetismo e hidroterapia

Jean-François Ridon tem 16 anos quando um médico, amigo do seu pai, lhe fala no magnetismo com o maior cepticismo.

«Esse médico pensava que as curas atribuídas aos magnetizadores se explicavam, na maior parte das vezes, pelo efeito tardio de qualquer outro tratamento anterior», conta Jean-François Ridon. «Esta contradição impressionou-me: o jornal que publicara o artigo em torno do qual surgira a nossa polémica pretendia que os magnetizadores conseguiam curar até doentes deixados à sua sorte pela medicina...

«De qualquer forma, decidi-me a tirar o assunto a limpo. Só esperava a ocasião para verificar quem tinha razão...»

#### O mais jovem magnetizador de França

Essa ocasião apresenta-se no dia em que Jean-François faz uma excursão de montanhismo em companhia de três colegas de turma. Um deles cai e fere-se num joelho. Corre

sangue. Os rapazes aplicam um lenço na ferida e decidem regressar imediatamente.

«... Tínhamo-nos aventurado bastante longe, floresta dentro, e, passado um quarto de hora de marcha, mais ou menos, o meu amigo disse que não podia continuar a avançar, tantas dores sentia», recorda Jean-François Ridon.

«Propus então 'magnetizá-lo'. Por pura curiosidade, confiaram na minha proposta.

«Devo observar que nessa época já tinha algumas noções de magnetismo, graças à leitura de um livro de Jagot...

«Volto à minha história. Pedi ao ferido que se descontraísse e efectuei o que se chama uma 'imposição de mão', tendo o cuidado de não tocar na ferida. Apesar das zombarias dos assistentes, consegui concentrar-me, a fim de 'aquecer' a ferida o mais possível. Esta primeira 'sessão' da minha vida prolongou-se durante quase uma hora.

«Resultado? O sangue deixou de correr, a ferida parecia mais pequena e o meu 'paciente' pôde retomar a marcha, sem se queixar novamente de dores...»

Em seguida, Jean-François Ridon põe frequentemente à prova a eficácia do seu fluido magnético. Os seus amigos, adolescentes como ele, prestam-se de boa vontade às suas experiências se sofrem de males sem importância. A pouco e pouco, adquire assim certa reputação. Por altura dos seus 18 anos, sugerem-lhe que se instale como curandeiro.

«Os meus pais estavam dispostos a emprestar-me os fundos necessários. Mas não concordei. Pensava que tal empreendimento teria sido um embuste, a confirmação da desconfiança que alguns sentem em relação aos curandeiros.

«Quería primeiro conhecer melhor as técnicas magnéticas e, sobretudo, conhecer a fundo o mecanismo do corpo humano...»



T. 1739518

n.a. 1171247

## Uma formação sólida

Aos 18 anos, Jean-François Ridon começa a estudar quinesioterapia na Escola de Berck. Aperfeiçoa-se em Paris, num estágio no Hospital de La Salpêtrière, num serviço de neurocirurgia, e depois no Hospital Lariboisière, no serviço de reumatologia do Prof. Sèze. Tem 21 anos quando lhe é concedido o diploma em quinesioterapia dos Hospitais de Paris.

Trata-se apenas de um começo, de uma formação que ele considera de base. Quer descobrir horizontes voluntariamente ignorados pela medicina tradicional; por isso, orienta-se para a medicina chinesa.

«De preferência a estudar a acupunctura, achei muito mais apaixonante assimilar a fundo o karate e o tai-jitsu. Essas artes marciais ofereciam-me numerosas vantagens. Podia familiarizar-me com a 'geografia' chinesa dos centros nervosos, e também adquirir perfeito domínio de mim próprio, controlar a minha energia e a minha respiração. Todas estas qualidades são, no meu entender, indispensáveis para praticar o magnetismo, sem correr o risco de perturbar ainda mais o doente.

«Com efeito, creio necessário que um magnetizador saiba acentuar a 'canalização da energia', que é a fonte do magnetismo. O corpo e o espírito devem estar em perfeita harmonia. É a condição primordial para que a onda magnética possa realizar o seu efeito terapêutico. Numerosos magnetizadores reputados tiveram de parar de exercer por não terem podido ou sabido conservar este equilíbrio.»

Paralelamente, Jean-François Ridon segue cursos de professores especializados no ensino das manipulações articulares.

«Não basta 'sentir' uma articulação, poder determinar o movimento necessário para a repor no seu lugar», explica

ele. «É preciso também conhecer os sinais clínicos que indicam uma fractura, uma racha, um deslocamento ósseo. Na sua presença, é indispensável obter uma radiografia e deve recorrer-se a um cirurgião.

«Muitos curandeiros que procedem por manipulações, e isso exclusivamente por instinto, obtêm resultados satisfatórios, não o nego. Mas sucede também que os seus processos estejam na origem de acidentes graves, por vezes irreparáveis. Não por negligência, mas por ignorância...

«Para quê insistir? Outros, mais qualificados do que eu, que são médicos, encarregam-se dia após dia de sublinhar o facto de que só eles têm competência para tratar não só certas doenças, mas também fracturas, etc. Não posso deixar de aprová-los.

«Os meus estudos de quinesiterapia e o meu aperfeiçoamento nas manipulações articulares permitiram-me portanto, entre outras coisas, saber quando posso e quando não posso intervir para tratar um doente, quer seja por magnetismo ou por qualquer outro meio.

«Chegado a este estágio, fiz-me iniciar nas técnicas das massagens reflexas e da auriculoterapia.

«As massagens reflexas derivam das massagens chinesas e foram apuradas por médicos ocidentais, holandeses especialmente. Este método assenta nos princípios da acupunctura. É uma medicina de regularização do organismo, tal como a auriculoterapia, que actua em 'pontos-chave' situados nas partes externas da orelha, o que foi descoberto por um médico lionês, há uns quinze anos atrás. Massagens reflexas e auriculoterapia têm, ambas, a enorme vantagem de garantir melhores resultados por via natural, sem medicamentos.

«Enfim, durante dois anos, fiz um estágio num gabinete paramédico parisiense. O que me permitiu ter acesso ao universo da fito e da aromaterapia. Devo também a esse

estágio a revelação da hidroterapia, método destinado, na minha opinião, a ser praticado em associação com o magnetismo.»

### O papel da água

«No plano terapêutico, a água pode actuar não só pelas suas propriedades intrínsecas, exploradas no quadro do termalismo, mas também, e sobretudo, sob três formas: térmica, mecânica e química. Estas três propriedades estão na base da hidroterapia.

«O efeito *térmico*, que se manifesta graças às técnicas de variações de temperatura, de aplicação de água quente e de água fria, sempre foi tido como especialmente importante», recorda Jean-François Ridon. «O abade Kneipp e o Dr. Salmanoff repertoriaram com precisão todas as possibilidades curativas neste domínio.

«Quanto ao efeito *mecânico*, a água actua pelo seu contacto, pelo seu magnetismo e pela pressão que exerce sobre o corpo quando é utilizada quer numa banheira, quer de modo mais selectivo, em hidropunctura, ou seja, empregando duches de jacto sobre pressão. O terapeuta visualiza então certos pontos ou meridianos de acupunctura.

«O efeito *químico* é muito mais complexo. Para o compreender, é preciso conhecer a importância da pele no corpo humano. Os números são eloquentes: a pele de um homem de estatura média tem uma superfície de 1,6 m<sup>2</sup>. Representa, por si só, um sexto do peso do corpo e retém um terço do volume total do sangue. O comprimento total dos capilares da pele humana é de cerca de 10 000 km..., se bem que o seu diâmetro seja extremamente pequeno, ou seja, de três a trinta milésimos de milímetro. Se se pudesse abrir esses capilares ao meio e reuni-los, a sua superfície total seria de cerca de 6300 mm<sup>2</sup>. Quando se sabe que esta

superfície total tem por fim regular as trocas entre o sangue e os outros líquidos orgânicos, imagina-se perfeitamente o interesse primordial dos capilares.

«A derme, por outro lado, é ricamente inervada e desempenha o papel de receptor-informador do organismo. Qualquer acção sobre a derme implica repercussões sobre o sistema neurovegetativo e, por seu intermédio, sobre as glândulas endócrinas. É igualmente a zona do corpo mais vascularizada.

«Consideremos, agora, o tecido adiposo subcutâneo. Regulariza as trocas entre a pele e os órgãos profundos. Se certas zonas são mal vascularizadas, ou, por outras palavras, se os vasos são demasiado apertados, haverá, em contrapartida, órgãos em que a irrigação será demasiado importante: esses órgãos serão congestionados. Pelo contrário, vasos dilatados de mais na área da pele implicarão diminuição da pressão sanguínea: as trocas orgânicas serão retardadas.

«A pele é, além disto, um centro de regulação capital entre sistema arterial e sistema nervoso. Podemos considerá-la como um 'segundo coração', que pode aliviar o primeiro na sua acção, ou, no extremo oposto, contrariá-lo. Eis por que uma hidroterapia apropriada garante melhoras em todas as afecções cardíacas.

«Esta dupla acção sobre os centros nervosos e a circulação explica por que a hidroterapia constitui um meio de acção excelente em todos os casos de perturbação da pressão arterial. Para mais, a pele segrega uma hormona semelhante à segregada pelas supra-renais e que regulariza a tensão arterial. Reside aqui um dos aspectos da função *química* da hidroterapia que pode acelerar ou diminuir a secreção dessa hormona.

«Destas diferentes relações entre a pele e o sangue pode deduzir-se facilmente o papel essencial de toda e qual-

quer intervenção vibratória especificamente hidroterápica, ou ainda de qualquer onda magnética, sobre a circulação do sangue, da linfa ou, ainda mais profundamente, no plano da própria constituição celular e de um dos seus componentes, o protoplasma.»

### Água e magnetismo

Tomando a iniciativa de associar magnetismo e hidroterapia, Jean-François Ridon partiu do princípio de que qualquer forma de magnetismo actua sobre o corpo por intermédio dos líquidos contidos no próprio corpo (sangue, protoplasma celular, linfa), realizando um efeito vibratório que é... fonte de vida!

Cita de bom grado, a este propósito, uma frase do livro *Médecine An 2000*, de C. M. J. Bresillon: «Qualquer afecção, qualquer doença, é um desequilíbrio na vibração celular», concepção que se junta, aliás, à formulada pelo Dr. Tony Moilin no século passado.

«O corpo humano está em perpétua vibração e as suas reacções físico-químicas dependem do próprio meio no qual está inserido o indivíduo, entendido como conjunto», observa Jean-François Ridon.

Também creio que o homem sofre influências das fases crescentes e minguantes da Lua, da radiação cósmica e das diversas acções electromagnéticas planetárias, tal como os oceanos e os mares. É preciso não esquecer que os terapeutas do Egipto antigo, grandes sábios que se dedicavam ao estudo do Céu, tal como Mesmer, inspiraram-se nos fenómenos do magnetismo universal para imaginar e aperfeiçoar técnicas curativas baseadas no magnetismo humano...

«A água presta-se muito especialmente à transmissão do fluido magnético, mas, tal como o magnetismo, também é indispensável à vida. Água e magnetismo são portanto

inseparáveis. O magnetismo traduz a energia vital que se manifesta no plano das células, ao passo que a água é sinónimo de nutrição e de constituição de todo e qualquer organismo vivo. Tem, além disso, a particularidade de favorecer as trocas celulares e de contribuir para a eliminação dos resíduos orgânicos.

«Por todas estas razões e por muitas outras, é frequentemente útil e até necessário corroborar pela hidroterapia os efeitos de um tratamento magnético.»

### Um centro magnético-hidroterápico

Jean-François Ridon tem 28 anos quando inaugura, em 1977, o seu Centre de Remise en Forme et de Détente, no maciço dos Alpes do Sul, em Serre-Chevalier (Villeneuve-la-Salle), no coração de uma região chamada «o vale dos 300 dias de sol por ano».

«Escolhi a fórmula *'remise en forme'* [recuperação] porque o meu objectivo não é o de curar uma só doença determinada, mas de reequilibrar o organismo, a fim de que este possa defender-se sozinho. Quanto a *'détente'* [descontracção], o centro está situado em plena montanha, a uma altitude de 1300 m, na margem do Guisane. As pessoas que aqui vêm podem fazer excursões, praticar a canoa-gem, andar a cavalo, jogar ténis, nadar na piscina coberta ou ao ar livre, ou simplesmente apanhar banhos de sol, admirando a paisagem.

«Falemos da minha concepção de tratamento magnético-hidroterápico: para mim, a doença não é uma afecção localizada em certa zona corporal ou num órgão, mas sinal de desequilíbrio completo do organismo.

«Na minha opinião, é preciso deixar de considerar o corpo *em pequenos bocados* e tentar ter em conta o ser humano no seu conjunto. A noção de 'ciclo', que a medicina

chinesa aplica há milénios, justifica-se plenamente. Qualquer forma de energia mantém um equilíbrio, por oscilação constante entre o positivo e o negativo. Acontece o mesmo no plano do organismo humano. No corpo, a energia nunca é estática: passa sem cessar do positivo ao negativo, estabelecendo assim um equilíbrio fluido entre os dois pólos. Tal equilíbrio corresponde à saúde. Qualquer alteração desse equilíbrio significa doença.

«É por esta razão que pretender tonificar um organismo sem passar por uma fase eliminatória parece ilusório e pouco duradouro. O corpo humano defende-se contra as agressões — inflamações, infecções, etc. —, mas é preciso fornecer-lhe recursos para tanto. Frequentemente, procura-se, por exemplo, ‘cortar’ quimicamente uma febre importante, quando o corpo está precisamente em plena fase de eliminação. Só que as pessoas esquecem-se de que a febre é uma reacção de defesa, que se produz para queimar certa quantidade de toxinas!... E também o eczema, a úlcera cutânea, as diarreias, os suores são sinais de eliminação. Se os suprimimos por meio de medicamentos, nem por isso deixa de subsistir o mal fundamental. Só os recursos da medicina natural podem apagar, paralela e simultaneamente, os efeitos e a causa de uma doença, e isso sem prejudicar o organismo.»

Em colaboração com um dos seus confrades, um naturopata especializado em fitoterapia e aromaterapia, Jean-François Ridon elaborou um método curativo especial a que deu o nome de «hidroterapia conjugada». Trata-se de uma associação magnetismo-água-plantas. Graças a esta «tróica», a acção benéfica sobre o sangue, a linfa e o protoplasma celular fica excepcionalmente reforçada. O objectivo visado é não só combater uma doença determinada, mas também ajudar o organismo a reequilibrar-se no seu conjunto. Para tanto, favorece-se primeiro o desenvolvi-

mento normal das funções de eliminação natural. O processo de tonificação é assegurado somente em seguida.

«Durante a cura, que é diária, pode perceber-se que a fase eliminatória, em que se estimulam rins, intestinos, pulmões e pele, passa por um apogeu no quarto ou quinto dia; depois dessa fase, a 'recuperação' do organismo pode finalmente efectuar-se.

«A duração óptima desta cura de hidroterapia conjugada é de quinze dias. Este período revela-se necessário para a prossecução satisfatória da fase tonificante, para o estímulo eficaz desta ou daquela função orgânica. O equilíbrio perfeito das energias vitais pode ser assim obtido. A acção comum do magnetismo, da água e das plantas melhorou e estimulou devidamente a circulação do sangue e da linfa, e o processo celular reequilibrou-se, a energia vibratória do protoplasma reforçou-se, o que leva ao estímulo das defesas naturais.

«Para reforçar os diversos sectores desequilibrados do corpo, a cura põe igualmente em acção outras técnicas naturopáticas: as ondas electromagnéticas ou ondas hertzianas, cuja acção se associa à do magnetismo humano.»

### **Alguns casos entre os mais eloquentes**

A Sra. M.-C. L., de Ruão, tem 54 anos quando se submete a uma cura de três semanas que comporta, por um lado, hidroterapia diária associada ao emprego de óleos essenciais de pinheiro e de alecrim (banhos) e, por outro, o estímulo dos emunctórios por hidropunctura, o magnetismo, a auriculoterapia e a higiene alimentar.

Seus antecedentes: reumatismo inflamatório e poliartrite localizada, sobretudo nos ombros e nas mãos, nos dedos em especial. Tratada, havia doze anos, por alopatia (calmantes, anti-inflamatórios, infiltrações), sentia alívios

passageiros seguidos pelo regresso das dores, bem como por perturbações digestivas.

A eliminação produz-se durante o quarto, quinto e sexto dias da cura: febre, dores, suores importantes, enxaqueca. Depois, as mãos desincham rapidamente, a mobilidade melhora e pode mover-se sem dores.

A paciente escreverá: «... Deixei de sentir a sensação de torno e de bloqueio. Ao nível dos ombros, posso pentear-me facilmente, quando esse movimento me era quase impossível e me provocava autêntica dor. Há um ano que efectuei a primeira cura, e todos os seis meses faço uma semana de cura a título preventivo. Uma fitoterapia regular permite-me estabilizar o meu organismo. A hidroterapia aconselhada pelo Sr. Ridon tornou-se-me familiar e a minha vida ficou completamente mudada. Posso retomar as minhas actividades quase regularmente...»

A Sra. J. G., de Toulouse, de 32 anos, tivera primeiro uma actividade sedentária e depois empregou-se como caixeira, o que a obrigava a ficar de pé durante todo o dia. Desde o começo da tarde sentia dores prolongadas nas pernas, a ponto de lhe custar ficar de pé. Os tornozelos inchavam. Sofria, além disso, de numerosos problemas digestivos e intestinais.

A terapêutica aplicada visou essencialmente o estímulo de um emunctório (intestino), pois o bloqueio intestinal provocava a diminuição da circulação de regresso (veias).

Segue uma cura de quinze dias. A hidroterapia utiliza óleos essenciais de alecrim, cipestre, segurelha e zimbro, alternando com essências de salva e de tomilho, que têm acção electiva sobre os sistemas digestivo e endócrino. São-lhe aplicadas ondas electromagnéticas sobre os trajectos das veias safenas (interna e externa) e sobre a cavidade abdominal. A desconstracção é sobretudo baseada na respiração, a fim de oxigenar o fluido sanguíneo. Intervém

também uma hidroterapia de apoio, à noite e a meio do dia. O tratamento de fundo é constituído por fitoterapia e aromaterapia, acompanhadas por sessões de marcha e de postura gímnica em candelabro.

A paciente resolve assim todos os seus problemas digestivos, a sua circulação venosa melhora nitidamente... e pode evitar a operação (*stripping*) prevista! As dores desaparecem.

O Sr. J.-P. d'A.-N., de Paris, de 43 anos, sofre de numerosos problemas hepato-digestivos (enxaquecas, prisão de ventre, sensação de queimadura no estômago, insónias), acentuados pelas suas actividades profissionais, que lhe impõem refeições de negócios frequentes e por um ritmo de vida nervosamente traumatizante.

Duas curas de uma semana, efectuadas a quatro meses de intervalo, à base de magnetismo, de fito-balneoterapia, de desconstracção e de auriculoterapia.

Após a primeira semana do tratamento, as enxaquecas desaparecem, o sono vai-se regularizando progressivamente e os problemas hepato-digestivos são também definitivamente resolvidos. As possíveis recaídas serão evitadas graças à observância de adequada higiene alimentar, bem como a curas preventivas anuais.

O Sr. C. B., de Bruxelas, de 56 anos, sofria há perto de quinze anos de artrose difusa (anca, coluna vertebral lombar e cervical, espáduas, joelhos), de hipertensão e de problemas de eliminação renal. Numerosas curas efectuadas em estações termais apenas lhe proporcionavam melhoras passageiras mais ou menos importantes.

A hidroterapia conjugada (sessões de magnetismo, banhos aromaterápicos, etc.) assegurou a desejada regeneração orgânica. Anteriormente, por causa da sua tensão, fora-lhe formalmente desaconselhado qualquer esforço, mas o paciente pôde efectuar sem dificuldade longas caminha-

das, a partir do nono dia da cura. O tratamento foi continuado durante mais cinco dias. Entretanto, todas as dores desaparecem, o paciente reencontra o seu dinamismo «dos verdes anos», como ele próprio diz. Bastar-lhe-á, durante os seis meses seguintes, tomar tisanas fitoterápicas e banhos aromaterápicos para manter os resultados obtidos. Nenhuma recaída, graças a curas preventivas anuais de duas semanas.

A Sra. C. M., de Paris, de 35 anos, sofre há cinco anos de hipertensão de crises de asma e de insónias, em consequência de um choque emocional importante.

Os tratamentos clássicos não lhe proporcionaram melhoras sensíveis, pelo que recorreu à medicina natural. Decidiu-se assim a seguir duas curas de hidroterapia conjugada, cada uma delas de catorze dias, com seis meses de intervalo. Magnetismo e fito-balneoterapia regularizam o sono e reduzem a tensão desde a primeira cura. O clima específico (carregado de iões negativos) de Serre-Chevalier contribui para o reequilíbrio necessário e as crises de asma atenuam-se progressivamente, ao mesmo tempo que a paciente retoma uma forma física e psíquica que julgava perdida para sempre.

### **O papel preventivo do magnetismo**

«Como já acentuei, não procuro provar — também pelo meu lado — que o magnetismo e a medicina natural em geral pode curar quando os recursos curativos tradicionais não dão resultado», conclui Jean-François Ridon.

«Pelo contrário, quero demonstrar que o paciente tem todo o interesse em se tratar pelos nossos métodos ainda que o seu mal não apresente excepcional gravidade e ainda que subsistam recursos clássicos que lhe sejam úteis.

«Os homens e as mulheres que tratei informam-me que já não se sentem fatigados, que podem entregar-se a esforços incompatíveis com a sua idade, que já não têm tendência a 'cair doentes por tudo e por nada'. Isto é muito significativo e confirma que um tratamento magnético restabelece o equilíbrio do organismo no seu conjunto.

«Assim, apesar de tratado de uma afecção, ao fim e ao cabo relativamente benigna, o indivíduo extrai do magnetismo, da fitoterapia, da aromaterapia, etc., energia vital que lhe permite deixar de ser tão vulnerável ao *stress* da vida quotidiana e às doenças. Porque todas estas terapêuticas têm dupla acção: curam um mal determinado e, ao mesmo tempo, regeneram o organismo. O qual poderá, portanto, defender-se com mais eficácia contra as diversas agressões.

«Para tomar um exemplo extremo, isto significa que uma ou várias sessões de magnetismo praticadas para fazer desaparecer uma banal acne, por exemplo, terão paralelamente a imensa vantagem de tonificar e de fortificar o paciente, ao ponto de o tornarem menos vulnerável às doenças graves, não constituindo os cancros excepção...

«Este papel preventivo do magnetismo é ignorado pelo grande público. Que eu saiba, poucos magnetizadores o têm posto em relevo. Se me referi a ele, é porque entendo que se trata de um factor de primeira importância.»

## ANGEL GRIBAUDO

### Magnetismo e naturopatia

«Tenho duas regras básicas», diz Angel Gribaudo. «Localizar a doença com a maior exactidão e curar ajudando simultaneamente o paciente a não voltar a cair doente.

«Para tanto, detecto o mal graças à iridologia, selecciono a terapêutica a empregar pela radiestesia e trato por magnetismo em associação quer com a acupunctura ou a auriculoterapia, quer com a fitoterapia ou a aromaterapia, quer ainda com a homeopatia. A dietética contribui, por seu turno, para o êxito do tratamento.

«Nunca é a própria doença que motiva a escolha dos recursos complementares que devem secundar o tratamento de base, o magnetismo. As soluções são sempre ditadas pelo estado geral e as alergias eventuais do doente.»

### Um facto decisivo

Em 1963, Angel Gribaudo ainda não terminara os estudos secundários, interessando-se mais pelo futebol do que pela sua futura carreira — os pais queriam que ele fosse advogado —, quando ocorreu um acontecimento que iria determinar a sua orientação profissional. Um dos seus

melhores amigos contraiu, durante umas férias passadas em África, um vírus rebelde aos antibióticos. O seu estado agrava-se de dia para dia, os esforços dos médicos permanecem vãos e tudo leva a supor que irá morrer, quando a mãe do rapaz convoca um magnetizador.

«No dia seguinte ao dessa intervenção, o meu amigo estava ainda pior, mas em seguida a febre baixou subitamente, milagrosamente por assim dizer, e o processo de cura desencadeia-se», recorda Angel Gribaudo. «Com admirável modéstia, o curandeiro declarou que tinha simplesmente ajudado a natureza a triunfar da doença, uma doença, aliás, que não pôde ser identificada.

«Até então, a medicina parecia-me um domínio demasiado rebarbativo. Foi por essa altura que o processo se desencadeou. Comecei a pôr-me interrogações, quis saber se, em caso de doença, teria interesse em tratar-me com um médico ou um curandeiro.

«Admito que fosse uma motivação bastante egoísta. Em todo o caso, permitiu-me documentar-me sobre a medicina natural. Primeiro percorri, e depois li cada vez com maior atenção livros que elogiavam os benefícios do magnetismo, da medicina pelas plantas, etc. Com o tempo, o assunto apaixonou-me de tal maneira que decidi estudá-lo a fundo.»

### **Aparente variedade**

Como autodidacta, mas também em escolas especializadas (na Alemanha e no Canadá), Angel Gribaudo aperfeiçoa-se nos diversos ramos da medicina natural durante cerca de dez anos.

«A variedade das diversas disciplinas naturopáticas é, na realidade, aparente. Toda e qualquer terapêutica natural confia ao organismo humano o papel a que tem direito.

Magnetismo, acupunctura, auriculoterapia, aromaterapia, fitoterapia e homeopatia possuem modo de acção idêntico: apoiam a autodefesa que protege o corpo desde o instante em que se manifesta um desregramento orgânico qualquer. A medicina tradicional, em contrapartida, minimiza esses meios de defesa e até, muitas vezes, abstrai totalmente deles.

«Trata-se, portanto, de duas concepções diametralmente opostas. É aliás por esta razão que uma cura naturopática nada pode, ou pouco, se o paciente é submetido, paralelamente, a um tratamento alopático. Mas é também por isso que não existe incompatibilidade entre as diversas terapêuticas da medicina natural. A prática demonstra o enorme interesse da associação das virtudes curativas próprias ao magnetismo humano, às plantas, aos elementos homeopáticos, etc. Tudo está em saber acasalá-los inteligentemente, segundo as necessidades do paciente.»

### **Para não errar...**

O consultório principal de Angel Gribaudo está situado numa vivenda da comuna da Union, num arrabalde próximo de Toulouse. Na última semana de cada mês dá consulta em Antibes.

«Começo por tomar conhecimento do *dossier* médico do paciente. Isso permite-me saber o que foi ou não feito para o curar e dá-me uma ideia, pelo menos aproximada, dos desgastes verosimilmente provocados pelos medicamentos químicos. Parece-me isto tanto mais indispensável quanto é facto que os doentes procuram-me, na maior parte dos casos, depois de terem passado por um ou mais tratamentos clássicos... ineficazes, escusado seria dizê-lo.

«As pessoas têm o hábito de dar prioridade aos médicos. Como censurá-las? Grave ou não, em caso de doença é preciso começar por aí, na minha opinião. Mas se se

verifica que o tratamento receitado não cura, para quê persistir?...

«Só tenho 33 anos, exerço há relativamente pouco tempo, e no entanto acontece-me raramente ser consultado por pessoas que não tenham sido desgastadas pela quimioterapia. Adiante!...

«Elucidados os antecedentes, faço questão de conhecer a situação geral. Informo-me sobre os sintomas de que o doente se queixa, sobre os seus hábitos quanto a nutrição, sobre o seu desgaste físico, etc., e trato também de investigar certos problemas que possam deixar deduzir uma eventual causa psico-somática do mal.

«Depois de tudo isto, procedo obrigatoriamente a um exame iridológico. Sirvo-me de aparelhagem especial para fotografar as íris do paciente. O estudo aprofundado das fotos assim obtidas permitir-me-á descobrir as origens reais da doença, o órgão de onde vem o mal.

«Este método, derivado do ensino da medicina caldaica, foi elaborado por um médico húngaro, o Dr. Peczely, e continua a progredir graças ao concurso de numerosos sábios franceses e estrangeiros, nomeadamente os Drs. Bourdiol, Vida, Deck, Payrau, Reilinger, etc. Consiste em 'ler' nas manchas, furos, cores, pontos coloridos visíveis na íris humana, sabendo-se que esta reflecte, fracção por fracção, o estado normal ou patológico da quase totalidade dos órgãos. Devo a minha formação nesta disciplina ao Prof. Jausas, bem como ao seu assistente, o osteopata Guidoni. Tendo sido nomeado vice-presidente da Associação Francesa de Iridologia Renovada, participo activamente nos trabalhos, empreendidos no plano internacional, que tendem a aumentar o impacte deste meio de diagnóstico ainda pouco ou mal conhecido pelo público.

«Havendo completado, pelo exame iridológico, os dados previamente recolhidos, apelo para a radiestesia. Experi-

mento, por este processo, a receptividade do paciente às diversas terapêuticas da minha competência. Se concluo que é de considerar um tratamento fitoterápico, aromaterápico ou homeopático, é sempre pelo mesmo meio que defino a composição e a dosagem dos remédios a receitar.

«Todas estas precauções são destinadas a eliminar os possíveis erros. Por nada deste mundo levaria em conta unicamente os sintomas indicados pelo paciente. Neste domínio, é preciso nunca fiar nas aparências, mas procurar situar a fonte do mal, e depois seleccionar os elementos do tratamento em conformidade com os imperativos de cada caso concreto.

«Reside aqui uma das características da medicina natural. Tal como os meus confrades, nunca prevejo um tratamento uniforme para uma dada doença. A terapêutica será modelada em função das exigências do estado geral e das predisposições do paciente.»

### **Um tratamento racional**

Angel Gribaudo tem a ambição de nunca abusar da paciência dos seus clientes. A medicina natural não tem a reputação de ser «milagrosa»?... Mas Gribaudo é de opinião que um doente que aceita de bom grado demorado tratamento clássico tem tendência a desanimar muito depressa se o tratamento naturopático não revela eficácia desde a fase inicial. Esta atitude é tanto mais absurda, segundo pensa, quanto é facto que um tratamento pela medicina natural implica, quase sempre, certas regras de higiene alimentar, regras que o paciente observa raramente, ou suficientemente. Se a colaboração incondicional do doente não puder ser obtida, cabe ao terapeuta empreender uma terapêutica racional, capaz de garantir melhoras encorajadoras iniciais no melhor prazo.

«Se se mete a falar de magnetismo, o homem da rua imagina paráliticos que se põem a caminhar, cegos que recuperam a vista, e assim por diante», observa Angel Gribaudo. «O que nos obriga a não impor ao paciente o ónus de grande número de deslocações, mas a demonstrar-lhe em breve prazo que não fez mal em confiar-se aos nossos cuidados.

«Seria difícil, com efeito, levar a admitir que, em certos casos, o magnetismo exige meses ou anos antes de poder vencer o mal. Esta a razão por que, de preferência a praticar unicamente o magnetismo, faço intervir paralelamente outros métodos curativos que podem reforçar e até multiplicar os efeitos de um número muito restrito de sessões magnéticas.

«Como já acentuei, sirvo-me da radiestesia para estabelecer o meu 'plano de batalha'. Classifico assim os meus pacientes em três categorias. Se o doente é especialmente sensível ao magnetismo, não há problema, e posso prever uma, duas ou três sessões apenas. Se a receptividade parece mediana, o número de sessões não será mais elevado, mas o doente será magnetizado durante mais tempo e, ao mesmo tempo, os efeitos do magnetismo serão mais activados por um ou por vários recursos complementares. Se, finalmente, o teste indica receptividade mínima ou nula, em vez de propor um tratamento magnético excepcionalmente demorado, preconizo unicamente o emprego de outros recursos, acupunctura, aromaterapia, etc.

«Por este sistema, consigo, em todos os casos, não impor ao doente uma cura que seria susceptível de abalar a sua fé. Quanto menos demorado for o tratamento, tanto mais o doente acreditará nele, o que contribuirá para o êxito. O paciente, além disto, seguirá mais facilmente o regime eventualmente aconselhado.»

## Alguns casos típicos

«As suas mãos são milagrosas», escreveu uma senhora a Angel Gribaudo, na carta em que lhe agradecia a sua cura. Numerosíssimas outras pessoas exprimem-se com análogo entusiasmo, louvando esse terapeuta que tem «muitas cordas no seu arco».

Mostrando, de cada vez, os testemunhos escritos correspondentes, Angel Gribaudo evoca alguns casos típicos entre os que tratou no decurso dos dois últimos anos:

«*Fractura* do artelho... Uma só sessão de magnetismo e de aplicação de certo pó naturopático permitiu à paciente não ter mais qualquer sofrimento, poucas horas depois da ocorrência do acidente no seu domicílio, e caminhar normalmente ao fim de dois dias. Por outro lado, tratei-a de *vertigens de posição* crónicas, que se manifestavam há cerca de dez anos, em seguida a outro acidente, este de automóvel. A Sra. Y. B., fizera numerosos tratamentos médicos, massagens, estiramentos, etc., sem resultados satisfatórios. Pelo magnetismo e pela acupunctura, a cura foi obtida em dois dias.

«Tratei outra paciente, a Sra. O., de Toulouse, também por duas vezes. Operada quatro anos antes aos joelhos, veio ver-me, em 1978, dizendo-me que continuava a sofrer e que caminhava com dificuldade. Duas sessões de magnetismo e de aromaterapia restituíram-lhe a possibilidade de 'trotar como uma gazela', escreveu-me depois. Também a sua *artrose cervical* lhe causava problemas: rigidez, algias, dores de cabeça... Três sessões de magnetismo e de auriculoterapia fizeram desaparecer tudo isso.

«Sofrendo de *enxaquecas oftálmicas* antecedidas por perturbações visuais, uma senhora solteira, C. F., foi tratada unicamente por magnetismo quatro vezes. Melhoras progressivas primeiro, e depois cura completa, em 1978.

«No ano passado, certa Sra. C. B. escreveu-me: '... Graças a si reencontrei o meu equilíbrio físico, uma vida normal e até a alegria de viver... O meu joelho já não me faz sofrer, quando me obrigava a coxear. Nenhum remédio me fora aconselhado, a não ser uma operação. Por outro lado, todas as minhas *perturbações gástricas* desapareceram graças à sua intervenção, quando a verdade é que nada pudera aliviá-las durante três anos...' Também neste caso o magnetismo foi utilizado em associação com outros recursos naturais.

«Uma senhora de Paris, V. S., de 75 anos, sofria também de perturbações visuais, devidas a um princípio de *catarata*, acentuado sobretudo no olho direito. Não sendo especialmente receptiva ao magnetismo, e sobretudo porque estava aqui de passagem, tive de contentar-me com uma única sessão de magnetismo e receitei-lhe um tratamento aromaterápico. Um mês mais tarde, informava-me que as perturbações visuais haviam desaparecido. Posteriormente, o oftalmologista assistente pôde verificar a surpreendente estabilização da *catarata*.

«Um veraneante parisiense, J. M., queixou-se de *insónias* persistentes havia muitos anos. Duas sessões de magnetismo e tratamento fitoterápico de um mês restituíram-lhe o sono normal.

«O Sr. T. L., de Toulouse, tinha uma *úlcera no estômago*, a que ia ser operado, dado que os tratamentos quimioterápicos seguidos durante cinco anos não haviam produzido a menor alteração no seu estado. Três sessões de magnetismo com intervalos de uma semana, bem como uma cura aromaterápica, curaram-no definitivamente. Uma radiografia demonstrou, aliás, o desaparecimento da *úlcera*.

«Em 1977, tratei com duas sessões de magnetismo uma senhora de 65 anos, que sofria de *zona*. Receitei-lhe tam-

bém um tratamento por plantas. Ao fim de oito dias estava curada.

«Punha-se a hipótese da necessidade de uma intervenção cirúrgica a um paciente de 43 anos, E. D., por motivo de uma crise aguda de *cólica nefrítica*. Uma sessão de magnetismo e uma preparação aromaterápica tornaram a operação supérflua: os cálculos foram expelidos dois dias depois da magnetização.

«O Sr. F. G. sofria de *colibacilose*, tratada em vão pelos processos clássicos, nomeadamente por antibióticos extremamente fortes. Realizei duas sessões de magnetismo e receitei-lhe um tratamento aromaterápico de uma semana. A partir do segundo dia as algias diminuíram e a cura, confirmada por análises, sobreveio no decurso da semana seguinte.

«A Sra. G. P., de 35 anos, divorciada, e novamente casada, afirmava nunca ter conhecido o orgasmo. Três sessões de magnetismo e uma cura aromaterápica de um mês levaram a melhor sobre a sua *frigidez*.

«Uma senhora de 42 anos, solteira, I. D., sofria de *reumatismo* crónico nos braços e nas pernas. Fizera tratamentos de toda a espécie, ao longo de seis anos, sem resultado. Veio tratar-se em período de plena crise. A primeira sessão de magnetismo suprimiu imediatamente as dores. Por medida de prudência, foram praticadas mais três. Além disto, aconselhei que tomasse duas vezes por dia extractos de plantas, durante um mês, em 1977. Não houve qualquer recaída depois. É preciso acrescentar que a paciente renova a sua cura aromaterápica duas vezes por ano, a título preventivo...»

De preferência a continuar a citar outros testemunhos semelhantes, parece mais útil resumir dizendo que Angel Gribaudo trata correntemente as mais diversas afecções com incontestável êxito. Mas convém sublinhar, também,

o facto de que, além desta categoria de doenças «pouco catastróficas», acontece-lhe ter de tratar males de extrema gravidade.

### Casos especiais

«É certamente lisonjeiro ser-se catalogado como 'fazedor de milagres', mas não invejo os magnetizadores que se 'especializam' no tratamento de doentes cujos males não podem de forma alguma melhorar sensivelmente», declara Angel Gribaudo.

«Eu explico melhor. Independentemente do facto de este género de intervenções exigir um esforço enorme, impossível de sustentar todos os dias durante anos, porque o magnetizador não é um *robot*, há o inconveniente de adquirir perigosa reputação. As pessoas muito gravemente doentes, e, sobretudo, os seus familiares, não hesitam perante nenhum sacrifício, se têm a menor esperança de cura. A eventual decepção será tanto maior e dará lugar a uma publicidade «de boca a boca», extremamente prejudicial; não só para o magnetizador que não pôde corresponder, mas para a própria medicina natural.

«Sei que alguns dos meus confrades podem orgulhar-se de grande número de curas verdadeiramente espectaculares. Só posso alegrar-me com isso. Uns são suficientemente prudentes para não dar consultas todos os dias. O que lhes permite salvaguardar as energias físicas e psíquicas necessárias para prosseguirem na sua obra. Outros, em contrapartida, deixam-se excitar pelo êxito e recebem cerca de cem pacientes por dia, sem se permitirem qualquer folga, o que, no meu entender, leva obrigatoriamente à diminuição da eficácia do respectivo fluido magnético... e explica o progressivo aumento dos seus malogros.

«O falhanço de um magnetizador é muito mais grave do que o de um médico. Nos nossos dias, as pessoas têm tendência para ver um homem no médico e um 'deus' no magnetizador. Um homem pode enganar-se, pode ser impotente perante uma doença, um deus não. Se o homem decepciona, uma pessoa recupera-se da decepção e não extrai do caso conclusões precipitadas. Se a decepção é provocada por um pretenso deus, suscita rancor e ódio. Parte-se para a generalização e são condenados todos os que se acreditava fossem deuses...

«Eis por que censuro os magnetizadores que recentemente fizeram impudente algazarra para chamar a atenção do público para as suas curas ditas miraculosas. Não insinuo que estejam obrigatoriamente de má fé. Querem, talvez, desferrar-se de humilhações sofridas, crendo que, se a opinião pública for informada dos seus méritos, o magnetismo acabará por ser mais considerado no plano oficial, que o nosso ofício será regulamentado mais rapidamente e que não correremos o risco de continuar a ser chamados aos tribunais...

«Mas esquecem que a arma utilizada é de dois gumes. Tomando conhecimento do raio de esperança que o magnetismo representa, os doentes graves são em geral levados a supor, se não a crer firmemente, que as possibilidades desta terapêutica são ilimitadas e que convêm exactamente ao seu caso concreto. O que, no imediato, é falso. Não é porque um doente considerado incurável recupera a saúde que todos os que sofrem do mesmo mal são susceptíveis de ser tratados com resultados igualmente satisfatórios. É portanto pernicioso levar a imaginar o contrário: quando se trata de magnetismo, basta um único malogro para comprometer tudo, independentemente do número dos tratamentos coroados de êxito.

«É por esta razão que prefiro continuar pelo meu modesto caminho, tratando relativamente poucos doentes e, sobretudo, cuidando de não criar ilusões. Se o caso me parece difícil, aviso o paciente ou os seus parentes próximos das poucas probabilidades que tenho. Devem decidir-se, sabendo que os meus esforços poderão ser vãos. Se aceitam o risco, faço o que posso.

«Pude assim curar, há dois anos, um homem de 35 anos que sofria de *paralisia facial* unilateral. Cinco sessões de magnetismo tiveram de ser praticadas.

«Na mesma época, foi-me confiada uma menina de 12 anos, acometida por *encefalite*. Tinha o lado direito inteiramente paralisado e perdera o uso da fala. Tratei-a durante um mês, com cinco sessões de magnetismo e pela aromaterapia. Ficou curada.

«Ainda em 1977, depois das precauções habituais, isto é, depois de ter salientado que poderia não lograr êxito, empreendi o tratamento de uma mulher de 35 anos que apresentava, segundo a radiografia, *tumores* em série, como contas de um colar, no seio esquerdo. Também neste caso utilizei magnetismo e aromaterapia. Uma radiografia efectuada um mês depois da minha primeira intervenção provou que os tumores haviam desaparecido.»

### Conservar a saúde

A aspiração de Angel Gribaudo é constituir um importante centro de naturopatia em que todas as disciplinas da medicina natural estivessem representadas, e onde se pudessem levar a cabo diversas pesquisas.

«Seria errado pensar que as técnicas actuais do magnetismo, da iridologia, etc., alcançaram o seu apogeu. Progressos são sempre possíveis. Tudo evolui no mundo e o mesmo acontece com os vários ramos da medicina natural.

Documento-me constantemente, mantenho relações com especialistas franceses e estrangeiros, e empenho-me também em pesquisas, nomeadamente no campo das plantas medicinais. É apaixonante redescobrir as virtudes curativas das tisanas, filtros e bálsamos ‘mágicos’ de outrora, encontrando-lhes aplicações modernas...

«As minhas pesquisas permitiram-me verificar, entre outras coisas, que o magnetismo, bem como a acupunctura, a fitoterapia, etc., se revelam de primordial utilidade na prevenção da doença. Graças a eles, é possível restabelecer o menor desequilíbrio celular desde o princípio, ainda antes que produza consequências nefastas. Por isso, conhecendo o terreno, os pontos fracos de cada paciente, preconizo tratamentos de consolidação, e depois curas preventivas. Nunca sendo nocivos, o magnetismo e os outros recursos da medicina natural convêm perfeitamente para este género de aplicações.

«Os pacientes que se conformaram com as minhas indicações, que adoptaram a higiene alimentar adequada, e que compensam certas debilidades orgânicas por contribuições naturopáticas regulares, não mais se queixam de fadiga, nem de afecções mais ou menos graves.

«Não inventei nada: na China antiga, todos os senhores tinham médico privativo contratado, durante todo o ano. Esses médicos utilizavam a acupunctura e plantas medicinais para abortar as doenças. Se a saúde era boa, pagavam-lhe generosamente. Se, apesar dos seus tratamentos, surgia uma doença, eram despedidos... ou até, ao que parece, executados. O que prova, em todo o caso, que os recursos da medicina natural eram destinados, na China, a desempenhar um papel essencialmente preventivo.»



## MICHEL BONTEMPS

### Magnetismo e «estiramento»

«Sou adepto fervoroso do magnetismo, que pratico há mais de dez anos, mas devo reconhecer que, em certos casos, é indispensável tratar por, ou em associação com, outros métodos», declara Michel Bontemps.

«Tomemos um exemplo. Um homem de 45 anos, impotente há três anos, veio ver-me; pensava que encontraria remédio no magnetismo. Já tentara tudo, sem quaisquer melhoras. Examinei-o. Sofria, sem o saber e sem que o tivessem descoberto todos aqueles que já procurara, de bloqueio da quinta vértebra lombar. Antes de mais, efectuei o desbloqueio que se impunha e pedi-lhe que voltasse na semana seguinte. Alguns dias mais tarde, apresentando-se-lhe oportunidade para tanto, esse cavalheiro pôde retomar as actividades sexuais, pela primeira vez nos últimos três anos!... Nem magnetismo, nem afrodisíacos, mas uma simples intervenção que qualquer quiroprático ou qualquer médico avisado poderia ter feito em meu lugar.

«Tomemos agora o caso do retardamento do funcionamento do fígado, motivado por antigo bloqueio das vértebras dorsais. Neste caso, não bastaria desbloquear essas articulações vertebrais. Eram necessárias sessões de magnetismo para estimular a energia do fígado. E havia tam-

bém que facilitar a retomada normal das funções, por tratamento fitoterápico.

«Se, em compensação, as células hepáticas retardam o seu funcionamento por efeito de um choque emocional, o magnetismo pode por si só remediar o problema.

«Tudo isto confirma que, se não se conhece a origem exacta do mal, não podemos saber por que modo convém actuar.»

### Traumatismos determinantes

Dois traumatismos explicam o facto de Michel Bontemps — nascido em Paris em 1944 — se ter tornado curandeiro. O primeiro desses traumatismos foi de ordem psicológica.

Aos 5 anos, Michel Bontemps perde o pai. A mãe explicar-lhe-á mais tarde em que condições:

«... Era hemófilo, mas passava bem graças às plantas. Depois, uma noite, sentiu-se mal. O médico diagnosticou apendicite. Operaram-no de urgência. Verificou-se que o diagnóstico estava errado. Acontece... A operação provocou uma hemorragia interna que os médicos não conseguiram jugular. No entanto, haviam sido prevenidos por nós de que ele sofria de hemofilia e tinham-nos respondido que não corria risco algum, que estariam atentos... Foi assim que ele nos deixou, e no meio de que sofrimentos!...»

Comovido com esta revelação, Michel Bontemps, então adolescente, desiste de se tornar médico — projecto que, aliás, seria dificilmente realizável, por sua mãe se encontrar na impossibilidade material de lhe garantir estudos universitários —, mas sente-se atraído para os caminhos da medicina natural, que haviam permitido a seu pai «aguentar», até ao dia em que interveio a medicina tradicional...

O traumatismo físico fere-o pouco depois: cinco fracturas em consequência de um desastre de moto. Durante a fase de reeducação trava amizade com o quinesiterapeuta, e apaixonou-se pela sua arte.

«Decidi seguir a mesma carreira do que ele», prossegue Michel Bontemps. «Diplomado oficialmente aos 20 anos, era o mais jovem quinesiterapeuta da minha promoção. Comecei logo a exercer em colaboração com médicos. Foi assim que assimilei a acupunctura, a iridologia, a auriculoterapia, as mobilizações articulares e as massagens reflexas. Paralelamente, continuei a estudar a fito e aromaterapia, pelas quais me interessava desde que minha mãe me contara os pormenores da morte do meu pai.»

### **A revelação do magnetismo**

Instalado em Paris num consultório situado próximo da Ponte Cardinet, Michel Bontemps trata sobretudo doentes que lhe são enviados por médicos. Muitos dos seus clientes são desportistas ou bailarinos. Entre estes, Rudolf Nureev, Maya Plissetskaia, Zizi Jeanmaire e Roland Petit, que declarou à imprensa: «Sofria de uma tendinite que nenhum médico conseguia curar. Estava condenado a abandonar a dança. Devo a Michel Bontemps ter podido recomeçar a minha carreira.»

Ascendendo à posição de «quinesi em voga», graças às estrelas da Ópera e às numerosas vedetas do palco e do cinema que ocupam lugar importante na sua clientela, Michel Bontemps nota um fenómeno curioso: muitos doentes que o procuram com uma receita médica de trinta sessões de quinesiterapia não necessitam, afinal, senão de quatro ou cinco para ficarem curados. Outros, reumáticos, que o procuram em plena crise, sentem-se tão aliviados com o seu tratamento que já não sentem necessidade de

tomar medicamentos alopáticos receitados pelo médico assistente.

«Antes de si, outros quinesiterapeutas ocuparam-se de mim», confessa-lhe um doente que sofria de ciática, «mas não era igual... O senhor tem qualquer coisa nas mãos que faz com que a dor se vá embora imediatamente... ou melhor: o mal acentua-se numa primeira fase, e depois dissipa-se progressivamente...»

Comentários semelhantes tornam-se cada vez mais frequentes. Intrigado, Michel Bontemps fala no assunto a um médico amigo. Ao que ele comenta:

«É simples. Sem fazeres de propósito, magnetizas os teus pacientes. O sintoma é característico. A magnetização acentua as algias antes de as acalmar. É o que os magnetizadores chamam 'boa reacção'. Prova a receptividade do doente ao tratamento magnético.»

A explicação parece tanto mais plausível quanto um dia acontece a Michel Bontemps curar involuntariamente enxaquecas crónicas de uma senhora que frequenta o seu consultório para reeducar o braço esquerdo, que fracturara ao praticar esqui.

«Até então, as técnicas do magnetismo eram-me totalmente desconhecidas, e não via nenhum motivo para as assimilar», confessa Michel Bontemps. «Todas estas afirmações concordantes impeliram-me a rever a minha posição. Mergulhei na leitura de obras especializadas e encontrei a minha felicidade nas de Hector Durville...»

### **Magnetismo e práticas orientais**

O estudo dos meios de acção do magnetismo leva Michel Bontemps a descobrir o interesse da aproximação entre técnicas magnéticas e princípios médicos orientais:

«Cheguei à conclusão de que a prática judiciosa do magnetismo exige não só a posse das noções fundamentais da medicina ocidental, mas também o conhecimento dos 'chakras', os grandes centros nervosos, e do mecanismo da circulação energética orgânica, dados que pertencem à ciência dos terapeutas do Oriente.

«Graças à minha iniciação na acupuntura e na auriculoterapia, pude então apurar um método que considero como síntese entre as técnicas magnéticas e os princípios que regulam a concepção oriental da medicina.

«Compreendi como o ioga pode ser-me útil no exercício do magnetismo, em que a respiração desempenha papel primordial, nomeadamente no controle do fluido magnético. Com efeito, a prática regular do ioga ajuda o magnetizador a regular a sua respiração em conformidade com as exigências do controle fluídico.

«O ioga tornou-se meu 'aliado'. Permitiu-me explorar devidamente a minha respiração no quadro de uma intervenção magnética, mas também tomar consciência da necessidade da perfeita circulação da energia no meu corpo. Os Chineses entendiam que as articulações são 'caixas de nervos' e que, se uma articulação é bloqueada, a circulação da energia fica perturbada. Graças às posturas do hata-ioga é possível, justamente, desbloquear as articulações, ou, por outras palavras, evitar eventuais perturbações circulatórias que poderiam embaraçar o magnetizador quando da transmissão do seu fluido magnético.»

### **A contribuição da medicina ocidental**

Michel Bontemps julga que, para estar apto a obter os melhores resultados, um magnetizador deve conhecer a anatomia, a fisiologia, a patologia e a cinesiologia, domínio em que se especializou mais particularmente. Crê também

que os efeitos do magnetismo podem — e devem por vezes — ser apoiados pelas possibilidades curativas oferecidas pelas plantas ou outros recursos da medicina natural.

«Um magnetizador, por muito dotado e experiente que seja, pode achar-se em presença de casos necessitando do concurso da aromaterapia, da fitoterapia, etc., e tem, por consequência, o dever de não desprezar a importância desse factores», diz Michel Bontemps.

«Na minha opinião, um magnetizador deveria ser suficientemente versado na medicina por plantas, para ele próprio poder receitar os remédios necessários, ou pelo menos saber o bastante a seu respeito para determinar quando é que o paciente tem necessidade dela. Então é fácil endereçar o doente a um terapeuta especializado. Mas é sempre mais útil, no interesse do doente, a fim de não o dispersar, estar qualificado para assegurar um tratamento tão completo quanto possível.

«No entanto, seria erro grave querer tratar todas as afecções unicamente por magnetismo e pela naturopatia em geral. A medicina natural também tem limites. Se é verdade que a quase totalidade dos nossos pacientes procura a salvação nos nossos métodos depois de ter esgotado os recursos tradicionais, e se é verdade, também, que muitos doentes apelam para os nossos serviços por recomendação do seu médico, certas pessoas adquiriram o hábito de nos consultar directamente. O magnetizador, então, deve estar vigilante, porque lhe cabe enviar o doente a um médico sempre que isso se impõe.

«E é aqui, justamente, que se pode verificar a extrema utilidade da familiarização com os conhecimentos normalmente reservados aos médicos ou às pessoas que tenham formação paramédica. Como exemplos eloquentes citarei o caso de duas mulheres que vieram consultar-me por motivo de perturbações ginecológicas.

«A primeira, de 47 anos, não fora submetida a exame ginecológico havia quinze anos. De preferência a correr riscos, aconselhei-a a consultar um ginecologista. Verificou-se que tinha um fibroma do tamanho de uma laranja. O diagnóstico estava claro. O médico afastou a hipótese de um cancro e entendeu que não era necessário operar imediatamente. Recebi então autorização para tratar a paciente pelo magnetismo. Foi assim que, sob o controle do ginecologista e sem correr o risco de arranjar aborrecimentos, pude fazer desaparecer o fibroma, graças a uma série de sessões magnéticas.

«A segunda, mais idosa, queixava-se de críspações no baixo-ventre. ‘Tenho a impressão de gozar até umas vinte vezes por dia’, afirmou-me. Observada por um ginecologista, tinha como único tratamento um ligeiro sedativo: o médico pensava que se tratava de fantasmas motivados pela solidão. Depois de a ter submetido a exame iridológico, apressei-me a recomendar imediata consulta a um especialista, que veio a diagnosticar um polipo extremamente desenvolvido. A operação realizou-se dois dias depois. ‘Foi a tempo, porquanto o polipo arriscava-se a tornar-se canceroso’, informou-me depois esse médico, mais competente do que o seu confrade.

«Um bom conhecimento do corpo humano e das suas engrenagens pode igualmente servir ao magnetizador para descobrir a origem de um mal que, no fim de contas, não necessita nem da intervenção de um médico, nem sequer de um magnetizador ou de um fitoterapeuta, etc. Um dia, por exemplo, uma senhora de 34 anos confiou-me que sofria permanentemente da coluna vertebral. As algias eram violentas, sobretudo no momento das regras. Absorvera, durante anos, uma quantidade impressionante de medicamentos. Único resultado: um princípio de gastrite!... Essa paciente pensava que iria tratá-la por plantas e pelo magne-

tismo, como fora o caso de uma das suas amigas, que eu tratara de reumatismo e lhe sugerira que se confiasse aos meus cuidados. Ficou quase revoltada, em todo o caso muito surpreendida, quando lhe declarei que o seu mal provinha de má estática da bacia, e que a solução consistia em reequilibrar-se com um par de palmilhas ortopédicas. Chegou a hesitar antes de marcar consulta com um podólogo, custando-lhe a compreender que nunca ninguém até então se tivesse apercebido dessa deformação e que o remédio fosse tão simples.

«Tudo isto demonstra a grande diversidade de lições que a medicina ocidental clássica pode oferecer ao magnetizador pelos seus caminhos que permitem pôr a nu os diferentes elementos do corpo humano.

«Mas levo também ao crédito dos médicos ocidentais a elaboração de grande número de regimes indispensáveis ou, ao menos, úteis para o êxito de uma terapêutica qualquer. Também aqui é preferível que o magnetizador possa aconselhar ao doente a higiene alimentar que lhe convém. Pessoalmente, atribuo-lhe grande importância e, se necessário, recomendo sempre aos meus pacientes que adotem esta ou aquela forma de nutrição.

«A dietética desempenha, além disso, papel primordial na eficácia de cada magnetizador. Sem ser um santo, um magnetizador deve obrigatoriamente estar em perfeita saúde física, o que exige seguir regras dietéticas estritas, evitar todos os alimentos indigestos ou 'quentes', comer poucas vezes e, sobretudo, evitar as bebidas alcoolizadas ou açucaradas.

«É perfeitamente evidente que não se pode ficar por aqui e que é preciso igualmente cuidador do corpo praticando um desporto. Isto tanto é importante para o físico como para o psíquico: o desporto permite adquirir e manter muito boa ventilação pulmonar, indispensável para o equi-

líbrio mental, isentando-se a pessoa de pensamentos negativos ou nocivos.

«Este perfeito equilíbrio físico e psíquico, de que deve desfrutar o magnetizador digno deste nome, nunca é produto do acaso, mas sempre fruto de esforços quotidianos.

«Todos os grandes magnetizadores são, por outro lado, unânimes em afirmar que, para magnetizar, é imperativo estar em muito boa forma física e mental. Um magnetizador 'dotado', mas que exerça em má forma física ou mental, não poderá emitir senão ondas nocivas. Nessas condições, será perigoso, mais perigoso do que um charlatão que exerça sem ser dotado.

«Para concluir, assinalo o factor 'envolvimento'. Na Grécia antiga, os templos em que os asclepiadas, servidores de Asclépios, deus da saúde, exerciam a sua actividade situavam-se sempre longe das cidades, em lugares particularmente salubres.

«Entre os Romanos, os templos dedicados ao deus Esculápio eram cercados por jardins ou pequenos bosques. Os terapeutas ocidentais de outrora tinham portanto reconhecido o papel benéfico do contacto com a Natureza, e este pormenor assume amplitude especial nos nossos dias. Na minha opinião, é mais do que nunca necessário viver num lugar em que se esteja em perfeito acordo com a Natureza e onde as ondas telúricas sejam benéficas; de contrário não é possível 'recarregarmo-nos' e fazer beneficiar os pacientes dos nossos dons. Por isso desconfio dos magnetizadores instalados nas grandes cidades... Falo com conhecimento de causa: quando comecei, vivia na capital, depois em Versalhes. Há dois anos que dou consulta nos três primeiros dias da semana em Paris; nos outros, podem encontrar-me numa vivenda rodeada de florestas, na região de Montpellier. O que me permitiu verificar a melhoria progressiva do meu rendimento magnético.»

## Comparação eloquente

Se Michel Bontemps afirma que o «bom magnetizador» não deve nunca esquecer certos preceitos da medicina ocidental clássica, nem por isso está de acordo com os respectivos princípios.

«A diferença entre uma terapêutica clássica e o magnetismo é fundamental e, de momento, insuperável. Para explicar grosseiramente esta diferença que opõe a medicina tradicional à medicina natural, comparo o doente a um carro fora de uso. Para o fazer andar, há a escolha entre dois métodos. 'Empurrá-lo' é a medicina clássica. 'Compreender a causa da avaria e repará-la' é a medicina natural.

«Toda a gente sabe que a medicina clássica é uma medicina sintomática. Apenas o sintoma lhe interessa e não o que provoca o sintoma. Pode parecer satisfatório como resultado fazer avançar um carro empurrando-o. É o que se passa na medicina quimioterapêutica quando, por exemplo, se verifica que o doente sofre de diabetes. O pâncreas já não funciona, visto que não produz mais suco pancreático bastante, e então fornece-se diariamente ao doente o produto de que o seu organismo tem necessidade. Mas esquece-se que, deste modo, o pâncreas trabalha cada vez menos e acaba por não produzir a menor quantidade de suco pancreático. Na medicina natural, procura-se, pelo contrário, estimular o pâncreas para que recomece a segregar suficientemente.

«Nem sempre, bem entendido, é possível 'reparar'. O doente pode ter esperado tempo de mais e é certo que uma operação cirúrgica, por exemplo, ou um tratamento químico de urgência podem revelar-se indispensáveis.»

## As funções da medicina natural

Segundo Michel Bontemps, a medicina natural pode assegurar, entre outras, três funções essenciais. Para as descrever, retoma a sua comparação entre o homem e o carro:

«Quando um automóvel não anda, é frequente haver um mau funcionamento da ignição. Na medicina natural, regular a ignição é o trabalho do magnetismo. Se a ignição de um carro está defeituosa, este não dispõe da 'energia' necessária para funcionar. O magnetismo consiste em regular a circulação da energia num organismo. Para isso, é preciso saber como circula essa energia, quais são os centros de distribuição, de armazenamento, o que permite suspender a circulação, etc.

«Também num carro pode haver igualmente avarias mecânicas, como é evidente. É preciso por vezes corrigir os rolamentos. No homem, é o trabalho de 'estiramento': desbloqueiam-se as articulações.

«Para que um carro funcione impecavelmente, é necessário proceder, a intervalos regulares, a uma limpeza geral, desmontar o motor, a caixa, etc. Da mesma forma quanto ao ser humano. A fitoterapia é ideal para garantir a 'limpeza' geral do organismo.

«No quadro do meu trabalho, utilizo sistematicamente estes três processos. Atenuo os 'problemas de ignição' pelo magnetismo, reparo as 'avarias mecânicas' pelo estiramento e procedo à 'limpeza' receitando tratamentos pelas plantas.»

Michel Bontemps entende que quatro sistemas devem ser tratados num organismo humano:

1. A *zona neuro-sensorial* (tudo o que é nervo, vontade, energia), sobretudo pelo magnetismo.
2. A *zona rítmica* (circulação e respiração), pela hidroterapia, o ioga e o desporto.

3. A *zona metabólica* (todos os órgãos de digestão e de assimilação que asseguram a construção do corpo: fígado, baço, pâncreas, intestinos, etc.), pelas plantas.

4. O *sistema articular*, pelo estiramento.

«Isto é muito esquemático, bem entendido. Estes quatro sistemas estão em interacção e devem muitas vezes ser tratados ao mesmo tempo. Em certos casos, a lógica indica que é necessário igualmente dar conselhos de dietética ao paciente.

«Independentemente do ou dos meios empregados, um tratamento eficaz pede, por outro lado, um esforço do doente e a sua participação.

«Quanto ao prático, se não é capaz de descobrir as causas da doença, corre para um malogro. Além disso, escolher a medicina natural para tratar e ser incompetente na detecção da origem da afecção não tem sentido. Com efeito, se se procura uma acção rápida e paliativa, os medicamentos químicos serão sempre mais espectaculares na respectiva acção.»

#### **Duas técnicas de detecção**

Na primeira consulta, Michel Bontemps serve-se de duas técnicas para estabelecer o diagnóstico. Uma é tipicamente magnética. Graças às suas mãos, passa em revista todos os grandes centros nervosos e todos os órgãos da pessoa a tratar.

«Este exame esclarece com muita exactidão o estado do organismo», diz Bontemps. «Permite saber se a energia circula livremente, quais são os locais onde é bloqueada, se essa energia é em excesso ou, pelo contrário, se é deficiente. As sensações de que me apercebo durante este exame esclarecem-me, por intermédio das minhas mãos, sobre o estado vibratório de cada órgão. Com efeito, um

órgão emite certa vibração, que um magnetizador experimentado pode captar e interpretar. Para mais, a reacção do doente a esta primeira sessão — fadiga, nervosismo, impressão de calor ou de frio, etc. — dá preciosos esclarecimentos para a sequência do tratamento...»

Para principiar este exame, Michel Bontemps segura as mãos do paciente, a mão direita na mão esquerda, e a mão esquerda na mão direita. Apoiar a extremidade dos seus polegares contra a extremidade dos polegares do doente e pousa a ponta dos seus indicadores no lugar onde se toma habitualmente o pulso (a base do polegar). Depois pede ao paciente que feche os olhos e que se descontraia. Ele próprio fecha os olhos para melhor se concentrar.

«É neste momento que um bom magnetizador deve ter as percepções luminosas que lhe dão indicações sobre o estado de saúde do paciente.

«As cores azul, amarela ou verde são apercebidas quando o paciente está demasiado 'yang', isto é, nos casos em que a energia vital está em excesso e mal empregada. Neste caso é necessário aplicar um tratamento que vise dispersar a energia, um tratamento negativo, como nós dizemos.

«As cores violeta, vermelha ou laranja designam um doente 'yin', isto é, em perda de energia. Será necessário estimular os órgãos e aplicar um tratamento positivo.

«A cor branca revela desequilíbrio orgânico profundo. Será necessário estimular e dispersar a energia, alternadamente. Em geral, o prognóstico é desfavorável.

«A intensidade das percepções luminosas informa sobre a gravidade dos desequilíbrios.»

Paralelamente, Michel Bontemps é também adepto da iridologia.

«O exame da íris dos olhos permite localizar rapidamente os órgãos afectados. Cada íris está dividida em

doze sectores e cada sector corresponde a um órgão ou a um grupo de órgãos.

«Quando existe perturbação num ponto do organismo, isso nota-se imediatamente no plano da íris. O exame permite ainda saber se a doença é muito grave e qual é o estado de resistência da pessoa. Pode também detectar-se, graças à iridologia, se o terreno é sólido e se o prognóstico de cura é bom.

«Gosto deste método porque permite conhecer imediatamente, logo na primeira consulta, qual é ou quais são os órgãos afectados. O que não impede, bem entendido, que se pratiquem exames complementares mais aprofundados; mas este processo ajuda-me muito a evitar erros de diagnóstico. Acontece-me assim, muito frequentemente, ver com justeza, até em doentes que passaram por todos os especialistas sem que estes tenham podido descobrir a causa dos seus sintomas.

«Em suma, os exames magnético e iridológico colocam-me em posição de saber como convém tratar o paciente e se há lugar para acrescentar ao magnetismo intervenções de 'estiramento', bem como conselhos sobre uma cura por plantas.»

### **Curar pelo magnetismo**

Michel Bontemps elaborou a sua própria técnica, que se diferencia, nalguns pontos, dos processos magnéticos ensinados até agora. A diferença mais marcante consiste no pormenor (primordial?) de que ele não hesita em comunicar o seu fluido magnético igualmente pelo recurso ao toque directo, ou seja, pousando as mãos na pele do doente.

«A regra de que não se deve tocar no paciente não é sempre imperativa», na sua opinião. «Penso que foi ditada por exigências deontológicas. Os magnetizadores que a

adoptaram preocupavam-se — creio — com a possibilidade de serem acusados de ‘mexerem’ nos doentes, de os apalpar. É preciso não esquecer que nos ‘tempos heróicos’ a clientela dos magnetizadores era composta sobretudo por mulheres. Aliás, ainda hoje é o caso.

«Sei que, segundo certos autores, é indispensável proceder a distância, mas a minha prática de quinesiterapeuta provou-me o contrário. No meu entender, afinal de contas, tudo depende do magnetizador. Uns podem obter excelentes resultados aplicando as mãos e outros não as aplicando sobre o corpo do doente.»

Quando se trata de imposições, Michel Bontemps poussa as mãos sobre pontos precisos do corpo e vira-as no sentido dos ponteiros do relógio para reforçar a acção «positiva», e no sentido contrário para reforçar a acção magnética «negativa».

Para os passes magnéticos não há problema: também desloca as mãos a alguns centímetros do corpo, com maior ou menor lentidão, seguindo trajectos determinados.

«Descarrego o fluido magnético pelo polegar, o indicador, o médio ou a palma da mão, conforme os casos. São, na minha opinião, os principais centros de irradiação da energia. Verifiquei que a minha mão direita irradia energia positiva e a mão esquerda energia negativa.

«Ligo importância especial à respiração, que deve ser nasal. O máximo de irradiação de energia magnética aparece durante a expiração: quanto mais a expiração é lenta e profunda, mais a irradiação é poderosa. E é aí, no perfeito controle do ritmo da minha respiração, que o ioga me dá enorme assistência. Porque não é bastante poder respirar para saber respirar... Isto diz respeito a toda a gente, mas em primeiro lugar ao magnetizador. O magnetizador deve desenvolver o seu fôlego igualmente com vista a eventual utilização da técnica do sopro quente ou frio.

Recorde-se que o célebre Jagot dizia numa das suas obras que julgava a emissão magnética proporcional à capacidade respiratória do magnetizador.»

Michel Bontemps trata directamente por imposição os plexos, as glândulas endócrinas, certos pontos de acupunctura importantes, bem como as partes doentes. Trata por passe a coluna vertebral, a grande linha que liga os plexos, os meridianos da acupunctura (os «corredores de energia»).

«Para regularizar rapidamente a energia de uma parte doente, a maneira mais indicada é pousar a mão nesse local — utilizo a esquerda para dispersar, a direita para tonificar, embora certos magnetizadores procedam ao contrário — e a outra mão sobre o gânglio correspondente a essa zona ao nível da coluna vertebral. Para ser exacto, o polegar deve estar sobre a coluna vertebral, em contacto com o sistema nervoso cérebro-espinhal, o indicador e o médio sobre o gânglio, em contacto com o sistema nervoso simpático. O lugar do polegar é fácil de encontrar. Com efeito, as apófises posteriores das vértebras fazem volumosas protuberâncias e é preciso colocar o polegar entre duas delas. Os outros dedos e a palma da mão são colocados a dois dedos de distância dessas protuberâncias, sobre a cadeia ganglionar.

«Os gânglios podem ser mais ou menos importantes. Por exemplo, o terceiro gânglio cervical situado entre a sétima vértebra cervical e a primeira vértebra dorsal é de capital importância. É actuando sobre esse gânglio que se pode revitalizar o organismo no seu conjunto, e actuar sobre as perturbações cardíacas, tonificar o coração ou, pelo contrário, fazer desaparecer os espasmos cardíacos.

«Os dois primeiros gânglios situados na base do cérebro permitem tratar rápida e eficazmente os zumbidos nos ouvidos, as nevralgias faciais, as dores sentidas ao nível dos ouvidos, do nariz, das amígdalas. Todas estas algias

são muito difíceis de fazer desaparecer pelos medicamentos clássicos. Correspondem a um excesso de cargas positivas na cabeça e na nuca; somente a regularização da energia pode levar a melhor.

«Parece-me edificante citar, a este propósito, o caso de um dos meus pacientes. Esse senhor sofria de zumbidos nos ouvidos havia longos anos. Um belo dia, foi a um otorrino. Este respondeu-lhe: 'Zumbidos nos ouvidos? Não sei o que isso é. Nunca ouvi falar.' Apontando para a sua imensa biblioteca, acrescentou: 'Se encontrar um autor que descreva esse sintoma num destes livros, talvez possa tratá-lo, mas pessoalmente nunca vi isso descrito.' Esta anedota prova a que ponto os médicos podem estar desprovidos de informações... ou a que ponto desdenham inquietar-se sobre sintomas muito correntes que, para eles, não pertencem ao domínio da patologia.

«No entanto, muitas pessoas sofrem de zumbidos nos ouvidos. Mas, para os médicos, esta noção de 'energia' não entra em linha de conta. Só existe, para a maior parte deles, o que pode ver-se e o que se mede. Tal óptica não é, afinal, de forma alguma de estranhar: aprendem a medicina em cadáveres, e não é certamente neles que irão descobrir a energia...

«Dito isto, atentemos noutro gânglio primordial, o primeiro cervical superior, que se encontra na base da cabeça, mesmo atrás das orelhas, ao nível da boca. O seu tratamento magnético permite revitalizar o sangue, tonificar o cérebro, regularizar a tiróide, actuar sobre a faringe e a laringe, estimular os músculos do rosto — é, por outro lado, o mais eficaz tratamento anti-rugas que conheço —, e até aliviar as gastrites.

«A este respeito, talvez seja útil uma pequena explicação. Esse primeiro gânglio cervical superior está em ligação, pelas suas ramificações, com o nervo hipoglosso,

que é o nervo vasomotor da fase, de todos os músculos do rosto e do pescoço. Está relacionado, também, com o nono e o décimo nervos cranianos e com o nervo jugular que termina no plexo gástrico... daí a acção sobre as gastrites, dado que esse nervo jugular desencadeia a produção dos sucos gástricos. Mas o primeiro gânglio cervical superior está em ligação com os nervos carótidos interno e externo, que terminam sobre os plexos que cobrem a artéria carótida interna e externa. É por essas artérias que passa o sangue que vai para os olhos, cérebro, ouvidos, glândula tiróide, garganta, entre outros. A acção magnética sobre esse gânglio permite portanto vitalizar esse sangue e também tonificar todos esses órgãos.

«Não é portanto por acaso que o magnetismo actua sobre esta ou aquela parte do corpo, ainda quando o fluido magnético não é projectado directamente sobre elas. Existe uma explicação lógica, até científica, para a sua acção. Prossigamos...

«O segundo gânglio cervical, situado ligeiramente abaixo do anterior, mais ou menos na altura da maçã-de-adão, actua sobre a aorta.

«O primeiro gânglio torácico, situado ao nível das clavículas, mas sempre sobre a coluna vertebral, permite actuar sobre as cordas vocais e, pelas suas ramificações, igualmente sobre os pulmões, os rins e o estômago.

«O quinto gânglio torácico, que está entre as omoplatas, permite reforçar a acção dos pulmões. Deve tratar-se nos casos de asma e em todos os ataques agudos do pulmão.

«O nono gânglio torácico, ao nível da nona vértebra dorsal, a uma mão travessa acima da cintura, está em ligação directa com os rins, cujo funcionamento regula.

«O terceiro gânglio lombar, situado um pouco acima da cintura, permite actuar sobre os órgãos genitais. O seu tratamento magnético dá resultados espectaculares nos

casos de perturbações do ciclo menstrual, como nos casos de frigidez e de impotência. Regulariza o ciclo das mulheres em pré-menopausa.

«O quarto e quinto gânglios lombares, na base do sacro, são muito importantes em caso de ciática. Uma imposição a esse nível alivia imediatamente as ciatalgias. Também melhora a circulação venosa e faz desaparecer as varizes se o tratamento é efectuado suficientemente cedo.

«Seria fastidioso enumerar todos os centros importantes do corpo que podem ser 'mobilizados' pelo magnetismo. Postos de lado os gânglios, que é preciso tratar quase sistematicamente, convém actuar sobre os plexos, os 'chakras' dos hindus, os pontos de acupunctura que permitem a passagem da energia de um meridiano a outro, as glândulas endócrinas e, finalmente os órgãos 'em directo'...

«Mas, faço questão em sublinhá-lo, trato raramente os órgãos 'em directo'. É evidentemente a acção mais espectacular, visto que se obtém reacção imediata, mas os efeitos são menos duradouros. É preciso procurar sempre as causas do desequilíbrio e tratá-las. É esta a minha divisa. O que significa que prefiro uma terapia reflectida à acção directa. De preferência a magnetizar a parte do corpo de que o paciente afirma sofrer, acho mais racional intervir a outro nível, para afastar definitivamente a dor.»

### O «bom» e o «mau» magnetizador

Não sem razão, Michel Bontemps atribui importância «vital», como diz, à distinção que deve fazer-se entre um magnetizador competente... e o que o não é!

«Há alguns anos li um artigo no qual um magnetizador conhecido afirmava ignorar como 'funcionavam' as suas mãos. Pessoalmente, sou contra esses curandeiros que *fun-*

*cionam com as mãos e não pensam com a cabeça. Acho isso perigoso.*

«É certo que os efeitos dessa espécie de magnetização são impressionantes. O paciente sente calor, frio, arrepios.

«Poucas pessoas sabem que essas sensações contêm sempre inconvenientes durante um tratamento. Não deveriam produzir-se, em rigor, senão nas duas ou três primeiras sessões, enquanto o magnetizador não está no mesmo 'comprimento de onda' que o seu paciente. Em seguida, se se mantêm, isso significa que se trata de um mau prático.

«A sensação de calor indica, com efeito, um tratamento demasiado 'yang', demasiado positivo, sobre um órgão obstruído, já com excesso de energia.

«Inversamente, a sensação de frio é sentida durante um tratamento demasiado negativo, sobre um órgão com falta de energia.

«É por isto que as reacções do doente durante a primeira fase de um tratamento magnético são muito importantes. Permitem ao magnetizador 'regular' a sua energia.

«Na realidade, o ideal é que o paciente não sinta *nada* durante a sessão, a não ser a sensação de bem-estar, de descontração. Deverá experimentar, em seguida, no resto do dia, uma certa lassidão.

«É preciso dizer isto, e repeti-lo, para denunciar os magnetizadores que provocam sensações, os quais não sabem utilizar o seu dom e, por isso, correm o risco de perturbar os seus pacientes mais ou menos gravemente... em vez de os curar!...»

### **O papel das articulações**

Michel Bontemps está persuadido de que o êxito de um tratamento magnético pode ser comprometido se não se

procede à verificação do estado de todas as articulações, por pequenas que sejam.

«Se os Chineses afirmavam que o bom funcionamento condicionava a livre circulação da energia vital, não era sem fundamento. Nenhum povo foi tão longe no estudo desta energia, quer na acupunctura, quer nas artes marciais, na dietética ou na respiração. Verifiquei que não é possível obter cura completa se uma articulação, até a de um dedo de pé, se mantém bloqueada.

«As articulações são os transmissores da energia vital de todo e qualquer indivíduo. Na electrónica, uma ligação provoca o mau funcionamento de toda a máquina. Sucede o mesmo no organismo humano. É preciso, portanto, proceder ao exame aprofundado das articulações e saber desbloqueá-las.

«Os quiropráticos desbloqueiam as articulações da coluna vertebral e pensam que todas as doenças são causadas por esses bloqueios. Erro grosseiro. O bloqueio da articulação do tornozelo, a túbio-társica, pode provocar varizes, dores lombares importantes e até certas impotências. Uma articulação 'gripada' do dedo grande do pé pode provocar insónias ou perturbações nos ovários. Uma subluxação do escafóide pode engendrar sinusites repetidas, cistites e até nevroses graves. Estes poucos exemplos devem bastar para provar como todas as articulações são importantes.

«Também as articulações do crânio devem ser tratadas, ainda que, lógica e anatomicamente, não possam deslocar-se. Gostaria de notar, a este propósito, que, segundo uma disciplina naturopática suíça, a etiopatia, as articulações mais importantes são as do crânio. Os cursos de etiopatia são aliás baseados, na sua maior parte, no tratamento das articulações cranianas.

«Por todos estes motivos, nunca negligencio as manipulações articulares. Julgo-as indispensáveis para a boa condução de um tratamento. Para mim, não é possível dissociar magnetismo e desbloqueios articulares. O meu método curativo assenta neste princípio. Trata-se de uma síntese entre o magnetismo e o ensino da medicina oriental, em que me inspiro ainda, como já disse, para não tratar as partes doentes localmente, a menos que seja absolutamente necessário.

«Vou ao ponto de dizer que um magnetizador que não sabe manipular é um maneta.»

### Curas duradouras

Se Michel Bontemps se revela um teórico particularmente brilhante no domínio do magnetismo e das suas aplicações em associação com outros ramos da medicina natural, isso não quer dizer que as suas capacidades sejam menos convincentes no plano prático...

Um dos seus pacientes, o Sr. S., de Font-Romeu, tentara tudo para se desembaraçar de uma acne, rebelde às próprias plantas e à homeopatia. Duas sessões de magnetismo provocaram nítidas melhoras e a cura total surgiu depois da sexta sessão.

Tratado em associação com uma cura fitoterápica, ao ritmo de uma sessão de magnetismo por semana, o Sr. T., de Paris, foi curado, em quatro meses, de *impotência*, de hiperansiedade e de astenia.

Sofrendo de violentas *algias dorsais* e condenada a tratamento por cortisona para a vida toda, a Sra. B., de Vincennes, é submetida a terapêutica magnética durante três meses. Também lhe são aconselhados banhos com essências de pinho e de alecrim. As dores desaparecem e a ministração de cortisona pode ser totalmente suprimida.

A menina R., de Bagnolet, queixa-se de *alergias*, e também de *perturbações digestivas* (sofre de prisão de ventre desde a infância). Magnetismo e fitoterapia triunfam dos seus males em dois meses.

A Sra. B., de Montrouge, de 33 anos, contraiu aos 14 uma epifisiólise, em seguimento a descalcificação. Sofre de algias na região da bacia: dificuldade em andar, impossibilidade de praticar qualquer desporto. A radiografia revela uma importante deformação na cabeça do fémur. Este complexo caso de *coxartrose* é tratado pelo desbloqueio da anca e por magnetismo. Em quatro meses as dores desaparecem e a paciente pode até jogar ténis.

A Sra. B., de Saint-Maur, de 79 anos, que nunca estivera doente antes, sofre de *algia* na coluna vertebral e na nuca, bem como de *insónias* e *depressão*, desde o falecimento do seu marido, ocorrido dois anos antes. Nenhum medicamento a alivia. Tudo entra na ordem graças ao magnetismo, praticado durante dois meses.

A Sra. G., de Paris, de 28 anos, enfermeira, queixa-se de *grande fadiga*. Os exames habituais não permitem descobrir as causas. Depois de três sessões de magnetismo regista certas melhoras. Na sétima, os sintomas de astenia desaparecem totalmente.

A Sra. G., de Beaugency, havia três anos com um eczema na nuca e nas orelhas, sofre igualmente de *perturbações circulatórias*. Imperativos profissionais exigem o espaçamento das sessões de magnetismo: uma de três em três semanas, mais ou menos. Paralelamente, são praticados os desbloqueios articulares que se impunham. O eczema desaparece ao fim de dois meses, mas as perturbações circulatórias persistem. Um tratamento fitoterápico aconselhado de acordo com o tema cosmobiológico melhora o estado geral em três meses.

O Sr. N., de Paris, de 57 anos, está sujeito a frequentes crises de *hemorragia pulmonar*, desde uma contracção pneumotóxica aos 14 anos. Queixa-se igualmente de violentas algias lombares crónicas. Pesa 86 kg e mede 1,75 m. É tratado por magnetismo (uma sessão por semana) e por fitoterapia. A cura surge em três meses. Entretanto, o paciente perde 10 kg, sem fadiga e sem parar de trabalhar. Para salvaguardar o seu tónus, seguirá um tratamento magnético preventivo...

O Sr. N., de Colombes, de 38 anos, tem digestões lentas e sofre constantemente, desde a adolescência, de *hipernervosismo*, que se traduz por vezes em excessos de violência. Tratamento: desbloqueio articular e magnetismo (uma sessão por semana). O nervosismo patológico atenua-se progressivamente a partir da segunda sessão. Serão necessárias umas quinze sessões para se chegar a um resultado perfeito.

O Sr. B., de Paris, sofre de *ciática* há um ano e trata-se permanentemente com corticóides. Como é dentista, a sua posição de trabalho favorece a dor... Tratamento: magnetismo e hidroterapia. As algias cessam ao cabo de dois meses, e depois reaparecem ocasionalmente durante um ano, o que obriga o paciente a novas sessões de magnetismo. Depois as algias não voltam a manifestar-se.

A Sra. P., de Paris, que mede apenas 1,50 m, pesa 70 kg! O seu ciclo, para mais, é muito irregular. Queixa-se de fadiga e de enxaquecas. Desbloqueios articulares, tratamento fitoterápico e oito sessões de magnetismo levam ao desaparecimento desses sintomas, e na mesma altura a sua *obesidade* é dominada: 15 kg perdidos em três meses, sem regime!

A Sra. G., de Paris, atacada por *algias na nuca e nos ombros*, sofre de sonolência depois das refeições e de dores

nas pernas ao fim do dia. Tratamento: uma sessão de magnetismo por semana. Desaparecimento completo das perturbações ao cabo de um mês.

### Uma escola de magnetismo

No princípio do século, Hector Durville abre uma escola de magnetismo em Paris, mas essa iniciativa, perante a hostilidade dos círculos médicos, não vingará.

Hoje, as técnicas magnéticas são ensinadas em numerosos países (em escolas do Estado na URSS, em escolas particulares na Alemanha Federal e noutros países), mas não existe um verdadeiro centro de formação de magnetizadores em França.

Michel Bontemps propõe-se preencher esta lacuna, dispondo-se a criar, para entrar em funcionamento «a partir de Outubro de 1979, a escola de magnetismo Os Discípulos de Asclépios». Os cursos serão ministrados em colaboração com práticos, médicos e não médicos. Tratar-se-á de uma associação sem fins lucrativos, em conformidade com a lei de 1901. A fórmula inicial prevê seminários de quatro dias, três vezes por ano, completados por estágios mais demorados, em que os alunos estarão em contacto com pacientes. Receberão não só formação clássica — anatomia, fisiologia, etc. —, mas também iniciação aos métodos da medicina natural. A duração dos estudos será de dois anos. Em seguida, o aluno deverá fazer um estágio junto de um práctico qualificado e apresentar a sua tese seis meses mais tarde.

«Antes da inscrição, os candidatos terão de submeter-se a demorada entrevista, destinada a elucidar certos pormenores... O objectivo não é formar terapeutas que vejam no magnetismo um simples ofício. Pelo contrário, os postulantes deverão possuir o famoso 'dom' e as apti-

dões morais requeridas para virem a ser magnetizadores dignos da maior confiança. Por conseguinte, é evidente que o número dos participantes será restrito. Mas terão a vantagem de poder fazer beneficiar os pacientes dos seus conhecimentos aprofundados em medicina clássica e em medicina natural, e serão também auxiliados pelos trabalhos práticos, elementos de base da sua formação.

«Independentemente disto, quereria notar que o Colégio dos Práticos Associados<sup>1</sup> organiza regularmente conferências e seminários para explicar o que são as medicinas naturais e as suas possibilidades de contribuição.»

---

<sup>1</sup> COPRA, 3, Rue Saint-Lazare, 7800 Versailles.

# COMO TORNAR-SE MAGNETIZADOR



OLIVIER TORRESSE  
MADRIELTALON



## PRIMEIRAS CONDIÇÕES

Em Janeiro de 1979, o semanário parisiense *Nostra* informa os seus leitores: «Yul Brynner escolheu a CBS, cadeia de televisão americana, para anunciar que fora curado de um cancro na garganta por um monge do Tibete, Norbu Chen, que lhe aplicou um tratamento misto de acupunctura e de imposição das mãos.»

Independentemente do facto de esta notícia constituir uma demonstração da eficácia (excepcional) do magnetismo e da acupunctura, avulta nele um pormenor bastante significativo: o curandeiro é um... monge!

Esta particularidade dá lugar a duas verificações. Em primeiro lugar, dela deriva que, até nos nossos dias, a medicina pode ser estreitamente ligada à religião, tal como na Antiguidade, e não só no estádio primitivo, isto é, entre os feiticeiros-curandeiros da África e doutros lugares.

A segunda é a seguinte: a prática do magnetismo implica certa elevação espiritual e uma vida submetida a regras muito estritas, como provam a espiritualidade e o ascetismo dos monges tibetanos.

O que confirma a justeza da opinião de Charles de Saint-Savin, que dizia: «... Quanto mais o curandeiro é um ser puro e moralmente superior, esforçando-se por se conciliar com as forças naturais, mais oportunidade tem de ser um bom instrumento de cura duradoura, porque trans-

formou profundamente o terreno do seu doente e o tornou quase invulnerável à doença.» Além disto, afirmava a necessidade de perfeito equilíbrio físico, entendendo que, para o alcançar, o magnetizador devia «viver saudavelmente, observar ao máximo as regras da higiene e das leis naturais, não cometer nenhum excesso, nem num sentido, nem no outro». Pormenorizando, aconselhava que se evitasse «tudo o que é susceptível de intoxicar», nomeadamente o tabaco, o álcool, os produtos industrializados (açúcar branco, pão branco, conservas, alimentos corados artificialmente, etc.), e recomendava igualmente aos magnetizadores que se esforçassem por renunciar progressivamente à carne. Quanto à vida sexual, entendia que a abstinência de modo algum se impunha: «... Podem obter-se maravilhosas possibilidades de voluptuosidade se é praticada com um ser que se ama. Pode até ser caminho de perfeição.» Concluindo, exprimia a seguinte opinião: «... Há magnetismo e magnetismo. Aos graus de qualidade do homem [instrumento], correspondem graus na qualidade do fluido [...] é perfeitamente evidente que se um ser sórdido e materialista pode emitir o seu fluido com algum êxito, lograr mumificações e acalmar certas dores [pelo menos depois de certo treino] nunca obterá os mesmos resultados do que um magnetizador de melhor vontade, desejoso de ser, para as Forças Naturais, um canal positivo e puro. Como é perfeitamente evidente, ainda, que o curandeiro que alcança certos estádios elevados de devoção, de pureza e de amor logrará milagres. Porque terá sido um instrumento oferecido às Forças mais subtis e que, actuando por seu intermédio, terão, como uma chama, purificado literalmente o doente [...] O prático magnetizador, portanto, deve ser sobretudo e antes de tudo equilibrado. Se o seu próprio temperamento exige alimentação abundante, deve satisfazê-lo sem exagero. Deve habituar-se a rigorosa limpeza

corporal e a 'recarregar-se' constantemente por meio de exercícios respiratórios bem compreendidos. Se sente necessidade de relações sexuais, pode e deve satisfazê-las, lembrando-se apenas de que o abuso é condenável e nocivo. Se o magnetizador é ao mesmo tempo espiritualista, o que é desejável, e que tenha a felicidade de encontrar um ser complementar perfeito, então tudo irá pelo melhor.»

Este tema, o do magnetizador eficaz unicamente sob condição de ser física e psiquicamente equilibrado, é retomado por Michel Bontemps:

«Mais do que um ofício, o magnetismo é um verdadeiro sacerdócio», afirma. «É necessário entregar-se-lhe inteiramente, estar constantemente animado pelo desejo de fazer o bem, de curar. Só um ser humano equilibrado no seu espírito e no seu corpo pode assumir esta tarefa.

«Um médico fatigado ou absorvido por problemas de ordem pessoal expõe-se ao risco de se enganar num diagnóstico e de receitar um tratamento errado. Em circunstâncias análogas, um magnetizador é incapaz de emitir fluido suficientemente potente e pode, além disso, dirigi-lo mal. Logo, nunca se deve magnetizar se não se está com o espírito claro e sereno e se não se está em perfeita forma física. Em regra geral, um não existe sem o outro.

«Sem insistir sobre o elemento psíquico, convém lembrar que, para se ser magnetizador, é preciso não só ter certa orientação espiritual e moral em harmonia com a natureza das suas futuras actividades, mas também um corpo são.

«Uma pessoa débil, doentia, deve renunciar à prática do magnetismo. O seu fluido seria demasiado fraco para curar e bastante nocivo para agravar o mal do paciente.

«No outro extremo, uma pessoa demasiado corpulenta, gorda e disforme também é fundamentalmente incompatível com o exercício do magnetismo. A saúde, nesse caso,

é apenas aparente, e o fluido é tão perigoso como o dos seres de constituição frágil, de temperamento visivelmente doentio.»

Charles de Saint-Savin e Michel Bontemps foram citados a título de exemplo. Todos os magnetizadores de primeiro plano do século XX insistem no imperativo de ninguém se dedicar ao magnetismo a não ser na plena posse de todas as suas faculdades psíquicas e físicas. O que parece tanto mais evidente quanto a magnetização exige esforços mentais de extrema intensidade... que só um corpo em boa saúde pode fornecer! Não diziam os Latinos: *Mens sana in corpore sano?*...

Não basta dispor destas qualidades no momento em que se abraça a carreira de magnetizador. É preciso saber conservá-las. Um futuro magnetizador «profissional», portanto, deve optar por uma vida regular, de preferência em contacto com a Natureza, deve respeitar uma dietética sã, praticar desporto, aprender (se ainda não o fez) as técnicas respiratórias do ioga e exercê-las diariamente... Deverá também conhecer os seus limites, não esperar pelos primeiros sinais de alerta para repousar.

## O TESTE DA MUMIFICAÇÃO

O fluido magnético está presente em todo o ser humano. O que não significa que toda a gente pode magnetizar com a mesma facilidade. A intensidade, e, conseqüentemente, a eficácia dessa energia, está subordinada, regra geral, à força física e, portanto automaticamente, à boa saúde de cada indivíduo.

O teste da mumificação é o meio mais simples para saber se possui ou não um fluido potente.

Eis como proceder:

1. Estender uma fatia de carne relativamente fina num prato, concentrar-se e depois colocar as mãos por cima da carne (alguns acham preferível inclinar ligeiramente os dedos), a distância que pode variar de 1 cm a 5 cm, e manter as mãos assim durante um bom quarto de hora.

2. Guardar a carne num lugar limpo, seco, bem arejado e ao abrigo das moscas.

3. Repetir a operação de magnetização seis ou oito horas mais tarde, sempre à mesma distância e durante o mesmo lapso de tempo.

4. Renovar o ensaio de mumificação, nas mesmas condições, no decurso dos dias seguintes, sempre duas vezes por dia.

O fluido magnético — que tem a particularidade de revitalizar um órgão vivo — possui a propriedade de produ-

zir a conservação de um órgão morto. Isto explica-se pela acção desidratante, bactericida.

A carne assim magnetizada seca, torna-se progressivamente mais escura e mais dura. Por fim, está tão ou mais esvaziada de água do que, por exemplo, um presunto fumado. Será portanto possível conservá-la indefinidamente, isto é, enquanto não se reduzir a pó. Pode, em todo o caso, ser consumida muitos anos depois da respectiva mumificação, mas a sua cozedura necessita de preparação especial, tal como no caso de carnes secas pelo fumo.

As pessoas dotadas de fluido magnético excepcionalmente poderoso chegam a mumificar a carne numa só sessão de alguns minutos. Por outras palavras, a eficácia magnética de cada um pode ser medida em função do tempo necessário à mumificação total da fatia de carne que serve para a experiência. É portanto evidente que se mais de cinco dias, ou seja, mais de dez magnetizações, não produzem o resultado esperado, o experimentador não tem muitas probabilidades de vir a engrossar as fileiras dos magnetizadores encartados, pelo menos imediatamente. Precisar-se-á de exercitar-se, segundo o mesmo método, para desenvolver as suas faculdades; procurando concentrar-se melhor e impondo a si próprio alguns sacrifícios (renunciar ao álcool, aos alimentos demasiados ricos, etc.) a fim de melhorar o seu rendimento.

Se, desde a primeira série de ensaios, a carne não se mumifica completamente ao cabo de doze sessões no máximo, há todo o interesse em não insistir...

### **Um exemplo histórico**

Em 1913, o Dr. Socquet, médico legista, pôs à disposição do Dr. G. Durville e de dois dos seus colaboradores a

mão seccionada pelo punho de um homem morto por asfixia. Na presença de uma comissão de onze membros, na maior parte médicos, a mão foi magnetizada. Exames feitos em 1933, e mais recentemente, levaram a verificar que continuava intacta... o que permitiria admitir a hipótese de que certas relíquias milenares — a mão de Santo Estêvão, rei da Hungria, por exemplo — devem a sua perfeita conservação à magnetização.

### **Peixes e flores**

Os testes de mumificação têm por vezes como objecto peixes (mortos) ou flores (cortadas).

Em 1978, no decurso do seu processo, o magnetizador Gilbert Créola mostrou aos magistrados peixes de vários tamanhos que mumificara muitos anos antes e que não apresentavam nenhum sinal de alteração. Em Janeiro de 1979, magnetizou, durante três minutos mais ou menos, um ramo de quarenta e sete rosas, oferecidas por um dos seus pacientes em testemunho de reconhecimento por lhe ter salvo a vida. Três meses mais tarde, no momento em que estas linhas estão a ser escritas, as rosas em questão continuam a dar a impressão de terem sido colhidas momentos antes...

### **Testes sobre micróbios**

A luz dos efeitos bactericidas que caracterizam a mumificação magnética, foram levadas a efeito em França, entre as duas guerras, experiências no Instituto de Biofísica e Bioquímica, em microrganismos dos mais diversos: bacilos de Koch, estafilococos, estreptococos, pneumococos, amibas disentéricas, etc. Essas experiências permitiram deduzir que o efeito da imposição das mãos podia parar o desenvolvimento microbiano nos meios favoráveis, e ainda que o

magnetismo podia destruir completamente esses micróbios, se fosse canalizado por um magnetizador muito experiente.

#### Testes sobre sementes

Já em 1933, o Dr. Octave Béliard assinalava as experiências dos Drs. Bertholet, Durville, Picard, etc., escrevendo: «Sob a influência da imposição das mãos, operada um quarto de hora por dia durante vários dias ou numerosas semanas, verificou-se a aceleração da germinação de ervilhas, de sementes de agrião picante, de pevides de abóbora, etc., além de que essas plantas cresciam mais depressa, mais bastas, mais altas do que as suas congêneres da mesma origem, não magnetizadas, semeadas em terra com a mesma composição e da mesma proveniência. A influência da magnetização sobre as estacas e os enxertos, sobre a reparação de vegetais doentes ou feridos, pareceu também igualmente manifesta.»

Por conseguinte, é possível testar o grau de intensidade do fluido de alguém magnetizando sementes; só que os resultados não podem ser conhecidos tão rapidamente como com uma fatia de carne...

## CURAR EM TORNO DE SI

O êxito óptimo de um teste de mumificação revela aptidão, mas não pode autorizar, em caso algum, por si só, a prática regular do magnetismo curativo. Possuir fluido magnético poderoso é uma coisa, servir-se dele para curar é outra. Quem não assimila, por meio de estudos apropriados, o conhecimento dos segredos do corpo humano deve contentar-se em utilizar o seu dom unicamente para tratar doenças sem gravidade. Isto significa que pode intervir nos casos em que, normalmente, não se chamaria o médico. De preferência a procurar remédio na caixa de farmácia, é então mais inteligente tentar vencer o mal pelos recursos naturais, isto é, pondo à prova as capacidades do magnetizador incipiente que faz parte da família ou do círculo de amigos.

Algumas obras especializadas fornecem não só indicações suficientes para a aquisição de sólidas noções de terapêutica magnética, como descrevem em pormenor os processos mais apropriados para o tratamento de numerosas doenças. Um livro<sup>1</sup> de Paul-C. Jagot, por exemplo,

---

<sup>1</sup> *Méthode Pratique de Magnétisme, Hypnotisme, Suggestion*, Ed. Dangles.

propõe um leque bastante amplo, que vai das síncope à toxicomania, passando pela bronquite, as perturbações vasculares, etc.

### Uma profecia que parece tornar-se realidade

Nunca será demasiado repetir que uma boa saúde psíquica e física, sólidas noções de anatomia, de patologia, etc., são indispensáveis para o exercício satisfatório do magnetismo, que mais é uma vocação do que um simples ofício.

Este livro não é destinado a facilitar a formação dos futuros magnetizadores, mas a oferecer um apanhado do papel que o magnetismo pode desempenhar actualmente na luta contra a doença, seja ela qual for.

Antes de abordar o domínio do electromagnetismo moderno, «filho» do magnetismo humano, damos em conclusão a citação de uma profecia feita no século passado pelo Dr. Tony Moilin:

«Pode já predizer-se com certeza que a medicina magnética acabará por substituir todos os sistemas rivais e que será a medicina do futuro, porque tem por si a grande força dos tempos modernos, a ciência. Enquanto os outros sistemas médicos, a Superstição, o Empirismo, as Medicinas de Hipócrates, de Galiano, de Paracelso e de Hahnemann assentam em teorias imaginárias ou em experiências mal feitas, apenas a Medicina magnética se apoia em factos científicos positivos e incontestáveis, na existência das células em todos os seres vivos e nas propriedades magnéticas da matéria bruta ou animada. Se os outros sistemas médicos, que partilham hoje a confiança do público, subsistem ainda lado a lado, depois de tantos anos de luta e sem que nenhum deles tenha podido derrubar os outros, é porque são todos eles igualmente falsos e igualmente incertos, e se o Magnetismo deve um dia substituí-los a todos é por-

que só ele assenta na ciência e porque só ele possui a verdade.»

A predição do Dr. Moilin parece soar com justeza no momento em que a voga dos magnetizadores alcança o seu apogeu e em que o electromagnetismo começa a revolucionar as terapêuticas clássicas.

O ELECTROMAGNE-  
TISMO E AS SUAS  
«CAIXAS DE CURAR»



O ELECTROMAGNE-  
TISMO E AS SUAS  
CAIXAS DE CURAÇÃO



## TRAÇOS COMUNS AO MAGNETISMO E AO ELECTROMAGNETISMO

Não é sem razão que os métodos curativos do magnetismo podem e devem até ser aproximados dos assegurados pelo electromagnetismo. Os princípios, os objectivos e também os efeitos são análogos. Para o doente, a diferença fundamental entre as duas técnicas reside no seguinte: o magnetismo cura por intermédio das mãos de um magnetizador, o electromagnetismo, por intermédio de aparelhos especiais cuja regularização é da competência do médico assistente... ou do terapeuta não provido de diploma médico, mas que sabe servir-se dos ditos aparelhos.

### **Uma comparação explícita**

Para mostrar como os efeitos são idênticos ou, pelo menos, similares, convém antes de mais comparar os testes de magnetização de sementes efectuados em França antes de 1933 (ver o capítulo anterior) com as experiências executadas nos anos 60 pelos sábios da Universidade de Iowa (E. U. A.), que submeteram sementes de milho às radiações electromagnéticas:

O rendimento da colheita aumentou 20% a 30%;  
da mesma qualidade, as maçarocas tinham tamanho superior e maior número de grãos do que as das plantas não tratadas;

o crescimento acelerado permitiu efectuar a colheita com avanço de duas a três semanas;

as folhas e os caules mantiveram-se verdes durante mais tempo.

### **Um mesmo princípio**

Tal como o tratamento magnético, a terapêutica electromagnética assenta, na realidade, no seguinte princípio: a doença é consequência de um desequilíbrio da circulação das correntes eléctricas que envolvem e fazem viver cada célula.

### **Um objectivo idêntico**

Tal como o magnetismo humano, o electromagnetismo curativo tende a produzir a cura (ou, pelo menos, o alívio), restabelecendo o funcionamento normal do circuito eléctrico celular perturbado.

### **Um modo de acção similar**

A imagem do fluido magnético, as ondas electromagnéticas actuam directamente sobre as células, fornecendo-lhes as cargas (positivas ou negativas, conforme as necessidades) necessárias para *facilitar* a eliminação da «avaria eléctrica» de que sofrem, ou, por outras palavras, essas cargas *ajudam* o organismo no decurso do processo de autodefesa que já pôs em acção...

### **Efeitos semelhantes**

Os dois métodos têm essencialmente os mesmos efeitos:  
analgésicos,  
cicatrizantes,  
anti-inflamatórios,

antiedematosos,  
anti-infecciosos,  
bactericidas,

sendo ambos também activadores das sínteses enzimáticas, da circulação arterial e de regresso, da circulação linfática, etc.

### **Outras analogias**

As ondas electromagnéticas, tal como o fluido magnético bem dirigido, não suscitam nenhuma sensação (calor, frio, formigueiro, etc.), mas podem, em certos casos, levar à acentuação dos sintomas (ao que os magnetizadores chamam «boa reacção»), facto que só pode ser sinal da eficácia do tratamento e precede o desaparecimento do mal.

Outro traço comum primordial: a particularidade de não destruir ou sequer enfraquecer as células sãs, mas de actuar directa e unicamente sobre as partes alteradas, produzindo uma regeneração celular frequentemente espectacular (nomeadamente no domínio dos cancros).

Por último, a terapêutica electromagnética pode ser (e, na prática, é-o muitas vezes) associada a outro método curativo natural, como a fitoterapia, a aromaterapia, etc. É assim precisamente porque o electromagnetismo, como o magnetismo humano e todas as outras espécies da medicina natural, intervém ao nível das células, isto é, trata não apenas os efeitos mas também a causa profunda do mal.

### **Precisão importante**

Na realidade, o termo «electromagnetismo» é geral e engloba múltiplos domínios. Para distinguir as suas aplicações terapêuticas, os círculos médicos classificam-nas na categoria da «bioelectrónica médica».

É corrente falar-se também de electromagnetismo «hertziano» ou de «ondas hertzianas», ou ainda de «ondas hertzianas pulsadas» para designar a técnica que consiste em fazer beneficiar o organismo humano de uma contribuição energética similar à produzida pelo magnetismo humano...

É esta a razão por que, a fim de evitar qualquer mal-entendido, daqui por diante se falará sempre de *electromagnetismo hertziano*, ou, abreviadamente, E. M. H.

## DO GOLIAS AMERICANO AO DAVID FRANCÊS OU A METAMORFOSE DE UMA «CAIXA DE CURAR»

Pelo princípio dos anos 40, vários sábios americanos e soviéticos dedicaram-se ao estudo das possibilidades curativas que as ondas electromagnéticas situadas entre as infravermelhas e as ondas rádio poderiam oferecer. Inspirar-se-iam na acção do magnetismo humano? Pensavam «concorrer» com os magnetizadores? Quem sabe?... Conta apenas o fim supremo dessas pesquisas: munir os médicos com nova arma.

### O nascimento de «Golias»

Foi cerca de 1947 que o Dr. Ginsberg e o físico Miliosky conceberam o *Diapulso*, o primeiro aparelho E. M. H. Não emite ondas «destrutivas» (como os raios gama e X), mas «construtivas» (como o fluido magnético humano), ou seja, radiações não ionizantes (situadas, no espectro electromagnético, para cá do «muro de separação» constituído pela luz visível). A emissão não é contínua, mas interrompida a intervalos regulares, isto é, traduz-se por pulsações reguláveis, o que reduz consideravelmente o efeito térmico (grosseiramente, isto significa que a pele, e, regra geral, a parte tratada, quase não chega a ser «aquecida»).

Fabricado na América, o aparelho é primeiramente utilizado sobretudo para tratar úlceras cutâneas, zonas fortemente inflamatórias, e depois o campo de aplicação alarga progressivamente...

Mas o progresso da nova terapêutica é travado por razões independentes da sua eficácia. O *Diapulso* é volumoso... e muito caro! Por muito preocupados que estejam em estar actualizados, muitos médicos americanos hesitam em investir uma soma excepcionalmente elevada numa «caixa de curar» que ainda está apenas no estágio inicial da sua carreira.

É assim que esta espécie de Golias, gigante recém-nascido da electrónica médica, conhece na sua estreia uma difusão relativamente restrita. Mas, apesar de tudo, a sua celebridade atravessa as fronteiras...

### **Um francês clarividente**

Encontrando-se nos Estados Unidos em viagem de estudo, um matemático e físico francês, Marcel Fellus, quer ver o «aparelho milagroso», de que já ouvira falar. Depois de ter feito pesquisas nos domínios da electromecânica, da hidráulica, dos telecomandos, etc., interessa-se, desde 1955, pelas aplicações da física à medicina. No seu activo: a concepção e o apuramento do sistema — mundialmente adoptado — que permite aos radiologistas analisar num pequeno *écran*, sem se exporem às radiações nocivas.

«Estava tanto mais curioso de conhecer o *Diapulso*», afirma, «quanto é certo que já tomara a resolução de me 'resgatar', de não me ocupar mais das radiações ionizantes, raios X e outros, que destroem as células vivas. Procurava, precisamente, familiarizar-me com as tecnologias que têm a vantagem de curar as células doentes sem deteriorar as sãs que as rodeiam. Portanto, compreendi imediatamente

o enorme interesse que podia representar este novo método para tratamento não só das úlceras, mas também de outras numerosas afecções, inclusivamente cancros.

«De regresso a França, apressei-me a chamar a atenção dos círculos médicos para este aparelho e consegui sensibilizar numerosos médicos. Foram feitas encomendas e principiaram as importações, nos anos 60...»

### Um aliado prometedo

Exteriormente, o *Diapulso* tem aspecto híbrido.

Pelo seu tamanho e pelas suas grandes superfícies lisas, parece um frigorífico.

Com os seus botões, a parte superior faz lembrar um posto de rádio.

O elemento redondo e maciço — ligado ao aparelho por um braço mecânico — sugere uma marmitta hermeticamente fechada.

É ao nível do «posto de rádio» que se efectua a regularização. Ao máximo da frequência e da penetração, a potência instantânea emitida é da ordem de um quilovátio, se bem que a energia média absorvida seja de 38 W.

A maior parte do complexo electrónico esconde-se atrás das paredes metálicas do «frigorífico». A energia eléctrica do sector é transformada em energia electromagnética de alta frequência — de 11 m de comprimento de onda —, que será emitida em pulsações intermitentes, sob a forma de *flashes* programados de tal modo que cada período de repouso entre as pulsações seja pelo menos de duração vinte e cinco vezes superior à da pulsação.

A «marmitta» é o elemento que transmite a energia ao corpo do doente. Deve ser colocada acima do órgão que se pretende tratar. O aparelho funciona através dos gessos,

sobre próteses metálicas e através do vestuário, ou seja, dispensa a maçada de o doente se despir.

Segundo o distribuidor, cerca de quinhentos aparelhos foram vendidos em França, entre 1966 e 1979.

Quem os adquiriu? Quase exclusivamente práticos e hospitais, mas também alguns quinesiterapeutas e acupunctores (estes últimos dirigem a energia do aparelho com as suas agulhas, ou seja, a acupunctura é praticada em paralelo com o E. M. H.).

«...Muito raramente, mas acontece por vezes, um particular suficientemente abastado compra um destes aparelhos», acrescenta o distribuidor. «A Sra. T., de Paris, por exemplo, sofria de espondilartrite ancilosante e não podia deslocar-se senão em cadeira de rodas; para ela, não era fácil ir constantemente ao médico. Dispondo dos recursos financeiros necessários, adquiriu o aparelho. Depois de quatro meses de tratamento diário, registaram-se melhoras progressivas. Depois, a partir do sétimo mês, começou a andar normalmente. Devo acentuar que se tratava também por aromaterapia...»

A ausência de qualquer contra-indicação contribui para o êxito deste «intruso», que veio conquistar o mundo médico francês. Enquanto os círculos oficiais da medicina não se pronunciam, médicos «de vanguarda» colocam o aparelho no banco de ensaios...

### **Primeiros defensores**

É por ocasião do I Simpósio de Bioelectrónica Médica — que se efectua em Estrasburgo em 1975 — que os primeiros resultados obtidos em França no domínio da terapêutica E. M. H. são comparados. Médicos da capital e da província comunicam relatórios pormenorizados, estatísticas...

Vê-se imediatamente que o novo método prestou as suas provas, que se pode confiar no tratamento de grande número de doenças e que assegura frequentemente curas mais rápidas do que os métodos antigos, tendo ao mesmo tempo igualmente a imensa vantagem de não ser tóxico, seja de que forma for.

Os oradores dão também a entender, nas suas conclusões, que se trata de um processo curativo e até preventivo, cujo campo de acção poderá alargar-se por assim dizer até ao infinito.

O depoimento mais notado é talvez o do Dr. Jean-Louis Marcel, de Chambéry. Já tratou mil e quinhentos doentes pelas ondas E. M. H., o que lhe permite traçar um quadro particularmente impressionante e extremamente favorável...

Licenciado em Ciências, diplomado em Bioquímica, o Dr. Pierre Richand, de Paris, apresenta as suas observações, relativas a cento e quarenta e dois casos. Verificou 57% de resultados muito bons (curas em menos de cinco sessões), 29% de bons resultados (curas ou francas melhoras em cinco a quinze sessões), 5% de casos médios mas não curados, 9% de casos nulos. Os domínios explorados foram: infecções, inflamações, perturbações pós-operatórias, inflamações reumatismais tendinites, artrites, nevrites e nevralgias, perturbações neurológicas, doenças da pele, doenças de sistema, afecções cancerosas. (O tratamento revelou-se ineficaz na pleurisia, na inflamação do meato, nas inflamações reumatismais com ancilose, nas dores pós-zosterianas, no nevroma do nervo plantário, na esclerose lateral amiotrófica e, no respeitante às afecções cancerosas, nas generalizações ósseas dolorosas.)

Ainda em 1976, os Drs. Commandre, Kalaschnikoff, Auzias, Guillemin, Gilibert e Mercati, de Nice e Valence,

apresentam as suas observações no domínio do síndrome algo-neurodistrófico, que evolui em quatro estádios:

1. Impotência dolorosa com tumefacção difusa, perturbações vasomotoras, sobretudo distais, durante algumas semanas, estágio ideal do tratamento.

2. Instalação progressiva de atrofia da pele, dos músculos, dos pontos ungueais, rigidez articular, engrossamento das aponevroses palmares, estágio que pode durar de três a seis meses e durante o qual o tratamento pode reduzir as sequelas.

3. Limitação das funções articulares, deformação irreduzível dos dedos, estágio em que o prognóstico só pode ser muito reservado.

4. Estádio final que pode evoluir para a irreversibilidade.

As causas deste síndrome, frequentemente muito difícil de tratar, podem ser traumatismos — fracturas, luxações, entorses —, afecções do sistema nervoso central — hemiplegia, epilepsia, tumores —, ou periféricas — zona —, afecções cardíacas — coronarite, enfarte do miocárdio — e pulmonares — síndrome de Pancoast-Tobias —, se bem como certos produtos químicos, como o gardenal, os tuberculostáticos, o iodo 131. A utilização das ondas E. M. H. permitiu verificar 80% de excelentes resultados. As curas foram obtidas desde a décima à décima quinta sessões na maioria dos casos, mas a melhoria começou a aparecer desde os três aos seis primeiros dias. A rigidez articular foi frequentemente a última a desaparecer, precisando por vezes do apoio da quinesiterapia. A recalcificação óssea foi obtida desde a décima quinta à vigésima sessões.

No decurso do II Simpósio de Bioelectrónica Fundamental e Médica, o Dr. Jean-Paul Dubour, de Lyon, acentua que no campo da medicina geral obteve, num ano, a cura de trinta casos, melhoras em treze e nenhum resultado em

outros cinco, num total de quarenta e oito tratados pelas ondas E. M. H.

No mesmo congresso, os Drs. Gouaille e Pecheur, de La Clusaz, dão conta das suas observações no domínio dos ferimentos menores, mas incomodativos, contraídos pelos seus pacientes ao praticarem esqui. Afirmam que, graças às ondas E. M. H., não é já necessário receitar anti-inflamatórios nem proceder a infiltrações locais (infra-vermelhos) e que a ministração dos antálgicos pode limitar-se a um dia. Os feridos podem regressar às alegrias dos desportos de Inverno entre o segundo e o sexto dias a seguir ao acidente.

O Dr. Paul Siraux, reumatologista, e Guy Sanpo, quinesiterapeuta do Serviço de Readaptação do Centro Hospitalar Le Rayon de Soleil (Montignies-le-Tilleul) comunicam que recorreram às ondas E. M. H. a fim de tratarem cerca de quarenta pacientes num serviço de geriatria que se ocupa de traumatologia e de reumatologia, nomeadamente para cicatrização de chagas, traumatismos musculares e afecções reumatismais periarticulares. As suas conclusões são extremamente favoráveis (cicatrização de chagas necróticas em cotos de amputação, desaparecimento progressivo das dores, etc.), mas verifica-se que, nos casos graves (pacientes acamados), o número de sessões deve ser elevado para que os efeitos benéficos do tratamento se manifestem.

O Dr. Jean Thuaire, do Colégio Francês de Patologia Vascular, membro da Sociedade Francesa de Electroterapia, adjunto de angiologia no Hospital Broussais, de Paris, trata por ondas E. M. H. quarenta e três dos seus pacientes, doze dos quais sofrem de hipodermite, doze de úlceras nas pernas, dezasseis de peso nas pernas e de celulite nos tornozelos, três de necrose do dedo grande do pé (com arterite) e um de mal perfurante na planta de um pé.

O tempo de aplicação é em geral de dez minutos, por vezes de quinze minutos, variando o número de sessões por paciente de quinze a trinta, ao ritmo de três, até de duas, por semana. Obtém vinte e quatro bons resultados, quinze resultados médios e quatro malogros. «Este tratamento revelou-se, portanto, positivo em 39 casos de um total de 43», dirá a concluir.

### O nascimento de «David»

No momento em que o primeiro dos aparelhos E. M. H. se torna conhecido em França, desenha-se a necessidade de propagar a nova terapêutica por aparelhos da mesma espécie, mas...

No seu livro<sup>1</sup>, o mais eminente especialista francês actual da terapêutica E. M. H., o Dr. Jean-Louis Marcel, formula o problema, em 1978, exprimindo a opinião de que o *Diapulso* é «de tecnologia clássica, notável, mas actualmente um pouco ultrapassada. Trata-se, com efeito, de um aparelho de lâmpadas bastante incómodo e de preço elevado».

O objectivo dos pesquisadores é então conceber e aperfeiçoar emissores E. M. H. de tecnologia mais moderna, de formato reduzido e... acessíveis a todas as bolsas.

Nascem assim numerosos aparelhos que parecem responder melhor às exigências do mercado francês. Possuem a característica fundamental do seu antepassado americano (emissão electromagnética hertziana de frequência de 27,12 MHz, de comprimento de onda de 11 m, com um número de impulsões por segundo que varia de 200 a 600), mas o seu tamanho diminui progressivamente... tal como o seu preço.

---

<sup>1</sup> *Bioélectronique Médicale*, Maloine Éditeur.

O *FEL Clinic Gamma*, por exemplo, mede 50 cm x 15 cm x 28 cm apenas (longe de poder ser comparado a um frigorífico, assemelha-se, pela sua forma e a sua dimensão, a qualquer gira-discos aperfeiçoado), ao passo que o *FEL Clinic Beta* apresenta-se como uma pequena (21 cm x 14 cm x 9 cm) mala metálica e pesa menos de 2 kg.

Mas a realização mais espectacular é o *FEL 200*, o verdadeiro «David» da bioelectrónica médica. Esse gerador miniaturizado não é maior do que um maço de cigarros (mede 10,5 cm x 6 cm x 3 cm) e o seu peso é de 220 g. Tal como os seus dois irmãos mais velhos, é inteiramente transistorizado. A respectiva alimentação é no entanto assegurada por uma bateria incorporada, que pode ser recarregada por um carregador de bateria miniatura adaptável aos sectores 110 ou 220 V. Possui autonomia de funcionamento que é, em plena carga, de cinco horas, ou seja, antes de ser recarregado, fornece energia E. M. H. suficiente para três ou cinco sessões de electromagnetismo hertziano, entendendo-se que a duração destas pode variar, segundo os casos, entre sessenta e noventa minutos. É vendido a um preço que corresponde, fora as taxas, a cerca de 3% do *Diapulso*, mas não tem evidentemente a pretensão de substituí-lo em todas as aplicações...



## APLICAÇÕES ACTUAIS

Os desejos foram satisfeitos. Os novos aparelhos de tipo *FEL* respondem às exigências de três categorias de utilizadores: os médicos, os terapeutas de todas as disciplinas e os particulares.

O modelo *Gama* tem facilmente lugar num consultório médico ou num estabelecimento hospitalar, bem como no gabinete de um auxiliar da medicina. Tem a vantagem de permitir o tratamento simultâneo de cinco partes do corpo.

Destinado especialmente aos doentes acamados, o modelo *Beta* dispensa deslocações, pode ser ligado a qualquer tomada de corrente colocada na proximidade do leito (mas existe também em versão sector/bateria), e pode transmitir energia E.M.H. a duas partes do corpo ao mesmo tempo.

O último modelo, o mais reduzido existente até hoje, convém para todos os usos a domicílio ou ao ar livre, etc., mas permite tratar uma parte do corpo de cada vez, e a sua potência é reduzida.

Estes três tipos de geradores possuem características técnicas comuns (frequência de emissão, duração dos sinais periódicos, etc.) e transmitem da mesma maneira energia E.M.H. ao corpo humano, por intermédio de uma antena (uma placa em matéria plástica) que deve ser colo-

cada directamente sobre a zona a tratar, em cima da pele.

É de notar que sete outros modelos estão actualmente em curso de desenvolvimento. Cada um deles será adaptado a uma forma operatória concreta ou a uma especialização particular da medicina humana e até animal: cirurgia, medicina geral, flebologia, estomatologia, oncologia. As antenas serão concebidas para tratar até as zonas actualmente difíceis de alcançar (proctologia, ginecologia, etc.).

Desde agora, os aparelhos são concebidos de maneira a poderem regular a frequência dos *flashes* em função dos casos, isto é, segundo as prescrições do médico assistente. Como salienta o Dr. Marcel, este último ponto é muito importante, porque certos órgãos, certos tecidos, reagem melhor a frequências baixas e outros a frequências mais rápidas. Preconiza as frequências rápidas de preferência para os tecidos duros (os ossos, por exemplo), as frequências baixas para os tecidos moles (fígado, glândulas endócrinas, etc.), as frequências muito baixas para o cérebro, acrescentando que as frequências rápidas são tendentemente estimulantes e as frequências baixas sedativas e antiespasmódicas. (Este último pormenor autoriza a comparação com o magnetismo humano: os magnetizadores distinguem acção excitante e acção sedativa, segundo a técnica empregada.)

### **Campo de acção**

Na sua obra — que se dirige mais especificamente aos médicos e que será a única, até hoje, a descrever as características do E. M. H. —, o Dr. Jean-Louis Marcel assinala que os principais efeitos biológicos das ondas hertzianas se traduzem por:

Activação das funções hepáticas, promovendo uma acção eutrófica e de aceleração das repartições de tecidos.

Activação das funções hepáticas, supra-renais e do sistema retículo-endotelial, provocando uma acção anti-inflamatória e anti-infecciosa extremamente importante.

Modificação da carga electrostática celular e modificação da permeabilidade membranária, provocando em especial acção anti-hemorrágica, antiedematosa e circulatória.

Acção de repolarização negativa com efeito antálgico, antiespasmódico e sedativo.

O Dr. Marcel acrescenta que estas características implicam muito numerosas indicações terapêuticas, quer curativas, quer preventivas, tanto em cirurgia como em medicina geral. À luz das suas observações, aconselha, por exemplo, um tratamento por ondas hertzianas que começará seis a oito dias antes da *intervenção cirúrgica*, para preparar o estado local e geral do doente e que será continuado imediatamente depois da operação «para encurtar o tempo da cura, diminuir a inflamação e o edema, acelerar a reabsorção dos hematomas pós-operatórios».

Esse tratamento preventivo terá as seguintes vantagens:

Cicatrização mais rápida das feridas e, por consequência, aspecto estético mais agradável.

Redução apreciável do tempo de transferência dos fragmentos pelo facto de serem mais bem irrigados.

Consolidação óssea acelerada.

Redução importante das hemorragias operatórias e pós-operatórias.

Diminuição do risco infeccioso pós-operatório.

Acção sedativa sobre as dores e os espasmos, o que permite ao operado restabelecer-se mais depressa do choque operatório, acção reforçada por efeito de melhoria do sono e do estado geral pelas ondas hertzianas.

Sublinhando o facto de que, na actual prática corrente, as ondas hertzianas são utilizadas mais frequentemente em *reumatologia*, o Dr. Marcel salienta: «Todas as afecções de natureza inflamatória: periartrite, epicondilite, tendinite, bursite, constituem excelentes indicações. Pelo contrário, a artrose responde bastante mal ao tratamento pelas ondas hertzianas, salvo a inflamação de reacção.»

Abordando o domínio da *otorrinolaringologia*, afirma: «As sinusites representam excelente indicação, tanto mais interessante quanto há a possibilidade de controle radiológico antes e depois do tratamento. As mastoidites, as otites, as otorreias crónicas são igualmente boas indicações, em especial as que são acompanhadas por deterioração do tímpano, no qual verificamos, depois de tratamento pelas ondas pulsadas, regeneração por vezes apreciável.»

Em matéria de *traumatologia*, o campo de aplicação é muito vasto: entorse, contusão, hematoma, consolidação de fractura, cicatrização mais rápida das feridas, queimaduras.

Quanto à *gastroenterologia*, o Dr. Marcel sublinha: «Colite, colecistite, pancreatite, espasmos digestivos, dispepsias, reagem muitas vezes favoravelmente. Pensamos, por exemplo, em dois casos graves de rectocolite hemorrágica, com melhoras muito apreciáveis obtidas pelas ondas pulsadas.»

A *flebologia* será também domínio privilegiado: para o Dr. Marcel, «a indicação principal é a úlcera varicosa que, até sem esclerose, até sem penso, é curada nove vezes em dez». Acrescenta que esta acção anti-inflamatória, anti-infecciosa, cicatrizante das ondas hertzianas manifesta-se igualmente na *dermatologia* (eczema infectado, acne, abcesso, furúnculos), em *ginecologia* (metrite, salpingite...) e, de maneira geral, em todos os domínios da medicina.

Os resultados em *neurologia* são igualmente surpreendentes, pois as ondas E. M. H. intervêm neste caso quer por acção indirecta «de tipo reflexo, por exemplo, regularização das distonias neurovegetativas ou melhoras de uma arterite por aplicação das ondas sobre os plexos», quer por acção directa sobre o tecido nervoso (recuperação mais rápida das hemiplegias, melhoria do sono em quantidade e qualidade).

Por outro lado, o E. M. H. abre novas perspectivas na *endocrinologia*:

«A endocrinologia representa, no nosso entender, um domínio por explorar tanto mais interessante quanto é facto que o controle biológico é muitas vezes possível, sobretudo no meio hospitalar», declara o Dr. Marcel.

«Citaremos apenas dois casos de diabetes familiar, um irmão e uma irmã em que, a título de curiosidade pessoal, ensaiámos ondas hertzianas com curva de hiperglicemia provocada antes e depois do tratamento, mas não tiraremos nenhuma conclusão, dado o pequeno número de casos.

«Estamos mais à vontade para falar do domínio ovárico, que representa perto de uma centena de casos. Todos os desregramentos do tipo pré-menopausa foram em geral atenuados.

«Pensamos, por outro lado, que para tratar casos de *celulite* uma aplicação electromagnética na região hipotálamo-hipofisária é complemento indispensável no tratamento ovárico. De qualquer modo, parece melhorar os resultados obtidos. Talvez estas melhoras sejam devidas às interacções, já conhecidas, entre o hipotálamo, a hipófise e o ovário. Ou, provavelmente, à activação de uma nova hormona hipofisária, a lipotrofina, que um grupo de pesquisadores americanos já isolou nos animais e parece desempenhar um papel específico na lipólise.»

## Uma grande esperança?

Tomando a iniciativa de levar os médicos franceses a descobrir as possibilidades oferecidas pelo E. M. H., o físico Marcel Fellus tinha, aparentemente, um pensamento reservado: ver em que medida este novo método curativo poderia encontrar lugar entre os recursos postos em acção para combater o cancro...

E eis que certos dos primeiros adeptos franceses do E. M. H., nomeadamente os Drs. Luciani, Marcel e Richand, verificam, logo no começo dos anos 70, que as ondas electromagnéticas hertzianas parecem suspender a proliferação das células cancerosas (propriedade antimitótica) e impedir a formação de novas colónias celulares cancerosas (propriedade antimetastásica). Assistem assim frequentemente — e, o que é mais surpreendente, em casos desesperados — ao regresso a condições de saúde satisfatórias. Esta acção benéfica parece durar enquanto um tratamento intensivo pode ser aplicado. Verifica-se, em contrapartida, que as interrupções de certa duração do tratamento E. M. H. levam ao rápido desenlace fatal...

O Dr. Marcel cita como exemplo o caso de uma doente operada em 1968 a um cancro do colo uterino, e depois operada de novo em Fevereiro de 1972. O prognóstico prevê então «sobrevivência de alguns meses». O tratamento E. M. H. começa no princípio de Maio de 1972. O estado geral melhora, as dores atenuam-se e a paciente acaba por fazer normalmente as suas ocupações. Mas, em Julho de 1973, isto é, mais de um ano depois do prognóstico que lhe deixara a esperança de apenas alguns meses de sobrevivência, decide não continuar o tratamento. Imediatamente o seu estado geral degrada-se, as dores voltam e exigem que sejam acalmadas com morfina; e depois foi o fim, poucos meses após interrupção do tratamento E. M. H.

No seu livro, o Dr. Marcel dá a descrição pormenorizada de treze outros casos semelhantes. Tem de se concluir que os pacientes que haviam aceite o tratamento pelas ondas hertzianas enquanto o médico assistente o considerou útil não sucumbiram ao seu mal.

«É preciso não extrair daqui conclusões precipitadas», declara o Dr. Marcel. «Seria necessário proceder em escala muito maior para se poder concluir com maior certeza. Tudo o que se tem o direito de dizer é que, com toda a verosimilhança, as ondas hertzianas podem e até devem entrar em linha de conta neste domínio ainda tabu que é a cancerologia. Veremos com maior clareza, neste domínio, dentro de alguns anos...»

Por seu lado, o físico Fellus exprime a opinião seguinte:

«O estudo da membrana celular poderia explicar a acção antimetastática e antimitótica das ondas hertzianas.

«O Prof. Clarence Cone, director de Pesquisas do Longley Research Center da NASA, demonstrou, com efeito, que as células de divisão rápida, ou seja, cancerosas, têm potencial inferior a  $-10$  mV, ao passo que as células musculares vizinhas e normais, cujo potencial é da ordem de  $-90$  mV, têm actividade mitótica quase nula. Chegou assim à conclusão de que a proliferação demorada dos tumores cancerosos é devida à despolarização eléctrica permanente da membrana celular e que é necessário, por conseguinte, para pôr termo à dita proliferação, achar recursos susceptíveis de garantir a repolarização das células cancerosas...»

Esta noção de *repolarização* celular, condição indispensável, ou, pelo menos, desejável, para suspender a evolução cancerosa, junta-se assim às conclusões de todos os grandes teóricos e práticos do magnetismo humano. Estes viam e continuam a ver no fluido magnético um agente predestinado a repolarizar as células despolarizadas, ou

seja, doentes. Entendam e entendem que a cura deriva sempre do facto de o magnetismo ajudar o organismo a restabelecer qualquer desequilíbrio (despolarização) ocorrido ao nível celular. Este raciocínio permitiu-lhes, e permite-lhes, explicar os «milagres» do magnetismo humano em casos considerados incuráveis...

Os trabalhos do Prof. Cone, tal como as observações do Dr. Marcel e de alguns dos seus confrades que também utilizaram o E. M. H. no tratamento de cancros, justificam hoje o ponto de vista dos partidários do magnetismo humano. A explicação proposta para definir a acção das ondas hertzianas na cancerologia permite compreender melhor a natureza da acção do fluido magnético. A analogia entre os efeitos do magnetismo humano e os do electromagnetismo parece desde logo muito mais impressionante...

### **Acção preventiva**

O E. M. H. é o meio ideal, segundo o Dr. Marcel, para pôr qualquer indivíduo em estado de menor vulnerabilidade às doenças.

«Apercebi-me de que as ondas hertzianas têm também a particularidade de assegurar a regularização do sistema neurovegetativo. Por aplicação sobre o plexo solar com frequência lenta, o electromagnetismo consegue suprimir as insónias, garante sono reparador, condição primordial para se estar em boa forma e para não se expor facilmente aos riscos de doença.

«Além disto, o electromagnetismo desempenha um papel bioquímico de melhoria dos meios de defesa do organismo, nomeadamente pelo tratamento do fígado e do baço. Estes órgãos são muito ricos em células retículo-endoteliais, cuja função é a fabricação de anticorpos.

«E não é tudo. As ondas hertzianas podem fornecer ao organismo um complemento de potencial energético, em conformidade com os princípios da medicina oriental, isto é, por meio dos exteroceptores, especialmente actuando ao nível dos pontos de acupunctura situados no rosto.

«Por todas estas razões e ainda por outras, o electromagnetismo poderá contribuir igualmente para o êxito das curas de geriatria, quer prolongando a duração da vida, quer conservando ou restabelecendo o estado de boa saúde na pessoa idosa. Trata-se de uma possibilidade desprezada até hoje, mas que, na minha opinião, deveria ser objecto de experiências.»

#### **Alguns casos concretos**

Um dos primeiríssimos adeptos franceses do E. M. H., o Dr. Marcel, continua a alinhar entre os defensores mais entusiastas das ondas pulsadas.

«Em menos de dez anos, pude verificar inumeráveis vezes a eficácia do método. Em regra, os resultados positivos manifestam-se mais rapidamente do que com os processos clássicos. Acontece também que melhoras sensíveis ou até curas definitivas surjam em casos em que os recursos curativos correntemente empregados nos nossos dias nada podem, ou muito pouco, a favor do doente. De preferência a voltar à oncologia, evocarei alguns casos menos espectaculares mas muito significativos...

«O Sr. Freud W., por exemplo, sofria de osteíte muito grave com grande supuração, em consequência de um acidente de viação que provocou fractura do fémur esquerdo. A operação proposta ao doente por um grande cirurgião parisiense deveria ser a amputação. Era um drama para o paciente, que tinha apenas 37 anos. Muito rapidamente, o tratamento pelas ondas hertzianas permitiu a eliminação

de um sequestro, isto é, de um pedaço de osso morto, e estancou a supuração que os antibióticos não tinham podido dominar. Foi assim possível efectuar uma intervenção de osteossíntese e evitar a amputação.

«Uma das minhas pacientes, a Sra. Nicole N., chegava a pensar no suicídio por causa de insónias. Tentara inúmeros soporíferos, sem resultados satisfatórios. A partir da segunda sessão de aplicação *FEL* na região occipital craniana, o sono melhorou. A partir da sexta intervenção de ondas hertzianas, foi necessário espaçar as sessões, pois tinha vontade de dormir desde o pôr do Sol. O sono pôde ser regularizado por forma definitiva e a senhora reencontrou a alegria de viver.

«A Sra. Christiane D., de 34 anos, queixava-se de ansiedade, de depressão, de falta de segurança, bem como de perturbações psicossomáticas digestivas e ginecológicas. As relações sexuais eram-lhe penosas e julgava-se estéril para sempre, tanto mais que um tratamento hormonal lhe facilitara a concepção, mas esta viera a ser seguida por interrupção da gravidez, no quinto mês. Três anos depois desta infelicidade, foi submetida a tratamento sofrológico com aplicação *FEL* no occipital e sobre a região pélvica, ao ritmo de uma sessão por semana. Quatro meses mais tarde, isto é, em Junho de 1978, estava grávida... O equilíbrio nervoso estava restabelecido. A paciente afirma que as ondas hertzianas lhe forneceram a energia vital que lhe faltava.

«Estes poucos exemplos confirmam o interesse dos tratamentos electromagnéticos nos mais diversos domínios.»

### Testes na Bélgica

O mais pequeno dos aparelhos electromagnéticos franceses, o «David», isto é, o *FEL 200*, foi recentemente testado num centro hospitalar de Bruxelas pelos Drs. Debelle,

Lorthioir, Berghmans, Carion e Rosenfeld. Na introdução do relatório que redigira, acentua-se: «Foi com muito cepticismo que abordámos a experimentação clínica. Os resultados inesperados, obtidos com a primeira paciente, despertaram a nossa curiosidade e incitaram toda a equipa a prosseguir activamente os seus trabalhos.»

Quais foram, então, esses «resultados inesperados»? Tratava-se de uma senhora de 84 anos, hospitalizada para lhe ser amputada uma perna por motivo de *úlceras arterial*, tratada durante cinco anos sem êxito pelos métodos clássicos. Dois ou três dias depois de começado o tratamento com o *FEL 200* — ao ritmo de duas aplicações de noventa minutos por dia — as secreções purulentas diminuíram. As dores começaram a diminuir ao fim de seis dias. A cicatrização das chagas ficou completa cerca de seis semanas depois do começo do tratamento. A paciente pôde ser mandada para casa, considerada curada, sem tratamento especial a ser observado.

Foram as seguintes as outras curas obtidas:

Paciente de 39 anos, com *hipodermite* havia um ano. No primeiro mês, o tratamento foi de cinco aplicações de uma hora por semana, no segundo mês três aplicações semanais da mesma duração. Cerca de sessenta dias depois do começo do tratamento, verifica-se «o desaparecimento completo das queixas e da infiltração da hipodermite».

Paciente de 50 anos, com *hipodermite* havia ano e meio. O *FEL 200* é utilizado três vezes por semana durante dois meses (duração de cada sessão: uma hora). Obtêm-se assim «boas melhoras, desaparecimento do eczema e das queixas subjectivas».

Paciente de 57 anos, com *hipodermite* havia dois anos. Tratamento *FEL 200* praticado três vezes por semana, em sessões de uma hora. A partir da sexta sessão, «desaparecimento das dores e nítida regressão do eritema cutâneo».

Paciente de 26 anos, sofrendo de *gangrena* gasosa («fractura exposta da tíbia-perónio, com grande perda ao nível dos tecidos moles»), tratado com o *FEL 200* seis horas por dia. Sem indicar a duração do tratamento, o relatório assinala: «Em seguida a importantes melhoras e nomeadamente ao aparecimento de botões, o cirurgião efectuou enxertos que resultaram perfeitamente.» (O relatório acentua, mais adiante, que esse homem pôde assim evitar a amputação.)

Quanto às *úlceras varicosas*, pode ler-se no relatório: «Três casos de úlceras varicosas responderam com êxito ao tratamento pelo *FEL...*», mas sem mais pormenores.

Os esclarecimentos são um pouco mais amplos a respeito dos *eczemas*: «Cinco casos de eczemas rebeldes às aplicações locais de corticóides apresentaram nítidas melhoras depois de um tratamento por *FEL 200*. O caso mais grave é exposto a seguir: Van B., de 48 anos, com deídrose havia dezoito meses, e crises de quatro em quatro dias. Tratamento *FEL 200*: primeiro mês, uma hora três vezes por semana; depois, duas horas todos os dias. Resultados: em três meses e meio, a paciente só tem quatro crises, a mais importante das quais devida a uma conexão errada da antena emissora durante uma semana. Cura mais rápida das gretas.»

Segue-se um relato de observações nos domínios da *ortopedia e da traumatologia*:

«Pudemos observar em seguida a um acidente ocorrido a um de nós (esmagamento da falangeta na porta de um carro, com fractura transversal completa da unha) que a aplicação imediata do *FEL* bloqueia rapidamente os fenómenos inflamatórios e dolorosos. Apesar da importância e do local do traumatismo, *cinco minutos apenas depois do começo da aplicação a dor desapareceu completamente*. O dedo manteve o seu volume normal e não verificámos a

habitual formação de um hematoma ao nível do leito da unha.

«Outro caso: uma entorse bimalleolar importante, tratada três horas depois do traumatismo, respondeu rapidamente à aplicação das ondas. O importante edema, surgido localmente, absorveu-se em alguns dias (medidas objectivas efectuadas com o tonómetro). As dores desapareceram um quarto de hora depois do começo do tratamento e, no dia seguinte ao do traumatismo, o paciente não sentiu o penoso regresso habitual.

«Estas duas últimas observações levaram-nos a tratar as curas cirúrgicas de *hallux valgus* logo à saída do paciente da sala de operações. Essas intervenções são bem conhecidas pelas dolorosas consequências operatórias: problemas de cicatrização e de edemas. Mais de trinta casos actualmente observados evoluíram todos com notável reprodutibilidade. *Obtiveram-se importantes melhoras em relação às evoluções clássicas.* Por segurança, os pacientes receberam na primeira noite uma injeção intramuscular de antálgico, mas *não foi necessário receitar-lhe nenhum outro medicamento* durante o resto da hospitalização. No começo, alguns casos não puderam ser tratados senão no segundo ou no terceiro dia pós-operatório: *os edemas e as dores retrocederam* em um ou dois dias. *A cicatrização de todos estes casos evoluiu, grosso modo, duas vezes mais depressa.»*

No respeitante à *reumatologia*, o relatório comunica:

«Duas manifestações agudas de artrose cervical e uma lombociática reincidente parecem ter respondido mais rapidamente ao tratamento por *FEL* em aplicação diária do que em crises anteriores tratadas pelas terapêuticas clássicas. A ausência de elemento objectivo ou de série comparativa incita-nos, no entanto, a esperar uma publicação posterior para dar a nossa opinião sobre a eficácia das ondas hertzianas, de muito fraca intensidade. Todavia, interessantes

observações de melhoras em mãos de duas esclerodermias e de uma P. C. E. permitem-nos pensar que o *FEL (200)* provará o seu interesse no futuro. Colocando uma antena sob a face palmar da mão, pudemos recolher, nas costas dessa mão, o sinal emitido, o que demonstra uma penetração interessante da onda e permite esperar uma actividade sobre articulações relativamente profundas.»

Na conclusão do seu relatório, os Drs. Debelle, Lorthioir, Berghmans, Carion e Rosenfeld escrevem:

«Os resultados obtidos foram inesperados para nós e frequentemente excepcionais, e isto em domínios tão variados como: *reparação de tecidos*, traumatologia, ortopedia cirúrgica, dermatologia e flebologia, *inflamação e edemas, dor, alergia*. Nenhuma contra-indicação ou efeito secundário foram verificados até hoje.

«O *FEL (200)* possui as propriedades clássicas dos emissores de ondas electromagnéticas de alta frequência pulsadas atermicamente: apresenta numerosas indicações terapêuticas e ausência de efeitos indesejáveis. Distingue-se pela sua miniaturização e o seu preço de custo reduzido.

«A sua introdução provocará, segundo pensamos, significativa evolução na terapêutica médica e novo desenvolvimento da medicina física.»

Em Julho de 1978, o jornal belga *Pourquoi Pas* revela ao grande público as experimentações efectuadas pelos fisioterapeutas da equipa do Dr. Lorthioir, no Instituto Edith Cavell, de Bruxelas. O título («A 8.<sup>a</sup> Maravilha da Fisioterapia») é muito lisonjeiro para a tecnologia francesa, tal como o próprio artigo, que começa pela seguinte frase: «Um descobrimento tão importante como o dos antibióticos ou o da cortisona: assim falam alguns raros iniciados de um inocente pequeno aparelho, o mini-radar pulsado, aperfeiçoado por um físico francês...» Tal comparação indirecta com os antibióticos e a cortisona pode

parecer curiosa, mas o autor do artigo, Pierre Thonon, dissipa, um pouco mais adiante, qualquer eventual mal-entendido, ao escrever: «... o modo de emprego deste precioso pequeno aparelho é simples e *sem perigo*: nos casos mais infelizes, se não faz bem, não pode fazer mal. *Não se pode dizer o mesmo de outros medicamentos...*»

### **Recomendação importante**

Se está universalmente reconhecido que os aparelhos electromagnéticos actualmente comercializados são inofensivos, isso não quer dizer, no entanto, que possam ser utilizados sem vigilância médica.

Basta ler atentamente (ou reler) os extractos do relatório dos médicos de Bruxelas, nas páginas anteriores, para notar que uma das pacientes tratadas (a Sra. Van B.) teve um pequeno incidente em consequência de «conexão errada da antena emissora durante uma semana».

Esta informação confirma, por si só, o bom fundamento da recomendação do construtor, que salienta que todos os seus modelos *são rigorosamente reservados a receita médica!*

Por muito tentador que seja fazer a aquisição de um dos dois modelos miniaturizados, a fim de realizar, em casa ou em viagem, um tratamento contra o reumatismo, as insónias, pequenas feridas eventuais, etc., não se deve nunca esquecer que o médico assistente deve definir a zona de aplicação e as modalidades do emprego (frequência das pulsações, duração da sessão, etc.).

### **Doas verdades que afinal são uma**

Para concluir, apresentamos uma anedota extraída do número de Dezembro de 1978 da revista *Psi-Réalités*.

Entrevistado por Laurent Gretz, o físico Marcel Fellus conta:

«Encontrei um curandeiro espanhol completamente iletrado e que não tinha portanto a menor possibilidade de conhecer as teorias electromagnéticas. Quando o fiz testar a onda do *FEL*, disse-me muito simplesmente: 'É o mesmo que eu transmito com as minhas mãos! É a onda da vida!」

## BIBLIOGRAFIA

- Béliard (Dr. Octave): *Magnétisme et Spiritisme* (Hachette).
- Dauven (Jean): *Les Pouvoirs de l'Hypnose* (Dangles).
- Moilin (Dr. Tony): *Traité Élémentaire de Magnétisme* (Libr. Int.)
- Moutin (Dr. L.): *Le Magnétisme Humain* (Libr. Ac. Perrin & Cie.).
- Jagot (Paul-C.): *Magnétisme, Hypnotisme, Suggestion* (Dangles).
- Magnétisme Personnel* (Dangles).
- L'Influence à Distance* (Dangles).
- Savin (Ch. de): *Le Magnétisme et Votre Santé* (Courrier du Livre).
- Saint-Yves, Cassac, Girod (Ch.): *Vos Mains Guérissent* (E. Chiron).
- Marcel (Dr. Jean-Louis): *Bioélectronique Médicale* (Maloine).

Faint, illegible text at the top of the page, possibly a header or introductory paragraph.

Section header or title, centered on the page.

Main body of faint, illegible text, possibly containing a list or detailed description.

## ÍNDICE

I. MESMER E OS SEUS DISCÍPULOS	
Mesmer, «O Cometa» ... ..	9
A semente germina . ... ..	19
A chave do mistério ... ..	29
Evolução das técnicas magnéticas ... ..	35
II. MAGNETIZADORES DE HOJE ... .. 63	
<i>Gilbert Créola</i> : O magnetismo, só o magnetismo ... ..	69
<i>Paul Adams</i> : Magnetismo e cosmobiologia ... ..	85
<i>Jean-François Ridon</i> : Magnetismo e hidroterapia ... ..	99
<i>Angel Gribaudo</i> : Magnetismo e naturopatia ... ..	113
<i>Michel Bontemps</i> : Magnetismo e «estiramento» ... ..	127
III. COMO TORNAR-SE MAGNETIZADOR	
Primeiras condições ... ..	155
O teste da mumificação ... ..	159
Curar em torno de si ... ..	163
IV. O ELECTROMAGNETISMO E AS SUAS «CAIXAS MILA- GROSAS»	
Traços comuns ao magnetismo e ao electromagnetismo ...	169
Do Golias americano ao David francês ou a metamorfose de uma «caixa de curar» ... ..	173
Aplicações actuais ... ..	183
<i>Bibliografia</i> ... ..	199